

Dr. Ítalu Bruno Colares de Oliveira - PhD, PD
Dr. Luis Borges Gouveia - PhD, PD

POSTULADOS PARA UMA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

UMA TESE PARA UM CURSO DE TEOLOGIA

Revisão: Dra. Jalmiris Regina Simão



ITALU COLARES
EDITORIAL

**POSTULADOS PARA UMA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA TESE PARA
UM CURSO DE TEOLOGIA**

Ítalu Bruno Colares de Oliveira¹

Luis Borges Gouveia²

1. Universidade Fernando Pessoa
2. Universidade Fernando Pessoa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, meu orientador, seguidores, admiradores, equipe profissional e todos os meus alunos, por acreditarem em mim e no meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Viviane Gonçalves Rocha Colares, que me amou e me apoiou durante toda a execução do pós-doutoramento. Te amo, meu amor !

Ao Alef Gonçalves Rocha Colares de Oliveira, que me aquece todos os dias com suas traquinagens, abraços e beijos. Te amo, meu filho!

À Gabriela, que contagia todos a sua volta com seu jeito agitado. Te amo, Gabi !

Aos meus pais, que me deram condições para prosseguir nos meus estudos e pesquisas. Sem vocês, eu não seria nada.

Ao meu orientador, que se tornou para mim um grande referencial, Dr. Luis Borges Gouveia. O senhor está me ajudando a cumprir mais uma etapa e quiçá, a mais importante da minha vida.

Agradeço ao mais importante da minha vida : Deus. Eu te amo !

PREFÁCIO

Teologia é o estudo crítico da natureza de Deus, seus atributos e sua relação com os homens. Na tradição cristã, em sentido estrito, limita-se aos estudos sobre teologia sistemática, bíblica, histórica e prática, mas em sentido amplo, aplica-se a qualquer religião, ou seja, ciências da religião.

Qual é a função da teologia?

A Teologia é a ciência do Sagrado, tem como objeto de estudo Deus e as coisas divinas. Nos leva a refletir sobre a Revelação para com o ser do humano. Estuda os princípios naturais e sobrenaturais desta realidade. Assim, este trabalho teve como objetivo apresentar em breves palavras o Método Teológico, seus pressupostos, suas definições gerais e sua formação histórica. Partindo da afirmação que para fazer Teologia o pressuposto da fé e o vínculo com a Igreja se faz fundamental, transcorreu ao longo deste instrumento a História destacando as figuras de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Apresentou-se as aproximações e distanciamentos entre o Método Científico contemporâneo e o Método Teológico, onde constatamos que ambos buscam passar por passos de desenvolvimento com verossimilhança, tendo cada qual algumas especificidades. Todavia, estas não fazem estes processos excludentes, pelo contrário, traçam linhas de proximidade e de auxílio mútuo. Quanto a especificidade da Ciência Teológica constatamos que além do já mencionados – fé e vínculo eclesial – o elemento de estudo mira o metafísico de Deus e a sua concretude na história do homem, enquanto espécie e objeto da salvação. Destacando que ao fazer Teologia busca-se um saber comunitário, que possa auxiliar a vida daquele que crê e trazer luz para aqueles que ainda buscam o sentido originário e último de sua existência. Tal como todo fazer científico existem pontos de atenção que precisam ser considerados para que a pesquisa não fique limitada ao mero interesse do pesquisador, tendo – no caso da Teologia Cristã – a fundamentação da Analogia da Fé (Analogia Fidei). Certamente não existe aqui a pretensão de esgotar a temática, antes dar caminho e bússola para aqueles que desejam percorrer o itinerário dos estudos em Teologia e fazer ciência a partir da realidade bíblico-teológica e prática.

Compreensão da Fé: Por meio da reflexão teológica, a teologia busca aprofundar a compreensão da fé, fortalecendo a base espiritual dos fiéis e proporcionando respostas a

perguntas fundamentais sobre a existência, o propósito da vida e a relação com o sagrado. Neste caso, a presente obra tem por objetivo ajudar nessa compreensão teológica, abrindo novas janelas para o entendimento da doutrina de Deus e sua relação com o universo e o homem. Portanto, promover novas luzes para os estudos teológicos, facilitando o seu conhecimento através de uma nova metodologia é o que propõe os autores.

O professores Ítalu Bruno Colares de Oliveira, teólogo, pedagogo, cientista da religião, PhD e pós-doutor, bem como Luís Borges Gouveia, PhD em ciência da computação, iniciam este manual científico sobre o curso de teologia (teoria e metodologia de ensino) com uma provocação que pode também ser compreendida como um grande desafio para a teologia brasileira. Trata-se de uma tese do seu pós-doutorado aprovada pela Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

Este livro assume uma das mais poderosas abordagens dos estudos teológicos desde a época do grande teólogo Schleiermacher. Daí sua importância para a formação dos futuros teólogos do mundo contemporâneo.

Por outro lado, esta tese de que fala o presente livro é a sua originalidade, bem como os seus postulados metodológicos e epistemológicos. O que nós temos diante de nós (estudantes e teólogos) ou podemos saber dessa praxiológica dos estudos teológicos é o que irá transformar o significado da presença da teologia na academia daqui para frente, já que o método aqui empregado, ultrapassa todos os limites, até o momento desenvolvidos pelos acadêmicos eclesiásticos.

Sendo assim, esta obra que temos em mãos representa o que temos de melhor nos campos da teologia, uma vez que os argumentos apresentados pelos autores contêm a atualização e possibilidade de alargamentos do objeto de estudo em questão. Por isso, é que recomendo a todos os estudantes, professores e pesquisadores teológicos da atualidade.

Prof. Dr. Roberto dos Santos, PhD. DD.D.Phil. PD.

Diretor do Seminário Teológico Antioquia Internacional

Membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil

Professor, pesquisador, escritor, conferencista internacional e ministro da CGAD

SUMÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DAS UNIVERSIDADES NO MUNDO E AS CONCEPÇÕES FRANCESA, ALEMÃ E AMERICANA NO ENSINO BRASILEIRO	24
1.1 - Conhecendo a história por traz das universidades	24
1.2- A concepção francesa de ensino	25
1.3- A concepção alemã de ensino	26
1.4- As diferenças entre as concepções francesa e alemã de ensino.....	28
1.5- A concepção americana de ensino	29
CAPÍTULO II - A HISTÓRIA DA EaD NO BRASIL E NO MUNDO APLICADO PARA O TRANSMITIR DO CONHECIMENTO TEOLÓGICO	31
2.1 - O Preconceito contra a Educação a Distância.....	31
2.2 - A educação teológica na história da igreja primitiva	31
2.3 - A educação teológica no Brasil	32
2.4 - A História do EaD no Mundo	34
2.5 - A história da EaD no Brasil	35
2.6 - A EaD hoje no Brasil	37
2.7 - Universidades EaD reconhecidas pelo MEC	37
2.8 - O Desenvolvimento da EaD no Brasil.....	38
2.9 - Metodologia utilizada na EaD para um curso de Teologia	39
CAPÍTULO III - SISTEMAS E FERRAMENTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA EaD POR MEIO DE MÍDIAS DIGITAIS	41
3.1 - O uso de ambientes virtuais multiutilizador em E-Learning	41
3.2 - O ensino a distância (EaD) associado com o desenvolvimento de interfaces	42
3.3 – Ferramentas EaD para teleconferências	43
CAPÍTULO IV - O SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL E SUAS DIFERENÇAS COM O EaD	45
4.1 – Principais diferenças entre a educação presencial e educação a distância	45
CAPÍTULO V - A TECNOLOGIA NA MODALIDADE EaD	48
5.1 – As primeiras tecnologias	48
5.1.1 - O meio impresso	48
5.1.2 – Tecnologias audiovisuais	51
CAPÍTULO VI - AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS DOCENTES COM RELAÇÃO ÀS TECNOLOGIAS DA EaD	52
6.1 – A falta de habilidade no manuseio de tecnologias aplicadas à EaD	52
6.2 – Materiais disponíveis para sua aplicabilidade na EaD	55
CAPÍTULO VII - A DEMOGRAFIA SÓCIO-ECONÔMICA DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL	57
7.1. O crescimento dos evangélicos no Brasil, nível, socioeconômico e cultural	57
7.2 - Os jovens evangélicos	59
7.3 - O rendimento dos evangélicos	59
7.4 - O perfil socioeconômico dos Evangélicos	60
CAPÍTULO VIII - O BACHARELADO EM TEOLOGIA NO BRASIL, SEUS VALORES, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E A FALTA DA APLICABILIDADE DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PARA O EXERCÍCIO DO OFÍCIO RELIGIOSO	64
8.1 - O Programa de Bacharelado em Teologia adotado pela UNINTER	64
CAPÍTULO IX - REFERENCIAL TEÓRICO E SUAS RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROGRAMA PROPOSTO	72

9.1 - Karl Marx	72
9.2 - Paulo Freire	74
9.2.1 - Seres inacabados	75
9.2.2 - Três etapas rumo à conscientização	75
9.2.3 - Para pensar	76
9.3. Sigmund Freud	76
9.3.1 - Estágio Oral	79
9.3.2 - Estágio Anal	79
9.3.3 - Estágio Fálico	79
9.3.4 - Período de Latência	79
9.3.5 - Estágio Genital	80
9.4 - Jean Jaques Lacan.....	80
9.4.1 - O estágio do espelho e o eu ideal	81
9.4.2 - Outros conceitos desenvolvidos por Lacan	83
9.5 – Vygotsky	84
9.6 - Jean Piaget	85
9.6.1 - Estágio Sensório-Motor	86
9.6.2 - Estágio Pré-Operatório	86
9.6.3 - Estágio Operatório Concreto	86
9.6.4 - Estágio Operatório Formal	86
9.7 - Rudolf Karl Bultmann	87
9.8 - Carl Gustav Jung	89
9.8.1 - Educação Pelo Exemplo	89
9.8.2 - Educação Coletiva	89
9.8.3 -Educação Individual	90
9.8.4 - As funções junguianas e a aprendizagem	90
9.9 - Ferdinand de Saussure	92
9.9.1 - As dicotomias saussurianas	92
CAPÍTULO X - AS CONTRIBUIÇÕES DOS TEÓRICOS ADOTADOS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O PROGRAMA EM QUESTÃO	97
10.1 - Karl Marx	97
10.2 - Paulo Freire	97
10.3 - Sigmund Freud	97
10.4 - Jean Jaques Lacan	98
10.5 – Vygotsky	99
10.6 - Jean Piaget	100
10.7 - Rudolf Karl Bultmann	101
10.8 - Carl Gustav Jung	102
10.9 - Ferdinand de Saussure.....	103
CAPÍTULO XI - O MÉTODO, A CRIAÇÃO, ESTRUTURA E A OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA PROPOSTO	105
11.1 - O programa ofertado	105
11.2 – Público	105
11.3 - O método aplicado	106
11.4 - O método E-Learnig Panoramic Selective Exhaustive Theology Fast	107
11.5 - Modalidade de ensino do programa	113
11.6 – Metodologia adotada	115
11.7 – Operacionalização do programa	115
	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
APÊNDICE 1: TÍTULO COMERCIAL DO MÉTODO	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122

RESUMO

DE OLIVEIRA, C. B. I. (2013). *POSTULADOS PARA UMA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: uma tese para um curso de Teologia*. Projeto de Pós-doutorado, Linha de Pesquisa E-Learning, Universidade Fernando Pessoa, Porto-Portugal.

As novas interfaces de mídia – tanto os tradicionais de Interface do Sistema Operacional e Aplicações de Software (HCI) e o que o autor chama de “interfaces culturais” – as interfaces entre o usuário humano e dados culturais. É a partir daqui que o homem consome educação, na mídia virtual. Ocorre que, adquirir conhecimentos de Teologia jamais será uma contraindicação. A educação pode ser feita através de redes, pois as redes funcionam por afetos e interesses comuns. Passaremos a analisar tal fenômeno. Os sistemas educativos, comunicação, formatos de trabalho, relações familiares, imaginário, entidades, organizações políticas têm um forte caráter estético, embora abordado em vários matizes em um mundo agora globalizado pela internet. Um tipo diferente de ecologia cognitiva vem se instalando com a multiplicação de possibilidades tecnológicas, sobretudo para áreas pobres e inacessíveis do interior da Amazônia, por exemplo, onde a comunicação por barco é intensa e pode formar estudantes de enorme qualidade cultural. Podem ser criados sistemas de ensino à distância através da modelagem de um ambiente virtual, representando uma sala de aula (ou uma escola), onde seus participantes (professores e alunos) relacionam-se por intermédio de seus respectivos avatares. O ensino à distância relaciona-se ao desenvolvimento de interfaces que possibilitem o relacionamento entre seus usuários. Atualmente, os meios utilizados para tal relacionamento variam desde comunicação assíncrona, tais como correio eletrônico e listas de discussões, até sistemas mais sofisticados que utilizam a comunicação sincronizada, envolvendo áudio e vídeoconferência, chats textuais, a plataforma Moodle, além de recursos de multimídia, principalmente através da www. O uso de ambientes virtuais com multiusuários em sistemas de ensino à distância permite aos participantes interagirem no mais alto grau de naturalidade, pois através do ambiente é possível a comunicação visual, e até mesmo oral, textual por exemplo pelo e-mail do site. A área de interação homem-computador envolve hardware, software, metodologias, técnicas, ferramentas e várias áreas do conhecimento humano. Contribuí para a compreensão e reflexão das novas dinâmicas socioculturais e econômicas, promovidas pela digitalização das tecnologias de comunicação, especialmente as midiáticas, na EAD e em nosso estudo de caso de uma aula de teologia.

As faculdades e universidades se moldaram conforme as instituições de ensino do século XIV. Mesmo com as diversas mídias digitais acessíveis para os nichos empresariais e educacionais as mesmas permanecem naquele modelo retrogrado. A Educação a Distância (EaD) veio como um artigo de luxo, sem que o modelo anterior fosse substituído. O mais interessante disso é que a cada dia que se passa surgem –programas que exigem cada vez menos dos estudantes. As universidades não deixam o retrogrado, porém cada vez mais, utilizam programas que menos desafiam os estudantes. Isso prejudica também a qualidade dos futuros profissionais da educação, especialmente os docentes. Isso, com certeza, irá criar profissionais cada vez menos qualificados. Enquanto isso as universidades que no fundo demonizaram a EaD, por meio de sua publicidade, a divulgam para aumentarem seus rendimentos.

O programa de Teologia se encaixa perfeitamente nesse contexto. As igrejas deram origem as primeiras universidades. Mesmo hoje, no século XXI, temos várias universidades mantidas por igrejas. Na verdade, mesmo assim, no Brasil, existe uma luta para desvincular uma instituição da outra.

O trabalho desenvolvido e descrito neste documento, aborda o conceito geral da Educação a Distância (EaD), tendo como objetivo a sua aplicação em seminários e faculdades teológicas no Brasil.

O estudo realizado teve por base minha experiência de anos de docência no ensino superior, na modalidade EaD, em seminários e faculdades teológicas. O projeto do pós-doutoramento foi dedicado à construção de uma proposta pedagógica para um curso de Teologia, apropriando dos recentes avanços associados ao ensino a distância.

Será abordada a necessidade da criação de um programa de Teologia para a população menos favorecida financeiramente e que almeje este conhecimento. Para refletir sobre o tema serão analisados dados e sentidos demográficos, que expõem as condições sócio-econômicas da comunidade evangélica no Brasil, assim como também o nível cultural desse público.

Quanto à legislação sobre o programa de bacharelado em Teologia, será analisada a grade curricular, conforme determinado pelo Ministério da Educação (MEC) do Brasil. A mesma grade será comparada com as atividades exercidas por um ministro religioso, em uma comunidade eclesial qualquer, buscando demonstrar as carências e potências no ofício religioso.

Será apresentada a proposta de um programa de bacharelado em Teologia, conforme determinado pelo MEC adequada às inovações do presente século. Para desenvolver uma análise consistente serão abordadas as atividades exercidas por ministros religiosos em seu ofício dentro das comunidades eclesiais.

Os referenciais teóricos utilizados para a produção do referido programa que favorecerão às pessoas de baixa renda e baixa compreensão intelectual, que desejam atuar no ofício religioso. Por fim, será demonstrado o processo do programa, assim como a estrutura do mesmo.

Palavras-chave: Bacharelado em Teologia - EaD - Metodologia Pedagógica – Organização Curricular

INTRODUÇÃO

Um panorama da educação a distância no passado e hoje no Brasil

A Educação a Distância (EaD) tem estado em desenvolvimento bem antes da revolução digital, no período do primeiro século da era cristã, quando se liam as cartas apostólicas nas comunidades eclesiais. Posteriormente, surgiram nas igrejas as primeiras universidades e escolas. No Brasil, no período dos descobrimentos é que a educação começa a entrar no cenário nacional, com Inácio de Loyola e a Companhia de Jesus, na catequização dos índios e com o ensino das artes liberais. Claro que de forma limitada. Aos senhores de engenho era facultado, no período da colonização, enviar os seus filhos para universidades de referência na Europa, com o fim de ampliar os seus conhecimentos e educação. A princípio não existiam universidades no Brasil. As pessoas que tinham posses e condições para ampliar a sua educação precisavam de viajar para o exterior, constituindo práticas de intercâmbio. Não seria irracional afirmar que a educação a distância teve um forte papel na formulação do ensino, desde estes tempos.

No Brasil, a educação a distância foi primeiramente usada por meio do sistema televisivo, com o telecurso, exibidos diariamente às 6 horas e também por meio de revistas.

Ainda há poucos anos, a educação a distância era tratada de forma preconceituosa no Brasil. Nos dias atuais o preconceito persiste. Mas perante os indicadores, o número de empresas e de universidades brasileiras que estão cada vez mais a aderir a esta metodologia tem se elevado. Não por ser a mais eficaz, mas para assegurar uma maior angariação de fundos. Os brasileiros fazem parte do grupo de pessoas que mais trabalham em horas por dia, no mundo. Agora, até que ponto esta metodologia é eficaz no desenvolvimento humano e até que ponto ela pode ser nociva? Continua a ser uma discussão. Hoje, perante uma sociedade avançada tecnologicamente, estamos cada vez mais dependentes da tecnologia e com menos contato humano. Estamos com mais atividades, porém, cada vez mais reclusos. Pesquisas recentes apontam que a Internet é o primeiro lugar para pesquisas por 50% da população. Então, não será irracional afirmar que este dado pode constituir um indicador da reclusão humana por parte de quem depende do digital em sua procura por informação.

Os seminários e faculdades de Teologia que se aventuram na modalidade de ensino a distância

Muitos seminários e faculdades de Teologia têm se aventurado na modalidade a distância. Muitos deles não possuem a tecnologia necessária e nem o material humano necessário (corpo docente qualificado) para fornecer uma qualidade de ensino online. Esses também não possuem pressão do Ministério da Educação do Brasil para melhorarem seu equipamento e seu corpo docente. Estes, em sua maioria, não são reconhecidos pelo Ministério da Educação. Boa parte desses seminários e faculdades desmerecem a Teologia, com atitudes dessa natureza. O que pode ser observado pelos preços baixos dos cursos que tais instituições oferecem incluídos em sites, como Mercado Livre.

O interessante é que no Brasil existe uma grande exigência do Ministério da Educação para com as universidades e instituições de ensino superior, legalmente reconhecidas, em relação ao ensino a distância. Já na educação informal não existe nenhuma regulação, a não ser a prescrita na Lei de Diretrizes e Bases de Educação/96 e na própria Constituição Federal, como é o caso dessas instituições teológicas em sua maioria. Deste modo, coloca-se a questão: qual o grau de credibilidade das pesquisas pessoais em artigos, vídeos, notícias, blogs, sites, revistas digitais na Internet?

O emburrecimento, doutrinação e manipulação da sociedade brasileira

A mídia por concessão governamental no Brasil (TV e Rádio) é uma prova deste fenômeno da manipulação das massas, em publicações para o interesse de empresas privadas e para a criação da imagem de políticos, além de ser forma de propaganda (por exemplo, dar uma cara nova a um governo). Na Internet também não é diferente. Muitos pensam que a Internet é o mesmo que estar na TV. Em complemento, pensam também que tudo que está na Internet, então é verdade. Coloca-se assim outra questão : até que ponto a educação informal é digna de aceitação ou não? Na verdade sempre que existe um interesse monetário por trás da educação, isso deve ser colocado à prova. Notícias como: beber cerveja faz bem à saúde ou comer Cacau Chow alimenta sua inteligência, são alguns dos exemplos de como a informação que temos ao nosso alcance não tem interesse em informar, mas sim, em nos doutrinar para continuarmos sendo seus consumidores compulsivos.

O primeiro autor defende que, no caso do Brasil, esta sendo colocado um plano de “emburrecimento” da sociedade por meio da doutrinação (até marxista). Desde os anos 80, em larga escala na mídia, promovendo a liberdade sexual, quebra dos valores morais e desprezo para com a intelectualidade humana. No campo religioso e teológico pode-se observar o avanço da teologia da prosperidade adentrando em igrejas, seminários e faculdades de teologia. Na mídia, por concessão governamental, se pensa em doutrinar a personalidade dos homens para que assim, sejam facilmente dominados e também formulem a sede pelo consumismo. Mas mesmo na Internet, com tantas falácias, é fato que temos mais informação disponível do que na mídia tradicional. A educação a distância abre uma esperança para sairmos das propostas mais tradicionais em ciências da educação, que afirmam que nossa educação é baseada em decorar dados e não entender os mesmos.

A educação a distância na internet

O benefício da internet é que, por mais que tenhamos várias fontes não confiáveis, podemos ter acesso a várias outras fontes confiáveis e diversas, de forma gratuita, em muitos dos casos. As pessoas que trabalham 18 horas por dia, e são muitas, são as mesmas que não têm tempo para uma educação presencial, em formato tradicional. Nesse caso, a educação a distância é uma forma alternativa dessas pessoas se educarem. Mas são perguntas fundamentais neste contexto : todos têm a disciplina para este tipo de aprendizagem? sabem estes, pelo menos, organizarem seu tempo?

Porém, o objetivo do trabalho não é contestar a educação a distância. De fato, existe por parte do primeiro investigador, responsabilidades diretas em três instituições educacionais, que trabalham de forma direta, com educação a distância. Qual seria a melhor forma de produzir uma educação teológica de qualidade a distância, de forma que possa se diferenciar no mercado, das demais propostas que temos hoje? A educação a distância pode substituir a educação presencial das faculdades? Estas são algumas questões que o desenvolvimento do digital e das questões de sustentabilidade colocam nos dias de hoje.

A doutrinação ideológica e política dentro das universidades e o reflexo disso para uma educação a distância de qualidade.

Em contrapartida, em muitas universidades brasileiras, é desenvolvido o ensino de certo e errado, por meio de uma doutrinação de origem marxista, sem espaço para o diálogo de ideias contrárias. Então, neste caso, é cada um por si, criando uma falta sensação de certeza, desligada da realizada e da preparação que uma sociedade do século XXI requer.

O fato é que mesmo dentro das universidades federais brasileiras estão formando pessoas doutrinadas sem a menor chance de questionar. Aqueles que optam em se informar por meio da internet estão sujeitos a toda a espécie de informação ,verídica ou não. Por sua vez, aqueles que buscam a informação pelos meios de concessão governamental estão sujeitos a serem manipulados por grandes empresas e até mesmo pelo estado. Quem poderá defender o indivíduo? Que mecanismos, é possível a nossa sociedade, constituir para formar indivíduos que sejam sensibilizados para lidar com informação de forma crítica?

Os benefícios e malefícios do atual ensino á distância

A questão é que, se a educação a distância tem os seus benefícios, tem também os seus malefícios. Os benefícios em se estudar dentro de casa podem ser facilmente observados pelo conforto e até qualidade de vida, com mais tempo e menos custos de deslocação possam oferecer. Porém, o malefício da falta do contato humano, que é algo terapêutico para a saúde emocional e até física do sujeito, é algo incontestável. Na verdade, no Brasil, hoje temos uma parcela significativa desta nova geração que está completamente alienada e não sabe refletir. Como uma pessoa poderá saber distinguir a informação verdadeira da falsa, se falta o poder cognitivo da reflexão? Como ela saberá que está cursando um curso online de qualidade ou não?

O perfil do docente ou tutor para o ensino á distância

Neste contexto, uma resposta possível, seria o profissional da educação qualificado assumir-se como líder do processo de descoberta do conhecimento e liderar o desenvolvimento da percepção da informação, sem abandonar os meios tecnológicos para tal. No inconsciente coletivo humano temos a necessidade de sermos liderados. Se se pretender não incorrer na falha de uma educação errada, devemos ter homens com

poder reflexivo, mesmo antes do uso da tecnologia e dos meios que possuímos hoje. Mas como saber quem é quem?

Claro que, como num livro em que devemos conhecer o autor da obra e sua formação acadêmica, temos de criar contextos de análise para estes novos meios. No caso de uma educação feita por meio da internet é necessário conhecermos as credenciais da empresa e até mesmo das instituições que se prestam a este tipo de serviço. Mas com a falta de poder reflexivo e o fato de que muitos no Brasil ainda se encontram na base da pirâmide de Maslow, está é a menor preocupação desta parcela da sociedade.

Mas aqui temos um outro problema quando universidades e empresas terceirizam o sistema de TI, sem dar muita importância à informação ali contida e se preocupam mais com a angariação de fundos e a componente estética funcional.

Na verdade a chave para uma educação a distância de sucesso é a mesma estar sob o domínio de profissionais da educação com credenciais para tal, que supervisionem e produzam os conteúdos pedagógicos para serem disponibilizados tendo como principal interesse a própria educação e não o fator econômico – não transfigurando as questões de ensino em um mero serviço comercial.

As interfaces digitais e a EAD

As novas interfaces da mídia trazem novas oportunidades. Um exemplo é o uso do computador, com seu sistema e aplicações, é o que designamos por “interfaces culturais” – as interfaces entre o ser humano e os dados culturais. É a partir daqui que o homem consome educação, na mídia virtual. Em complemento, para adquirir conhecimentos de Teologia também se recorre às redes sociais, pois elas funcionam por afetos e interesses comuns.

Os sistemas educativos, comunicação, formatos de trabalho, relações familiares, imaginário, entidades, organizações políticas, têm tido um forte caráter estético, embora abordado em várias matizes, em um mundo agora globalizado pela internet. Um tipo diferente de ecologia cognitiva vem se instalando com a multiplicação de possibilidades tecnológicas, sobretudo para áreas pobres e inacessíveis do interior da Amazônia, por exemplo, onde a comunicação por barco é comum, com o potencial de formar estudantes de enorme qualidade cultural.

O ensino a distância está associado com o desenvolvimento de interfaces que possibilitem o relacionamento entre atores. Atualmente, os meios podem ser de comunicação assíncrona, como por exemplo o email, ou síncrona como a áudio e a vídeoconferência.

O uso de ambientes virtuais multiutilizadores permitem aos participantes interagirem com o mais alto grau de naturalidade, pois torna possível a comunicação visual, textual e até verbal. A interação contribui para a compreensão e reflexão das novas dinâmicas socioculturais e econômicas promovidas pela digitalização, especialmente as mediáticas mesmo no caso de uma aula de Teologia.

A partir do século XIX, a EAD começou a ser utilizada em vários outros países como solução para que pessoas que viviam distantes de instituições de ensino pudessem aprender. Além de novos cursos nos Estados Unidos, Suécia e Alemanha surgiram também iniciativas na França, na antiga União Soviética, Japão, Austrália, Noruega, África do Sul, Argentina, Espanha e muitos outros países.

No começo, os cursos EAD eram voltados para aperfeiçoamento profissional ou ofereciam conteúdo complementar da formação universitária. Com o passar do tempo, foi se tornando possível fazer até uma graduação completa a distância.

Apoiando-se na dificuldade de levar o conhecimento a regiões mais afastadas do país, instituições conceituadas aderiram a esse modelo de ensino e passaram a oferecer cursos dessa natureza, realizados total ou parcialmente a distância.

Em meio a uma sociedade cada vez mais interconectada por redes de tecnologia digital, cursos não presenciais são criados e difundidos rapidamente por meio da internet, rompendo uma das principais barreiras da EaD, realizada por meio de veículos como correio, rádio ou televisão, havendo completa falta de interatividade no processo.

Mesmo com a história por trás da EaD, ainda existe preconceito com relação a essa modalidade de ensino. Esse preconceito tem diminuído de forma considerável nos últimos anos.

Esse artigo irá quebrar o tabu sustentado por boa parte da população brasileira que coloca a EaD como um sistema de ensino sem critérios e depreciativo. Serão analisadas as duas modalidades, levando em consideração a história do nascimento das primeiras universidades e, de forma técnica, suas características lado a lado.

Quando analisado os dados demográficos dos evangélicos brasileiros, constata-se que a grande massa evangélica ,principalmente os pentecostais, possui um baixo nível de educação e também de rendimentos mensais. Datavênia, os espíritas estão bem a frente dos evangélicos em rendimentos e desenvolvimento cultural.

Mesmo com tantos seminários teológicos “livres” no Brasil, já foi constatado em artigos anteriores, que os mesmos parecem não possuir estrutura de TI para ofertar uma educação online de qualidade. Esses mesmos seminários, apesar de aparentemente entenderem a realidade das comunidades eclesiais, não fornecem subsídios práticos e relevantes para que os formados nesses seminários apliquem os conhecimentos teológicos nessas mesmas comunidades. Isso pelo fato de que muitos dos ingressos nesses seminários não possuem nível cultural relevante para a compreensão da teologia, que por si só utiliza-se de uma linguagem rebuscada e altamente erudita. Isso torna o aprendizado desses alunos cheio de falhas e difícil de ser aplicado a vida ministerial.

Por outro lado temostambém as faculdades que mesmo credenciadas pelo MEC no Brasil, seguem a regulamentação da Constituição Federal, da Lei das Diretrizes e Bases da Educação/96 e demais legislação pertinente. Mas disponibilizam uma grade de curso insatisfatória para a prática do ofício religioso, dentro das comunidades evangélicas. Isso porque o Ministério da Educação, que é o órgão regulador da educação no Brasil, não compreende e nem deseja compreender o funcionamento das comunidades eclesiais. Eles atuam unicamente na esfera acadêmica. Além do fato dos pentecostais, em sua maioria, não possuírem um nível de cultura elevado, os mesmos não são agraciados financeiramente para cursar um bacharelado em teologia, em instituições reconhecidas pelo MEC. Somente resta essa oportunidade para a minoria da minoria, que ainda irá se deparar com uma grade insatisfatória para o ofício religioso.

Neste artigo tendo em mente todos os produzidos anteriormente, para esse pós doutoramento foi traçado um plano que possa atender às pessoas de baixa renda e nível cultural insatisfatório, para admissão nos programas superiores, sem esquecermos daqueles que possuem melhores condições e desejam atuar no ofício religioso.

No caso o programa proposto deverá ser mais prático, condensado de forma que possa atender a ambos os públicos, que são desejosos de atuar no ofício religioso junto às comunidades cristãs evangélicas , principalmente pentecostais.

A justificativa do trabalho em questão

Como método, no ensino a distância, reparem que os nós das redes serão os mesmos, o que difere é a forma de relacionamento entre si. A rede digital deve ser distribuída em equidade: a da – perfeição, esquerda, está centralizada (erro); a do centro está descentralizada (regular) e a da direita está distribuída igualmente.

Os objetivos do trabalho em questão

1. Aprofundar conceitos e perspectivas do campo teológico comunicacional, quanto às dinâmicas de relacionamento entre as instâncias de produção e recepção;
2. promover uma aproximação com os novos paradigmas sociais e culturais constituídos, a partir dos usos das novas mídias e da digitalização dos ensinamentos pedagógicos tradicionais;
3. compreender os novos desafios do ensino de teologia nessa ambiência digital.

O método do trabalho em questão

As atividades de pesquisa e os resultados serão monitorados em uma avaliação continuada, visando a aprendizagem do aluno, nos seguintes termos a seguir:

a) No processo de aprendizagem o aluno aprende:

1. na aquisição, compreensão e aplicação dos conhecimentos;
2. na participação dos trabalhos, onde se fará uma comparação da obra bíblica.

b) O aluno sabe:

1. ver e interpretar os textos bíblicos de forma adequada e expressar-se de forma correta dentro de sua contextualização histórica e cultural.
2. utilizar os conhecimentos adquiridos;
3. aplicar os conhecimentos em novas modalidades de pesquisa pelos estudantes da universidade americana Emil Brunner World University, que receberão orientação teórica.

A realização da pesquisa teórica com revisão bibliográfica, deverá abranger autores do campo da teologia e nossa finalização do trabalho deverá culminar na elaboração de artigo sobre a pesquisa desenvolvida .

A teoria levantada

Um recorte histórico sobre Paulo Freire para melhor entendimento de sua teoria

Paulo Freire (1921-1997) foi o mais célebre educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, ele desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. O principal livro de Freire se intitula justamente Pedagogia do Oprimido e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra.

Prática aliada da teoria

Ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, Freire condenava o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas , isto é, as "escolas burguesas", que ele qualificou de educação bancária. Nela, segundo Freire, o professor age como quem deposita conhecimento num aluno apenas receptivo, dócil. Em outras palavras, o saber é visto como uma doação dos que se julgam seus detentores. Trata-se, para Freire, de uma escola alienante, mas não menos ideologizada do que a que ele propunha para despertar a consciência dos oprimidos. "Sua tônica fundamentalmente reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade" escreveu o educador. Ele dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que defendia tinha a intenção de inquietá-los.

A teoria do conhecimento em Paulo Freire

Freire criticava a idéia de que ensinar é transmitir saber porque para ele a missão do professor era possibilitar a criação ou a produção de conhecimentos. Mas ele não comungava da concepção de que o aluno precisa apenas de que lhe sejam facilitadas as condições para o auto-aprendizado. Freire previa para o professor um papel direto e

informativo . Portanto, ele não pode renunciar a exercer autoridade. Segundo o pensador pernambucano, o profissional de educação deve levar os alunos a conhecer conteúdos, mas não como verdade absoluta. Freire dizia que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas. "Os homens se educam entre si mediados pelo mundo", escreveu. Isso implica um princípio fundamental para Freire: o de que o aluno, alfabetizado ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor nem pior do que a do professor. Em sala de aula, os dois lados aprenderão juntos, um com o outro e para isso é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar. "Uma das grandes inovações da pedagogia freireana é considerar que o sujeito da criação cultural não é individual, mas coletivo" diz José Eustáquio Romão, diretor do Instituto Paulo Freire, em São Paulo.

A valorização da cultura do aluno é a chave para o processo de conscientização preconizado por Paulo Freire e está no âmago de seu método de alfabetização, formulado inicialmente para o ensino de adultos. Basicamente, o método propõe a identificação e catalogação das palavras-chave do vocabulário dos alunos - as chamadas palavras geradoras. Elas devem sugerir situações de vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade em que se atua, como por exemplo "tijolo" para os operários da construção civil.

A didática freiriana

Diante dos alunos, o professor mostrará lado a lado a palavra e a representação visual do objeto que ela designa. Os mecanismos de linguagem serão estudados depois do desdobramento em sílabas das palavras geradoras. O conjunto das palavras geradoras deve conter as diferentes possibilidades silábicas e permitir o estudo de todas as situações que possam ocorrer durante a leitura e a escrita. "Isso faz com que a pessoa incorpore as estruturas lingüísticas do idioma materno" diz Romão. Embora a técnica de silabação seja hoje vista como ultrapassada, o uso de palavras geradoras continua sendo adotado com sucesso em programas de alfabetização em diversos países do mundo.

O método Paulo Freire não visa apenas tornar mais rápido e acessível o aprendizado, mas pretende habilitar o aluno a "ler o mundo" na expressão famosa do educador".Trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la)", dizia Freire. A alfabetização é, para o

educador, um modo de os desfavorecidos romperem o que chamou de "cultura do silêncio" e transformar a realidade, "como sujeitos da própria história".

No conjunto do pensamento de Paulo Freire encontra-se a idéia de que tudo está em permanente transformação e interação. Por isso, não há futuro *a priori*, como ele gostava de repetir no fim da vida, como crítica aos intelectuais de esquerda que consideravam a emancipação das classes desfavorecidas como uma inevitabilidade histórica. Esse ponto de vista implica a concepção do ser humano como "histórico e inacabado" e conseqüentemente sempre pronto a aprender. No caso particular dos professores, isso se reflete na necessidade de formação rigorosa e permanente. Freire dizia, numa frase famosa, que "o mundo não é, o mundo está sendo".

Três etapas rumo à conscientização

Embora o trabalho de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire tenha passado para a história como um "método", a palavra não é a mais adequada para definir o trabalho do educador, cuja obra se caracteriza mais por uma reflexão sobre o significado da educação. "Toda a obra de Paulo Freire é uma concepção de educação embutida numa concepção de mundo", diz José Eustáquio Romão. Mesmo assim, distinguem-se na teoria do educador pernambucano três momentos claros de aprendizagem. O primeiro é aquele em que o educador se inteira daquilo que o aluno conhece, não apenas para poder avançar no ensino de conteúdos, mas principalmente para trazer a cultura do educando para dentro da sala de aula. O segundo momento é o de exploração das questões relativas aos temas em discussão - o que permite que o aluno construa o caminho do senso comum para uma visão crítica da realidade. Finalmente, volta-se do abstrato para o concreto, na chamada etapa de problematização: o conteúdo em questão apresenta-se "dissecado", o que deve sugerir ações para superar impasses. Para Paulo Freire, esse procedimento serve ao objetivo final do ensino, que é a conscientização do aluno.

A coerência freiriana

Um conceito a que Paulo Freire deu a máxima importância, e que nem sempre é abordado pelos teóricos, é o de coerência. Para ele, não é possível adotar diretrizes pedagógicas de modo conseqüente sem que elas orientem a prática, até em seus aspectos mais corriqueiros. "As qualidades e virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e fazemos", escreveu o educador.

"Como, na verdade, posso eu continuar falando no respeito à dignidade do educando se o ironizo, se o discrimino, se o inibo com minha arrogância?"

Uma universidade americana com uma proposta similar a de Paulo Freire

A Emil Brunner World University é uma universidade americana com uma proposta semelhante a esta de inclusão. Podemos ver isso no seguinte parágrafo, encontrado no site <http://ebwus.com/BR/marca.html>:

Entendemos que a educação é um direito de todos os cidadãos, independentemente da etnia, status social ou riqueza, porém nossa universidade tem normas específicas para admissão de novos alunos de acordo com nossas normativas internas pedagógicas e acadêmicas. Foi fundada principalmente para atender brasileiros que moram nos USA e que não falam inglês mas desejam ter acesso ao ensino norte americano considerado por muitos como modelo de educação no mundo. A EBWU atende brasileiros que querem ampliar, citar uma experiência internacional em seus currículos com um diploma americano. Nossos acadêmicos não precisam se privar da companhia de seus familiares pois o ensino é 100% EAD.

Paulo Freire pensou em uma educação para todos, e que nós entendemos que a internet é o melhor veículo de acesso mundial para a educação inclusiva.

No contexto atual do sistema educativo é cada vez mais premente integrar as tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de reduzir as taxas de retenção, pelo poder motivador de interação que as ferramentas da Web apresentam e para que os alunos não vejam a faculdade teológica como um espaço desfasado das suas realidades quotidianas, que incorporam um número crescente de tecnologias de informação e comunicação (TIC), do digital e das redes, quer em lazer, quer em contexto de trabalho.

1.2 Objetivos do trabalho

Com este trabalho pretendeu-se apropriar os conceitos e as perspectivas do campo teológico comunicacional quanto às dinâmicas de relacionamento entre as instâncias de produção e recepção, considerando as possibilidades do ensino a distância e o potencial das redes e do digital.

Deste modo, consideram-se quatro objetivos a elaborar no presente relatório:

1. Promover uma aproximação com os novos paradigmas sociais e culturais constituídos a partir dos usos das novas mídias e da digitalização no ensino e nas estratégias pedagógicas tradicionais;
2. Compreender os novos desafios do ensino de teologia na ambiência digital, colocando o tema em debate;

3. Criar um novo programa teológico que possa atender às necessidades das pessoas que buscam se preparar para o ofício religioso na modalidade EaD. Este programa será desenvolvido com a utilização de vídeos, PDFs, MindMaps e transmissões ao vivo por meio de plataformas digitais de aprendizagem e por meio de um sistema streaming;
4. Criar um observatório de E-Learning para a gestão do conhecimento adquirido durante o desenvolvimento do projeto, bem como, para as atividades desenvolvidas.

A educação para todos como metodologia

A realização da pesquisa é de caráter teórico com revisão bibliográfica, que deverá abranger autores do campo da teologia. Tem como finalidade a elaboração de três artigos, resultantes da pesquisa desenvolvida.

A metodologia utilizada no trabalho busca embasamento principalmente da educação freiriana, que preconiza que a educação é para todos. Foi aplicado esse conceito para o ensino EaD em teologia.

Nessa metodologia utilizou-se um acervo bibliográfico significativo na área da educação EaD e do campo de pesquisa da teologia. Analisou-se a história da EaD e sua conexão com o sistema eclesiástico. Também foram analisados os cursos superiores de teologia oferecidos por seminários maiores e faculdades devidamente reconhecidas pelo MEC no Brasil.

Foram ministradas aulas e debates, além da análise do senso demográfico brasileiro, com foco na educação e condições monetárias dos evangélicos, principalmente os de confissão pentecostalista.

O tempo do projeto para a pesquisa foi de 6 meses. Os pesquisadores envolvidos debateram o tema diversas vezes por meio de transmissões pela internet e presencialmente no campus da universidade, no Porto, em Portugal.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DAS UNIVERSIDADES NO MUNDO E AS CONCEPÇÕES FRANCESA, ALEMÃ E AMERICANA NO ENSINO BRASILEIRO

1.1 – Conhecendo a história por traz das universidades

Dando um mergulho na história da universidade, vemos que desde a criação das primeiras instituições, nos séculos XII e XIII, na Idade Média, como a Universidade de Bolonha, criada em 1190, a Universidade de Oxford, fundada em 1164, e a Universidade de Paris criada em 1215, esta instituição social vem tentando conquistar sua autonomia, primeiramente, diante do poder da Igreja, pois a universidade Medieval se estruturou fundamentalmente como uma corporação sob o controle da Igreja.

A partir do século XV, com a emergência dos Estados Nacionais, a universidade passou a ser controlada pelo poder do Estado. A reforma protestante cede a dinâmica da instituição, rompendo com o monopólio da Igreja, mas a reação da contra reforma teve uma forte influência, sobretudo na Península Ibérica e em suas colônias.

No final do século XVIII, a universidade iluminista foi sacudida pela revolução de 1789, antiuniversitária por excelência, pois condenou a instituição universitária como sendo um aparato do regime antigo, colocando em seu lugar escolas profissionais de ensino superior. Da França e da Prússia surgiram, no início do século XIX, as primeiras modernas e laicas: a napoleônica, para formar quadros para o Estado, a de Berlim, com ênfase na integração entre o ensino e a pesquisa e na busca da autonomia intelectual diante do Estado e da Igreja.

Nesse sentido a universidade desde os seus primórdios, enquanto instituição, vem buscando conquistar a sua autonomia frente ao Estado e a Igreja, sendo que a história da universidade confunde-se com a sua luta pela conquista da autonomia acadêmica, didática e administrativa.

As faculdades e universidades se moldaram conforme as instituições de ensino do século XIV. Mesmo com as diversas mídias digitais acessíveis para os nichos empresariais e educacionais, as mesmas permanecem neste mesmo modelo retrogrado. A verdade é que as instituições de ensino aplicaram essas diversas mídias a um modelo retrogrado. O retrogrado nunca saiu do bojo das universidades. A EaD veio como um artigo de luxo sem que o retrogrado fosse substituído. O mais interessante disso é que

cada dia que se passa, existem programas que exigem cada vez menos dos estudantes. As universidades não deixam o retrogrado, porém, cada vez mais nascem programas que fogem do padrão universitário, exigindo menos dos seus estudantes. Isso prejudica também a qualidade dos nossos futuros professores.

Isso com certeza irá criar profissionais cada vez menos qualificados para o mercado. Enquanto isso mesmo as universidades que no fundo demonizam a EaD, por meio de sua publicidade a divulga para aumentarem seus rendimentos.

O programa de teologia se encaixa perfeitamente nesse contexto. As igrejas deram origem as primeiras universidades. Mesmo hoje, no século XXI, temos várias universidades mantidas por igrejas. Na verdade, mesmo assim no Brasil, existe uma luta para desvincular isso.

Data da primeira metade do século XIX, o surgimento dos dois modelos distintos de ensino superior: o alemão e o francês, que terão uma influência significativa sobre a concepção e estrutura do ensino superior no Brasil.

1.2- A concepção francesa de ensino

O padrão francês napoleônico influenciou as universidades tradicionais da América Espanhola e inspirou a formação tardia das primeiras faculdades profissionais no Brasil, no século XIX. A universidade propriamente dita no Brasil, se formou na primeira metade do século XX, sob as influências dos modelos francês e alemão, como foi o caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), criada em 1920 e da Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1934, embora antes tivessem sido criadas universidades privadas efêmeras, tais como a de Manaus, surgida em 1909 e extinta em 1926, a de São Paulo, originada em 1911 e extinta em 1917 e a do Paraná, criada em 1912 e extinta em 1915 (CUNHA, 1986).

O Ensino Superior francês da primeira metade do século XIX apresenta uma grande singularidade em relação a todos os outros países europeus, na medida em que Napoleão aboliu as universidades pela Convenção de 15 de setembro de 1807. As universidades eram mal vistas pelos revolucionários franceses, devido ao espírito corporativo, quase medieval, nelas existente e a ênfase na cultura clássica, que impedia a entrada das ciências experimentais e do enciclopedismo. Em síntese, a universidade francesa era vista como um “aparelho ideológico do Antigo Regime”.

Nesse sentido, a primeira e principal idéia adotada para o ensino superior brasileiro, desde a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, foi a recusa da criação de uma universidade, havendo fundação de faculdades isoladas. Essa posição foi assumida por muitos governantes brasileiros, fazendo com que a Assembléia Geral Legislativa deixasse de aprovar 42 projetos de criação de universidades, no período imperial (CUNHA, 1986, p 137).

A influencia francesa sobre a concepção organizacional (institucional) da educação superior brasileira pode ser detectada sobretudo no Rio de Janeiro, mais do que em São Paulo. Isto porque o modelo napoleônico de universidade, caracterizado por escolas isoladas de cunho profissionalizante, com dissociação entre ensino e pesquisa e grande centralização estatal, que vai marcar profundamente a organização da universidade do Rio de Janeiro. Não houve como em São Paulo, a preocupação de introduzir a pesquisa como uma das principais finalidades da universidade, nem com a constituição de uma faculdade de filosofia, ciências e letras – entendida como o coração da universidade, como centro integrador da idéia de universidade, responsável pela ciência livre e desinteressada – características do modelo universitário alemão do século XIX, que influenciou a organização da USP.

1.3- A concepção alemã de ensino

As faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que, nas universidades alemãs, representam o órgão universitário por excelência, integrador das demais atividades e fontes de pesquisas inovadoras, na França não preencheram essa função, situando-se na hierarquia científica abaixo das escolas especializadas. Isso verifica-se em vários níveis:

- nos custos e na duração maior dos estudos de Direito e de Medicina, por exemplo, em relação aos das faculdades de Letras e Ciências;
- nas origens sociais dos estudantes, provenientes das classes menos favorecidas, no caso dessas ultimas;
- e nos salários dos docentes, maiores e mais compensadores no caso das faculdades profissionais (CHARLE;VERGER. 1996, p 78-79).

Mais uma vez encontramos uma proximidade entre a estrutura da universidade francesa e da UERJ, que ao contrário da USP, não possuía uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nos moldes aproximativos do modelo alemão. A Faculdade Nacional

de Filosofia, Ciências e Letras da UERJ, instituída pela Lei número 425 de 1937, sempre caracterizou-se pelo enfoque no ensino profissionalizante, sem o desenvolvimento de uma tradição em pesquisa na área de humanidades, não exercendo o papel de órgão integrador por excelência das atividades universitárias.

O caráter fragmentado e profissionalizante das instituições brasileiras de ensino superior vinha recebendo críticas desde a época imperial, críticas estas que se dirigiram as primeiras universidades criadas no século XX, como a do Rio de Janeiro. Em 1926, Fernando de Azevedo, um dos principais idealizadores da USP, defendia a idéia de integração da instituição universitária, com a ultrapassagem da mera formação profissional e especializada, através da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Ele denunciava a insuficiência das escolas profissionais, meras transmissoras de um saber não superior, porque estritamente especializado e comprometido com aplicações imediatas. Defendia um cultivo de um saber livre e desinteressado, capaz de contribuir para o progresso da nacionalidade em formação e para o enriquecimento da educação. Somente uma universidade que cultivasse esses valores poderia ser eficaz na formação das novas elites dirigentes. A FFCL seria o local onde se desenvolveriam os estudos da cultura livre e desinteressada. Ela seria o *locus* do curso básico preparatório para todas as escolas profissionais.

Dos modelos de universidade instituídos a partir do século XVIII na Europa, o que mais se assemelha a esta concepção de universidade como formadora de elites dirigentes com base na constituição de uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como órgão central do Ensino Superior e com conseqüente ênfase na formação científica de cunho humanista, não pragmático, é o modelo alemão.

A criação da Universidade de Berlim, em 1810, representou um marco fundamental para a concepção moderna de universidade. Foi precedida por uma reflexão teórica da qual fizeram parte filósofos, como Fichte, Shelling e Scheleiermacher e filólogos, como Wolf e Guilherme de Humboldt, o verdadeiro fundador da universidade de Berlim. Segundo Humboldt, em seus escritos concebe o trabalho científico como livre de quaisquer tipos de injunções e pressões como do Estado, da Igreja e outras demandas externas ao campo acadêmico e universitário.

Segundo a concepção alemã do século XIX, para que a universidade desempenhe plenamente o seu papel, ela deve ser autônoma, embora sua existência dependa

economicamente do Estado. Nesse sentido, num estado que limite a liberdade de ensino e de pesquisa, que impeça a busca e a transmissão incessante da verdade científica, não será possível a existência de uma autêntica universidade. Ainda segundo esta concepção, existe uma preocupação fundamental com a formação integral e humanista do homem, ao invés da formação meramente profissional, voltada para o mercado de trabalho.

1.4- As diferenças entre as concepções francesa e alemã de ensino

Encontramos acentuadas divergências entre a concepção alemã e francesa de universidade. O modelo alemão enfatiza a importância da pesquisa na universidade, e mais do que isso, da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e formação; ao passo que, no modelo francês, a pesquisa não é tarefa primordial da universidade, havendo dissociação entre universidades, que se dedicam fundamentalmente ao ensino, e “grandes escolas”, voltadas para a pesquisa e formação profissional de alto nível.

Enquanto o modelo francês se volta para a formação especializada e profissionalizante, via escolas isoladas, o alemão enfatiza a formação geral, científica e humanista, com enfoque na totalidade e universalidade do saber e na consequente importância da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como órgão central da universidade. Enquanto a universidade desde o tempo de Napoleão é mantida e dirigida pelo Estado, tornando-se uma espécie de aparelho ideológico deste, com pequena autonomia frente aos poderes políticos, a universidade alemã, embora sendo instituição mantida pelo Estado, conservou uma parte notável do seu caráter corporativo e deliberativo, gozando de liberdade de ensino e de pesquisa, nas suas primeiras décadas de funcionamento, no século XIX. Enquanto a inteligência francesa possuía um forte vínculo com o Estado, os intelectuais alemães mantinham uma posição de maior independência frente aos poderes políticos.

Apesar das diferenças existentes entre a concepção francesa e alemã, em ambas houve a preocupação com a afirmação da nacionalidade. No primeiro caso, esta preocupação conduziu a uma visão mais pragmática de universidade, voltada para os problemas econômicos, políticos e sociais emergentes, em um “autoritarismo”. No modelo alemão a preocupação com a constituição da nacionalidade se deu numa chave liberal-elitista, com maior autonomia da universidade diante do estado, desembocando numa concepção mais idealista e acadêmica, e menos pragmática. Estas características

podem ser encontradas no discurso e nas propostas dos fundadores da USP (PAULA, 2002b).

Poderíamos dizer que a UERJ teve forte influência do modelo francês, pois desde sua criação, teve um cunho fundamentalmente profissionalizante, que desenvolveu por décadas, estando muito próxima do estado e mantendo com ele uma relação de cumplicidade. Já a USP recebeu influências das concepções francesa e alemã, pois essa universidade nasceu, conjuntamente com a sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, voltando-se não apenas para o ensino, como também para a pesquisa, e buscando autonomia intelectual diante da Igreja e do Estado (PAULA, 2002b).

O sistema de ensino se volta à pesquisa e à produção científica. As universidades sob esse sistema quase não existem no Brasil.

1.5 – A concepção americana de ensino

No Brasil, em 1964, as reivindicações do movimento estudantil e dos professores mais progressistas, identificados com a reformulação estrutural da universidade e da sociedade brasileira, foram absorvidos pelos técnicos do MEC e pelos consultores norte americanos que os auxiliaram a reformar as universidades brasileiras. Após os acordos com MEC-USAID, respectivamente de 1965 e 1967, e do relatório ATCON, de 1966, a influência norte americana sobre a universidade brasileira se faz sentir de forma mais acentuada.

Nesse sentido, a concepção norte americana influenciou não apenas as universidades europeias, como a alemã, mas também as universidades latino-americanas, como as brasileiras. No Brasil, esta concepção está amplamente difundida na reforma universitária de 1968, atingindo a estrutura organizacional e as finalidades de todas as universidades.

No modelo norte-americano, a instituição universitária procura associar os aspectos ideais, que são o ensino e a pesquisa, aos funcionais, que são os serviços, estruturando-se de tal maneira que possa ajustar-se às necessidades da massificação da educação superior e da sociedade de consumo. Ao adotar a forma presencial, boa parte das universidades procura atender aos interesses imediatos do setor produtivo, do estado e da sociedade, produzindo especialistas, conhecimento tecnológico e aplicado, pesquisas de interesse utilitário, assim como serviços de uma maneira em geral. O ideal da concepção alemã de universidade, voltada para a formação humanista, integral e

desinteressada do homem, é crescentemente substituída pela racionalização instrumental e pela fragmentação do trabalho intelectual.

CAPÍTULO II

A HISTÓRIA DA EaD NO BRASIL E NO MUNDO APLICADO PARA O TRANSMITIR DO CONHECIMENTO TEOLÓGICO

2.1.O Preconceito contra a Educação a Distância

O preconceito em relação a Educação a Distância (EaD) tem diminuído de forma considerável nos últimos anos. Apoiando-se na dificuldade de levar o conhecimento a regiões mais afastadas do país, instituições conceituadas aderiram a esse modelo de ensino e passaram a oferecer cursos dessa natureza, realizados total ou parcialmente a distância. Em meio a uma sociedade cada vez mais interconectada por redes de tecnologia digital, cursos não presenciais são criados e difundidos rapidamente por meio da internet, rompendo uma das principais barreiras da EaD realizada por meio de veículos como correio, rádio ou televisão, com uma completa falta de interatividade no processo.

Exemplos comuns dessa tecnologia são os sistemas de videoconferência nos quais sinais de áudio e vídeo, são transmitidos via satélite ou por meio de uma rede de computadores. O canal de comunicação Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – Interlab³, o Centro Universitário SENAC⁴, Revista Brasileira de Computação Aplicada⁵ têm estabelecido entre os participantes a possibilidade de ver e ouvir simultaneamente uns aos outros, em tempo real e de forma interativa. Ferramentas dessa natureza são muito utilizadas em cursos não presenciais. O aumento da interatividade na relação professor-aluno ou aluno-aluno, pode contribuir com a busca de soluções para um dos grandes desafios de pesquisadores ligados a EaD – aumentar a sensação de presença dos envolvidos no processo.

2.2 A educação teológica na história da igreja primitiva

A palavra teologia provém do grego *theos*, que significa Deus e da palavra *logia* que significa estudo ou discurso, oriunda de *logos*, que significa palavra. A melhor

³ Av. Prof. Luciano Gualberto - 158 - trav. 3 - São Paulo (SP) - Brasil {silviors@usp.br, tori@acm.org}

⁴ Campus Santo Amaro - Av. Eng. Eusébio Steveaux - 823 - São Paulo (SP) - Brasil {acorrea@fundap.sp.gov.br} doi: 10.5335/rbca.2010.014

⁵ (ISSN 2176-6649), Passo Fundo, v. 2, n. 2, p. 47-57, set. 2010 47

definição da palavra teologia é uma palavra sobre Deus. Haja vista a extensão da teologia somente podemos definir teologia como uma palavra acerca de Deus.

Sabe-se que no período da igreja primitiva, o ensino a distância era aplicado nas comunidades eclesiais com as leituras das epístolas apostólicas com o fim de doutrinar os fiéis. Isso também foi usado no período patrístico e escolástico. Pouco tempo depois, as primeiras universidades começaram a surgir dentro das igrejas. O ensino teológico cristão nasceu primeiramente na modalidade EaD.

2.3 A educação teológica no Brasil

A Companhia de Jesus, encabeçada por Inácio de Loyola, no Brasil, por meio da catequese utilizou-se dos padres para ensinar as artes liberais para os índios. Nisso vemos a importância da teologia na educação a distância e presencial.

Depois com o surgimento das escolas no Brasil, o ensino religioso se tornou obrigatório para os alunos de ensino fundamental e médio. Claro que isso foi acompanhado também da doutrinação religiosa dos índios por meio da catequese. Foi feito isso como meio de combater o protestantismo que já havia muito se alastrado.

A teologia no Brasil a princípio era de responsabilidade unicamente da cúria da Igreja Católica Romana. Com o crescimento denominacional, os evangélicos começaram a fundar seus próprios seminários internos para preparar seus líderes. A princípio, a maior parte deles sempre trabalharam com cursos presenciais. Posteriormente começaram algumas denominações, como o caso da Assembleia de Deus, a oferecer cursos por meio de livretos e questionários, em que as pessoas poderiam estudar em casa. Esse seminário ainda existe e se chama Paulo Leivas Macalão.

Posteriormente os seminários começaram a surgir desassociados de igrejas e denominações. O ensino teológico no Brasil foi caracterizado como curso livre ou cursos de seminário maior. Isso quer dizer que eles não são reconhecidos pelo Ministério da Educação do Brasil. Com a possibilidade da integralização de créditos para o curso de bacharelado em teologia, os estudantes teriam a possibilidade de aproveitar o tempo investido em estudos teológicos para um curso de graduação reconhecido pelo MEC. Com isso, outros seminários se aproveitaram dessa situação. Uma faculdade que investiu muito no ensino a distância foi a UNICESUMAR.

Pelo caminho da informalidade, é possível, em pesquisas pelo Google, descobrir materiais ricos que ajudam no aprendizado teológico. Também no Youtube é possível encontrar palestras e exposições. O único problema é que essas postagens na internet como são de cunho público, não tem nenhum critério para saber se as informações lançadas estão corretas ou não. Diante disso, será necessário analisar o curriculum dos produtores destes materiais e descobrir se de fato são competentes para atuarem ou não.

Isso é bastante pertinente com a seguinte paráfrase proposta por meio da obra Sistemas de Informação de Apoio á Gestão, publicado pela Editora Sociedade Portuguesa Inovação, escrito pelo Dr. Luis Borges Gouvía e João Ranito:

Informação é diferente de dados. Dados somente são considerados quando são relevantes. Existem dados irrelevantes. As vezes dados poderão ser informação para algumas pessoas dependendo das circunstancias.

Nesta obra se lê na página 10:

Informação é uma coleção de dados que, quando apresentada de determinada forma em determinado momento, melhora o conhecimento do individuo que a recebe, de modo a que este individuo se torne mais capaz de realizar a acção a que se propõe.

A informação é o resultado da análise de dados, de forma útil para determinar o problema e contexto. O conhecimento se constrói a partir da informação. Não pode-se construir o conhecimento coletando dados não verdadeiros.

Isso se torna possível quando não se tem certeza da veracidade dos dados coletados na internet e nem dos seus autores. Por isso, torna-se imprescindível que mesmo a educação a distância, hoje disponibilizada por meio de mídias digitais, seja criada por pessoas que capacitadas para tal em conhecimento, titulação e que também esteja familiarizada com mídias digitais.

Em muitos seminários no Brasil não se constata essas exigências sendo cumpridas e sequer a obtenção de uma boa educação teológica por meio da internet. Outra coisa que falta é um sistema adequado para exposição deste aprendizado. Muitos desses seminários ainda enviam materiais por email, acreditando que estão agindo corretamente.

Com as interfaces entre o ser humano vários seminários, escolas e faculdades têm oferecido conhecimentos de teologia. Uma crítica a isso é que muitas das instituições que

dizem oferecer uma educação teológica a distância de qualidade, não possuem sistemas que sejam adequados e nem professores competentes para tal. Para oferecer uma educação EaD é indispensável que as escolas, seminários e faculdades tenham sistemas de mídia, materiais bem elaborados com referências bibliográficas confiáveis, professores e tutores qualificados.

Uma instituição que poderá exemplificar o método adequado de ensino a distância para os estudos em teologia é a Emil Brunner University, localizada no Brasil. O site da instituição é totalmente autogerenciável, com todo o material didático incluso na plataforma digital de aprendizagem. Nela, o aluno tem acesso a uma plataforma digital de aprendizagem em que encontrará e-books, módulos, artigos, atividades, vídeos educativos, videoaulas e até mesmo transmissões em tempo real.

Além de competente, qualificado e titulado o corpo docente deve estar familiarizado com as interfaces de mídias e sistemas digitais de aprendizagens. Para isso, as instituições que desejam ofertar uma educação teológica deverá investir em seu sistema e biblioteca virtual.

2.4 - A História do EaD no Mundo

O local: a cidade de Boston, nos Estados Unidos. O ano: 1728. Se você estivesse por lá, folheando o jornal da cidade, teria se deparado com um anúncio inusitado. O professor Caleb Phillips oferecia um curso de Taquigrafia, que é uma técnica para escrever à mão de forma rápida, usando códigos e abreviações. O curso era oferecido a pessoas em todo o país, com materiais enviados semanalmente pelo correio. Este foi o primeiro registro de um curso a distância.

Mais de cem anos depois, em 1833, na Suécia, a universidade da cidade de Lund oferecia um curso de composição por correspondência. Em 1840, na Inglaterra, começava um curso também de Taquigrafia de passagens bíblicas, em que o professor Isaac Pitman incentivava os alunos a escreverem postais com textos abreviados, como ensinado no curso.

E se hoje podemos aprender uma nova língua conversando com professores pela internet é interessante saber que as experiências pioneiras neste campo surgiram em 1856, na Alemanha. Ou seja, já era possível aprender outro idioma usando a metodologia da EaD, há mais de 160 anos.

A partir do século XIX, a EaD começou a ser utilizada em vários outros países como solução para que pessoas que viviam distantes de instituições de ensino pudessem aprender. Além de novos cursos nos Estados Unidos, Suécia e Alemanha, surgiram também iniciativas na França, na antiga União Soviética, Japão, Austrália, Noruega, África do Sul, Argentina, Espanha e muitos outros países.

No começo, os cursos EaD eram voltados para aperfeiçoamento profissional ou ofereciam conteúdo complementar da formação universitária. Com o passar do tempo, foi se tornando possível fazer até uma graduação completa a distância.

Um ponto interessante é que a EaD sempre acompanhou a evolução das tecnologias de comunicação. Se uma sala de aula presencial hoje é muito semelhante à de 200 anos atrás, não se pode dizer o mesmo da EaD.

Veja como o formato tem evoluído:

- Até os anos 1910: cursos por correspondência baseados em materiais impressos.
- A partir da década de 1910: uso de slides e audiovisuais como materiais adicionais.
- Décadas de 1910 até 1940: neste período, que compreendeu as duas grandes guerras mundiais, o rádio foi utilizado para transmitir conteúdos.
- Década de 1950: com a invenção da TV, começaram também as primeiras experiências de telecursos.
- Década de 1970: as tecnologias deste período são as TVs via satélite e a cabo, que também foram usadas para transmissão de conteúdos.
- Década de 1990: início dos cursos por computador (via CD-ROM) e depois pela internet.

2.5 – A história da EaD no Brasil

Quem vê atualmente as pessoas aprendendo através da Educação a Distância (EAD) em seus notebooks, tablets e celulares pode não ter ideia do quanto este campo mudou desde a sua criação.

Os registros mais remotos de uma experiência EaD são de um curso por correspondência em 1728. De lá para cá aconteceram muitas mudanças tecnológicas. Se no começo da história da EaD o foco estava nos cursos profissionalizantes, hoje essa

modalidade está disponível para todos os níveis de escolaridade, desde o ensino fundamental até a pós-graduação.

Alguns pontos permanecem intactos. Um deles é a separação física e temporal entre o professor e seus estudantes, que caracteriza a EaD. Outro é seu potencial de levar formação para pessoas que estão longe das universidades.

No Brasil, a EaD surgiu com cursos de qualificação profissional. O registro mais remoto data de 1904, com um anúncio nos classificados do Jornal do Brasil de um curso de datilografia (para usar máquinas de escrever) por correspondência.

Na década de 1920, o Brasil já contava com os primeiros cursos transmitidos pelas ondas do rádio, a novidade tecnológica da época. Os estudantes utilizavam material impresso para aprender português, francês e temas relacionados à radiodifusão.

Nas décadas de 1940 e 1950 começaram os cursos mais formais, sobre temas profissionalizantes, liderados pelo Instituto Monitor, depois pelo Instituto Universal Brasileiro e pela Universidade do Ar, patrocinada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac e pelo Serviço Social do Comércio - Sesc. Até hoje algumas dessas instituições permanecem ligadas à formação profissional através de cursos a distância.

Nas décadas de 1960 e 1970 surgem várias iniciativas de EaD em projetos para ampliar o acesso à educação, promover o letramento e a inclusão social de adultos. Com o passar do tempo, os cursos agregaram outros níveis de ensino, como o fundamental completo. E no final da década de 1970 começou em Brasília a primeira experiência de EaD nos cursos superiores.

Nesse período, muitos brasileiros já acompanhavam os telecursos, transmitidos pela TV. Esse modelo de EaD convivia com os formatos antigos, como o material impresso e o rádio, uma característica que se mantém até a década de 1990. Em meados da década, as instituições passam a utilizar a internet para publicar conteúdos e promover interações.

Foi nesse período que várias universidades formalizaram suas iniciativas EaD, até culminar com a criação, em 1996, da Secretaria de Educação a Distância (SEED), do Ministério da Educação (MEC). Naquele mesmo ano a EaD no Brasil passou a contar

com uma legislação abrangente que hoje garante, por exemplo, a validade de diplomas emitidos pelos cursos nesta modalidade.

2.6 – A EaD hoje no Brasil

Atualmente o EaD é uma modalidade consolidada no Brasil. São mais de 1.800 cursos, desde o ensino fundamental até a pós-graduação, que atendem quase 4 milhões de pessoas.

As tecnologias baseadas na internet permitem a implantação de diferentes modelos de EaD, como por exemplo:

- Cursos predominantemente a distância, com encontros presenciais obrigatórios.
- Cursos semipresenciais, que promovem encontros semanais.
- Disciplinas a distância de cursos de graduação presenciais.

A tendência é que a experiência de aprendizagem seja cada vez mais híbrida. Ou seja, uma pessoa pode fazer um curso presencial e ter uma carga horária de atividades a distância. Um estudante da EaD pode passar por uma experiência tão rica de contato com seus professores e colegas, que acaba prevalecendo a sensação de presença e proximidade no processo de ensino e aprendizagem.

2.7 - Universidades EaD reconhecidas pelo MEC

O diploma obtido em uma faculdade EaD reconhecida pelo MEC vale tanto quanto o presencial. Confira algumas instituições autorizadas pelo MEC a oferecer cursos a distância:

- Centro Educacional Anhanguera (ANHANGUERA)
- Universidade Estácio de Sá (UNESA)
- Centro Universitário UNISEB (UNISEB-Estácio)
- Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL)
- Universidade de Franca (UNIFRAN)
- Universidade Cidade São Paulo (UNICID)
- Centro Universitário Distrito Federal (UDF)
- Universidade Norte do Paraná (UNOPAR)

2.8 - O Desenvolvimento da EaD no Brasil

Com tudo que foi exposto até aqui é possível observar que mesmo as instituições com cursos presenciais estão cada vez mais utilizando da tecnologia utilizada na EaD. Assim, a EaD tem servido a todas as modalidades de ensino, criando um aumento das potencialidades de aprendizagem.

O crescente aumento de cursos realizados a distância faz surgirem constantemente novas estratégias de ensino, que exploram das mais diferentes formas as facilidades oferecidas pela tecnologia. Uma nova e ainda pouco explorada possibilidade é a utilização de ambientes virtuais tridimensionais, como ferramenta de auxílio. Neste contexto, o presente trabalho relata uma experiência de EaD cujo objetivo é identificar características desses ambientes que possam ser exploradas na busca de contribuições ao ensino e aprendizado a distância.

O aumento da procura por cursos oferecidos a distância faz surgir novas estratégias de ensino, que exploram formas alternativas de levar o conhecimento a alunos que, por algum motivo, estão impossibilitados de comparecer a instituições. Cursos ministrados dentro de ambientes virtuais tridimensionais são exemplos dessas novas estratégias.

Com o objetivo de identificar características que diferenciam cursos apoiados nesse tipo de recurso e cursos ministrados com base em ferramentas convencionais foi realizado um experimento utilizando o ambiente Second Life com participantes ligados ao curso de Engenharia da Computação. Com base nas informações obtidas dos participantes foi possível extrair algumas conclusões. Características peculiares a ambientes tridimensionais, como a possibilidade de estar representado por um avatar e de interagir com um ambiente cuja estrutura remete a um espaço físico real, acentuam a sensação de presença dos alunos, quando comparada à sensação produzida em cursos a distância baseados em métodos e ferramentas convencionais. Como consequência, eleva-se o nível de envolvimento dos participantes.

Outros estudos são necessários para concluir se essa constatação pode proporcionar ganhos significativos para o aprendizado. Em caso positivo, deve-se também verificar se qualquer conteúdo é aplicável a qualquer público-alvo em ambientes dessa natureza. É provável que uma aula de história em que o aluno é convidado a

caminhar entre as pirâmides do Egito possa ser bastante empolgante; um curso de teoria do direito, por sua vez, pode não ser tão atrativo. Embora encontrar os caminhos dentro do ambiente e deduzir as ações que os avatares devem praticar seja intuitivo, a dificuldade para identificar comandos que executem tais ações mostra que essa barreira pode tornar a experiência proibitiva ou bastante trabalhosa para alguns usuários.

Torna-se evidente a necessidade de elaboração de novos materiais que explorem essas novas ferramentas, o que recairá como uma carga extra de trabalho ao educador. Soluções que mapeiem conteúdos de ferramentas de EaD convencionais podem ser desejáveis para minimizar esse problema, pois alguns desses recursos, como atividades assíncronas (entrega de atividades para serem avaliadas posteriormente pelo professor) estão disponíveis nessas ferramentas. Interfaces de acesso a esses recursos a partir do ambiente 3D podem ser construídas.

Pretende-se, como trabalhos futuros, aplicar cursos experimentais que envolvam um número maior de participantes, além de integrar ao grupo alunos de outras áreas do conhecimento; ainda, elaborar cursos que explorem melhor os recursos oferecidos pelos ambientes tridimensionais (por exemplo, a possibilidade de o avatar voar pelo ambiente) e aplicar métodos formais de avaliação que possam indicar se existem benefícios cognitivos na utilização do ambiente desenvolvido como ferramenta de auxílio ao processo de ensino e aprendizado e, caso existam, compará-los aos identificados em trabalhos relacionados.

2.9 - Metodologia utilizada na EaD para um curso de Teologia

A Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) , como é conhecida internacionalmente, é uma metodologia de ensino-aprendizagem em que a apresentação de uma situação problemática é utilizada para motivar o estudo dos alunos.

No sistema, os alunos ou estudantes que trabalham em grupos autorregulados e o professor assume o papel de um tutor ou um Advisor de aprendizagem. No PBL, a exposição oral da matéria, na forma como no ensino tradicional, é significativamente

reduzida. Esta metodologia é utilizada pela Emil Brunner World University em Miami – Florida⁶.

Como hoje a EaD conta com salas virtuais nas plataformas digitais de aprendizagem, aplicar o PBL é plenamente possível. A EaD está cada vez mais próxima do sistema presencial, no que diz respeito a contato direto do professor com o aluno, além de mais rápido e prático. A dialética era um método filosófico que estava intrínseco perguntas e respostas. A PBL tem muito disso. Como vários teólogos afirmam que a filosofia é serva da teologia, é bastante lógico que para um curso de teologia utilizemos a PBL.

⁶ www.ebwus.com

CAPÍTULO III

SISTEMAS E FERRAMENTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA EaD POR MEIO DE MÍDIAS DIGITAIS

3.1 - O uso de ambientes virtuais multiutilizador em E-Learning

As instituições que lidam com o ensino corporativo ou acadêmico buscam novos conhecimentos e tecnologias, que supram suas necessidades e potencializem as oportunidades para a aprendizagem à distância. Para tanto, verifica-se a necessidade de cuidados relativos à qualidade das interações no ambiente educacional, disponibilizadas na *web*. Este estudo apresenta a aplicação do teste de usabilidade para avaliar e medir a usabilidade de design e usabilidade pedagógica nos cursos online. A metodologia aplicada nesta pesquisa se fundamentou nas várias recomendações ergonômicas específicas ao ambiente *web* e nas práticas pedagógicas que busquem uma aprendizagem eficaz, eficiente e satisfaçam ao aluno/usuário. Os resultados são apresentados sob forma de diretrizes, visando à melhoria da qualidade e da interação do usuário com a interface de sites para o ensino a distância.

Após analisar o material coletado durante a pesquisa, podemos apontar algumas recomendações a projetos com foco para curso online que sejam desenvolvidos observando a Usabilidade de Design e na Usabilidade Pedagógica.

Os alunos esperam ter em mãos um material impresso que os conduza, ou seja, um guia com informações detalhadas. O uso de material didático apenas em mídia digital deve ser usado como uma alternativa. Para que a leitura na tela fique mais confortável, o texto deve se adequar ao tamanho da interface evitando assim o rolamento na barra lateral.

Um recurso que possibilita um alto grau de usabilidade é a padronização em todas telas. A metáfora, o tamanho, as cores e os rótulos com indicações nos ícones conferem ao material um alto grau de confiabilidade e consistência; conseqüentemente, torna-o também de grande usabilidade, facilitando a aprendizagem do sistema pelo aluno. Observou-se que o excesso de ícones na interface pode confundir o aluno. Uma alternativa seria ocultá-los quando não estivessem ativos nas lições. As cores das fontes e do fundo devem ser contrastantes, preferencialmente. O fundo deve ser claro, de

preferência monocromático, porém o branco deve ser evitado, pois durante os testes alguns informantes indicaram que a tela muito clara os incomodava.

Outra observação importante é que o aluno prefere que as cores sejam usadas para codificar a informação, e não apenas para atrair sua atenção. A escolha da cor do fundo da tela visa realçar a informação, a compreensão e a legibilidade da interface, portanto, clareza é o objetivo a perseguir. As lições devem ser organizadas e numeradas, com as indicações de começo e fim e se possível com indicações passo a passo das tarefas a serem executadas para facilitar na orientação dos usuários.

O *feedback* do sistema, o *feedback* motivacional, o *feedback* que propicia a correção de exercícios diminuem consideravelmente a ansiedade do usuário.

As ferramentas de comunicação síncronas têm influência positiva na aprendizagem e permitem o acompanhamento individual ou coletivo dos alunos pelos tutores, professores, e apoio técnico. Um excelente recurso pedagógico e considerado de grande usabilidade é o sinalizador de presença. Percebe-se que o grau de motivação aumenta quando o aluno pode perceber a presença de outras pessoas conectadas no curso.

A utilização de textos em uma linguagem adequada ao público-alvo facilita o entendimento e o aprendizado. Os textos das instruções devem ser claras e expostas na tela de forma atrativa para conferir ao material alto grau de usabilidade.

O uso do som pode auxiliar no aprendizado, mas desde que sua utilização não seja apenas para chamar a atenção do aluno.

Muitas vezes as imagens utilizadas na interface podem confundir o aluno. Imagens que representam as telas de *softwares* devem ser identificadas como ilustrações, como uma borda em torno da imagem, por exemplo.

Os erros, mesmo pequenos, devem ser evitados, pois podem comprometer a motivação do aluno e recuperar sua atenção não é uma tarefa fácil.

Portanto, projetar interfaces para a internet com foco na usabilidade deve, primeiramente, levar em conta o público-alvo e as metas que se pretende alcançar com o curso. Para que a equipe de desenvolvimento do curso proponha uma interface com alta usabilidade, é importante documentar e explicitar o que se espera da interface, do design

e da proposta pedagógica que irá atender o aluno, para que o ambiente seja eficiente, eficaz e satisfaça-o ao realizar tarefas.

A análise dos dados colhidos no teste de usabilidade mostrou-se muito eficiente, permitindo que alguns dos pontos levantados pelos usuários no questionário e nos comentários feitos em voz alta fossem utilizados para a extensão das diretrizes de usabilidade estabelecidas por Nielsen(1994,1998,2000). A extensão das diretrizes propostas neste trabalho visam a acrescentar novos critérios focados em usabilidade na educação, mediada pelo computador.

Verificou-se também que o teste de usabilidade efetuado forneceu importantes informações para buscar soluções para problemas relacionados com a interface gráfica, com a aprendizagem, com a motivação e com a orientação do aluno.

3.2 - O ensino a distância (EaD) associado com o desenvolvimento de interfaces

Apesar de alguns estudantes nunca terem tido uma experiência com interfaces digitais, a Emil Brunner University no Brasil, desenvolveu vários vídeos explicativos e tutoriais, explicando as funcionalidades da plataforma digital de aprendizagem. No *site* da instituição pode ser constatado um sistema totalmente autogerenciável e explicativo.

3.3 – Ferramentas EaD para teleconferências

O conceito de presença, no sentido de “telepresença”, segundo a International Society for Presence Research (ISPR), refere-se a um processo mediado por tecnologia em que o participante não percebe essa intermediação. Os recursos disponíveis atualmente, ainda não atingiram tal nível de sofisticação, embora estejam caminhando nesse sentido. Inserido nesse contexto, uma possibilidade ainda pouco explorada e que tem sido alvo de pesquisas nos últimos anos é a utilização de ambientes virtuais 3D como ferramenta de auxílio ao processo de ensino e aprendizagem. Nesses ambientes, alunos e professores são representados por 3D – uma forma digital de representação humana – que podem navegar e interagir com o próprio ambiente e com outros avatares. Segundo, o ato de “estar presente” não pode mais estar limitado à presença física, determinada pelos limites do corpo físico, uma vez que os avatares tornam possível estar “aqui e lá” ao mesmo tempo. Essa nova possibilidade abre caminho para a construção e a exploração de novas realidades, experiências e sentimentos. O estudo da presença no contexto dos

ambientes virtuais tridimensionais, segundo o mesmo autor, está em fase inicial e sabe-se pouco a respeito dessa percepção e da sensação vivida quando há interação por meio de avatares. Acredita-se que esse tipo de reunião online, por oferecer benefícios cognitivos, pode ser uma alternativa útil no auxílio ao ensino e aprendizado realizado a distância, quando aplicada em situações adequadas.

Como exemplos de aplicações em potencial, podem ser citados os cursos ligados à computação, caso em que a maioria dos envolvidos no processo possui familiaridade com a tecnologia; e o ensino infantil, dado que a existência de objetos virtuais sintéticos (semelhantes aos dos jogos eletrônicos) pode contribuir no aspecto motivacional.

A questão da aplicabilidade é um fator importante a ser considerado. Segundo, existem basicamente dois tipos de públicos-alvos: os nativos e os imigrantes digitais. O primeiro não depende de esforços adicionais no que se refere ao manuseio da tecnologia, ao passo que o segundo dificilmente desenvolverá a mesma fluência e naturalidade na realização das mesmas tarefas.

Aprender a explorar mundos virtuais, no segundo caso, pode não ser algo trivial. No entanto, ao contrário das ferramentas de EaD tradicionais, que permitem o acesso a informação via navegadores *web* e se baseiam em interfaces a partir de textos, imagens estáticas ou vídeos (com as quais o segundo tipo de público-alvo tem maior familiaridade), em ambientes 3D a navegação passa a ter uma natureza mais dinâmica e novos recursos podem ser explorados, sem que se perca o acesso aos convencionais.

CAPÍTULO IV

O SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL E SUAS DIFERENÇAS COM O EaD

4.1 – Principais diferenças entre a educação presencial e educação a distância

A educação presencial é a educação tradicional, a educação que acontece com a presença pessoal de professores, alunos e outros atores que participam do ensino e aprendizagem. É uma modalidade de educação mais antiga e que apresenta bons resultados, porém, o que observamos, são mudanças significativas ocorridas nas últimas décadas em relação ao ensino, às metodologias e até as ferramentas e técnicas utilizadas que são comprovadamente mais eficientes e que estão sendo utilizadas nas escolas, universidades e centros tecnológicos.

Como o presente artigo foi escrito não para esgotar o assunto, mas para estabelecer algumas diferenças entre os dois tipos de educação, vamos às ilações: em minha análise observo que, enquanto na educação a distância existe separação física entre professor e aluno, na educação presencial isso não ocorre. Na educação presencial não possui o chamado tutor, um intermediador do processo ensino e aprendizagem. O tutor é um dos atores do ensino à distância que mantém mais contato com o aluno do que o professor; na educação presencial não há intermediário, isto é, não é necessário um tutor.

Na educação a distância há a utilização de meios de comunicação mais automáticos e impressos, há uma comunicação bilateral e possibilidade de encontros ocasionais, com objetivos de socialização e didáticos; os alunos têm mais autonomia. Já na educação presencial nota-se que há a convivência numa mesma estrutura física com docentes e discentes. A forma mais comum de procedimentos metodológicos é a aula expositiva e dialogada que permite o "*face to face*".

Outra diferença que devemos considerar é o ritmo de aprendizado. O ritmo da aprendizagem na educação a distância é de certa forma, controlado pelo aluno, destacando aqui, a maleabilidade para a auto-aprendizagem, as avaliações e controles discentes são ditados pelo professor e tutor, enquanto que na educação presencial o ensino-aprendizagem é mais focado no professor, ou seja, este último tem que se empenhar mais para com o aprendizado do aluno. Enquanto na educação a distância apresenta dias e horários de aula mais maleáveis, a educação presencial apresenta horários mais rígidos.

Diferenças a parte, os dois tipos de educação, modernamente, são muito utilizados e detalhe, praticamente no mundo todo verifica-se a utilização de ambos.

Na educação a distância a comunicação deve ser frequentemente bem analisada, controlada e avaliada do que a educação presencial. A educação a distância é mais nova e utiliza neotecnologias com linguagens *html*, enquanto que a presencial utiliza muito mais a oralidade e tecnologias mais convencionais.

Em síntese, apesar das distinções, ambos os tipos de educação, se bem conduzidos e orientados, ajudam na construção da educação por parte de professores, tutores e alunos⁷.

Segue o gráfico abaixo demonstrando o aprendizado por meio dos sentidos.

Para diversos autores, inclusive Ferres (1996), o uso do vídeo como recurso pedagógico se justifica à medida que quanto mais sentidos mobilizamos durante uma exposição, melhor é a porcentagem de retenção mnemônica, como mostram os quadros a seguir.

Quadro 1 - Porcentagem de retenção Mnemônica

Como aprendemos
1% por meio de gosto
1,5% por meio do tato
3,5% por meio do olfato
11% por meio do ouvido
83% por meio da visão

Quadro 2 - Capacidade de memorização

Percentagem dos dados memorizados pelos estudantes
10% do que leem
20% do que escutam
30% do que veem
50% do que veem e escutam
79% do que dizem e discutem
90% do que dizem e depois realizam

Quadro 3 - Métodos de ensino x memória x tempo

Métodos de ensino	Dados mantidos após 3 horas	Dados mantidos após 3 dias
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Oral e visual juntos	85%	65%

A considerar os dados dos quadros anteriores, o uso dos recursos audiovisuais, especialmente a televisão e o vídeo (DVD) ampliam a capacidade de aprendizagem dos estudantes bem como atuam no sentido da manutenção dessas informações na memória, por mais tempo.

⁷<http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/educacao-a-distancia-x-educacao-presencial-algumas-diferencas-encontradas/46318/>. Disponível em.../.../.....

O fato é que a tecnologia utilizada na EaD têm um custo menor e estão produzindo efeitos melhores ou superiores no aprendizado dos alunos. Isso porque a EaD está cada vez mais próxima do estudante.

Facilmente poderá ser notado que as pessoas hoje, por meio da EaD podem ter acesso a um aprendizado de qualidade, sem que precisem estar em uma sala de aula fisicamente. Isso não impedirá que o aluno nessa modalidade de ensino possa utilizar os sentidos da tabela citada para o seu aprendizado.

Hoje, o mercado educacional conta com ferramentas mais do que suficientes para satisfazer quase que por completo a tabela supracitada.

Um ponto interessante é que a EaD sempre acompanha a evolução das tecnologias de comunicação. Se uma sala de aula presencial hoje é muito semelhante à de 200 anos atrás, não se pode dizer o mesmo da EaD. A tendência é que a experiência de aprendizagem seja cada vez mais híbrida. Ou seja, uma pessoa pode fazer um curso presencial e ter uma carga horária de atividades a distância. Um estudante da EaD pode passar por uma experiência tão rica de contato com seus professores e colegas, que acaba prevalecendo a sensação de presença e proximidade no processo de ensino e aprendizagem.

A EaD, cada vez mais, torna a experiência do aprendizado mais vívida sem precisar da presença física de um professor em sala de aula. Na EaD o aluno poderá adquirir mais informação em menor tempo.

A rede digital, desempenha quatro grandes funções: a produção ou composição de dados, de programas ou de representações audiovisuais; a seleção, recepção e tratamento dos dados, dos sons e das imagens; a transmissão e o armazenamento. Na EaD existe relacionamento por meio das redes sociais entre aluno e professor.

CAPÍTULO V

A TECNOLOGIA NA MODALIDADE EaD

5.1 – As primeiras tecnologias

Na verdade, a presença da tecnologia na escola remonta da criação da própria escola. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, seu uso foi vinculado a uma visão tecnicista, instrumental, uma vez que equipamentos concebidos para tarefas alheias ao campo educacional migraram para o ambiente escolar com propósitos de uso para substituir tarefas que historicamente cabiam ao professor. Tal visão foi responsável por uma forte rejeição dos docentes ao uso das tecnologias no ambiente escolar.

Numa perspectiva histórica, constata-se que a relação entre a escola e a tecnologia começa com o uso de diferentes artefatos entre eles: lápis, papel, material impresso, rádio, telégrafo, gravador, televisão, vídeo e mais recentemente as novas tecnologias da informação e da comunicação. O uso desses recursos no âmbito escolar sempre foi condicionado por questões de natureza econômica e política, e, em alguns casos, por questões de cunho ideológico, quando educadores eliminam ou excluem a possibilidade de inclusão dos recursos tecnológicos por preconceito ou discriminação. Não existem regras rígidas nesse campo em como utilizar essas tecnologias conforme a literatura encontrada.

No caso do retroprojetor e vídeo (DVD), por estarem em uso há mais tempo, algumas orientações seguras já podem ser fornecidas. Para os recursos mais novos, há muito ainda o que desenvolver e aprender, até que fique mais claro como inseri-los no cotidiano escolar.

Procurar-se-á abordar os recursos tecnológicos, tanto do ponto de vista da educação presencial quanto para a educação a distância. É sabido que há uma tendência de a educação a distância ocupar cada vez mais espaço, inclusive numa modalidade que se mescle com a presencial.

5.1.1 - O meio impresso

O meio impresso é, sem dúvida, de todos os materiais que integram hoje a educação, o que tem mais história, portanto, já foi objeto de uso, validação, tentativas,

mudanças, etc. O meio impresso é o material mais amplamente utilizado, tanto em educação presencial quanto em educação a distância.

Ao longo de sua história, o meio impresso registra grande evolução tecnológica. No caso do livro, é incomparável as primeiras produções feitas em papiro e copiadas a mão, com a produção em escala dos tempos atuais, e recursos audiovisuais como fotografias coloridas, infográficos, ilustrações, etc, que se fazem presentes nos livros didáticos de hoje.

Em fins dos anos 1990, o retroprojektor começa a ser substituído pelo *datashow*, um equipamento mais moderno, que conectado ao computador realiza projeções de melhor qualidade que o retroprojektor.

As tabuinhas de argila dos caldeus, os papiros egípcios, o papel e a prensa de Gutemberg representam etapas evolutivas do processo de escrita. A diminuição do tamanho do livro, a invenção do Codex são momentos de aperfeiçoamento, adequação do objeto ao uso e manuseio humano e nesse sentido contribuem também para uma maior disseminação e popularização do material impresso.

Se tomarmos como referência os três tempos do espírito, propostos por Pierre Levy no livro “As Tecnologias da Inteligência”, os impressos encontram-se no segundo tempo, ocupando um lugar simultâneo com a escrita.

É a partir do século XVI, portanto posterior à invenção da imprensa, que os impressos se organizam como os conhecemos hoje: paginação regular, sumário, cabeçalhos aparentes, índice, uso de tabelas, esquemas, diagramas. É sobre esse tipo de impresso que a educação laica da Revolução Francesa se instaura na Europa e chega ao novo mundo. A disseminação dos impressos se dá simultaneamente aos processos de globalização iniciados no século XVI.

Assim, as aulas e os professores – audição e fala – se tornam os elementos imprescindíveis para o processo ensino-aprendizagem. Naturalmente, isso se dava de modo presencial. Os professores, através da oralidade, traduzem, adaptam e, até mesmo alteram o texto escrito, dando-lhe uma interpretação única e limitada.

Na educação presencial, o livro é o principal material de apoio e para a educação a distância é um dos principais veículos utilizados no envio de informações.

O uso de materiais impressos na Educação a Distância (EaD) pressupõe que o aluno tenha autonomia de leitura, já que a leitura ouvida, especialmente explorada pelo professor, não mais acontece. Caberá ao aluno exercer sua autoridade de leitor individual, explorando, através do seu horizonte cultural, as múltiplas possibilidades de interpretação, atribuição de sentido, pois, é ele que constrói e/ou reconstrói, através da leitura, o conhecimento.

Desde o século XIX, tentativas de EaD utilizando material impresso, vêm sendo realizadas, e de lá para cá, outros recursos audiovisuais (fita cassete, vídeo) e mídias (rádio, televisão, jornal, internet) têm se incorporado como estratégias de ensino-aprendizagem. No entanto, são raros os casos em que os materiais impressos são dispensados.

Os usuários do universo digital ainda não se sentem completamente a vontade com o uso exclusivo da realidade virtual, manifestando a necessidade de manusear objetos palpáveis, concretos, ícones e símbolos impressos em celulose, pois como bem afirma Levy (1999):

a superfície deslizante das telas não retém nada; nela, toda explicação possível se torna nebulosa e se apaga, contenta-se em fazer desfilas palavras e imagens espetaculares, que já estarão esquecidas no dia seguinte (p. 116).

Mas negar o significado das tecnologias digitais não é a forma de preservar a cultura impressa; o caminho a ser construído passa, necessariamente, por uma síntese positiva de todos os recursos disponíveis. Os avanços tecnológicos trouxeram grandes novidades para o universo da impressão e hoje é possível construir páginas impressas com grande riqueza de informações, com usos pedagógicos específicos e com interfaces gráficas extremamente atraentes, para qualquer faixa etária que se pretenda atingir.

A popularização do impresso a partir da invenção da imprensa por Gutemberg, no século XV, não tardou a chegar à instituição escolar, que agregou ao discurso oral dos professores, a tecnologia da escrita. No entanto, essa inserção da nova tecnologia não foi feita sem resistência, uma vez que tal inovação exigiria mudanças pedagógicas e os professores sentiam isso como uma ameaça à sua função.

5.1.2 – Tecnologias audiovisuais

Nessa perspectiva, a inclusão dos meios audiovisuais é percebida como procurando substituir os livros, porém, sem a mesma relevância e significado pedagógico. Os avanços nos campos da psicologia da cognição e da pedagogia revelam que os recursos audiovisuais apresentam uma função simbólica enriquecedora para o processo ensino-aprendizagem.

Ao contrário do que se pensa, eles podem se converter em aliados do professor, liberando-o de tarefas menos nobres, permitindo-lhe ser, antes de tudo educador. Segundo Ferres (1996), as tarefas mais mecânicas, como difusor de conhecimentos ou mero transmissor de informações, foram confiadas às novas tecnologias (sobretudo ao vídeo e ao computador), reservando-se ao professor tarefas mais especificamente humanas: motivar condutas, orientar o trabalho dos alunos, resolver suas dúvidas, atendê-las segundo o nível individual de aprendizagem (p. 35).

CAPÍTULO VI

AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS DOCENTES COM RELAÇÃO ÀS TECNOLOGIAS DA EaD

6.1 – A falta de habilidade no manuseio de tecnologias aplicadas à EaD

O fato de os indivíduos manusearem as novas tecnologias sem o menor domínio e conhecimento sobre seus processos de produção, exercendo um papel alienado de "apertadores de botões", vem gerando o que muitos autores designam de analfabetismo tecnológico. Este conceito surgiu no final do século XX, no primeiro mundo, e é motivo de grandes preocupações por parte dos educadores e dos planejadores de políticas públicas.

O uso de recursos audiovisuais como o *Datashow*, que substituiu o retroprojeto, bem como a televisão e vídeo, embora já tenham mais tempo de existência, ainda não são bem explorados, do ponto de vista pedagógico. Hoje os recursos de vídeos disponíveis no You Tube fazem com que os professores necessitem, cada vez mais, receber orientações e referências sobre as potencialidades, capacidades e possibilidades de se utilizar tais recursos em sala de aula.

Para compreender as diferentes formas de se introduzir o computador e a internet como recursos pedagógicos, é importante não perder de vista que a tecnologia não representa, por si só, um fator de mudança de paradigma e de qualidade na educação. Ambos, com seu imenso potencial de tratamento, difusão e gerenciamento de informações, podem desempenhar um papel significativo no espaço escolar, mas é preciso que os docentes tenham capacidade de fazer uma avaliação crítica acerca dos seus usos, situando-os como ferramentas a serviço do currículo e contextualizando seus usos.

No entanto, é o uso do meio impresso e audiovisual, como recursos pedagógicos, que causam grande impacto no processo ensino-aprendizagem.

Graças à escrita, e mais tarde à invenção da imprensa, é que ocorreram profundas mudanças no processo ensino-aprendizagem. Na educação presencial, o livro é o principal material de apoio. Para a educação a distância é um dos principais veículos utilizados no envio de informações. Mesmo na atualidade, os usuários do universo digital

não se sentem completamente a vontade com o uso exclusivo da realidade virtual e apelam para o manuseio de objetos palpáveis, concretos, como os livros.

Simultaneamente, o mundo globalizado tem permitido que informações circulem com mais velocidade e em maior quantidade, desafiando a escola que, em sua postura sistemática e sequencial, não consegue acompanhar, no mesmo ritmo, os avanços sociais registrados. Esse clima de desencontro, de descompasso, faz com que a escola passe a ser percebida como uma instituição saturada, estagnada, em que alunos e professores não conseguem estabelecer uma relação cativante, instigadora, que conduza pelos caminhos de aprendizagem.

Considerando todas as circunstâncias que cercam os alunos e que eles são capazes de adquirir conhecimentos em outras instâncias sociais, ao chegar à escola a expectativa é que o currículo adotado extrapole a visão estática e hierárquica do modelo tradicional e que os professores atuem como mediadores para aprendizagens interessantes. Pois, cada vez mais, as tecnologias digitais fazem parte de nossas vidas, qualquer que seja a atividade profissional, onde quer que estejamos. Inúmeras pesquisas avançam nesta direção, revelando que essas tecnologias têm potencial para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que são adequadamente empregadas.

No Brasil, os exemplos de incursões no uso das tecnologias digitais são numerosos e muitos deles, bastante positivos. No entanto, o ‘grande salto’ qualitativo neste campo ainda permanece no nível da intencionalidade de pesquisadores, agências financiadoras, instituições governamentais e não governamentais. E as causas são inúmeras e interdependentes.

Por exemplo, pode-se apontar o fato de que os professores, atualmente em exercício, que têm a missão de preparar o terreno para esta “nova cultura”, foram formados em uma cultura precedente, distanciados do manuseio da informática na vida cotidiana ou como recurso pedagógico, tendo em vista que essa tecnologia sequer existia, nos moldes conhecidos hoje.

Consequentemente, é bastante comum que professores estabeleçam, implícita ou explicitamente, relações conflituosas com essas tecnologias, manifestando fobias de toda sorte, preconceitos, receios, insegurança, limitação de visão, etc.

O computador e a internet podem ser empregados como excelentes recursos pedagógicos, mas é importante não perder de vista que a tecnologia não representa, por si só, um fator de mudança de paradigma e de qualidade na educação. Ambos, com seu imenso potencial de tratamento, difusão e gerenciamento de informações, podem desempenhar um papel significativo no espaço escolar.

Nos últimos anos, a educação brasileira vem recebendo grandes incentivos para introduzir o computador e a internet no ambiente pedagógico, especialmente as escolas públicas, que através do Ministério da Educação tem recebido laboratórios de informática para uso por alunos e professores.

A dinâmica da dependência tecnológica em que estamos inseridos permite a entrada no país de “pacotes” de soluções que, muitas vezes, não condizem com nossa cultura e aspirações, com nosso nível de desenvolvimento e velocidade de processamento das novidades tecnológicas. Cada vez mais, a formação do professor aparece como um fator de primeira ordem para resolver tal descompasso, condição fundamental para que não percamos o trem da história.

Inúmeras iniciativas têm revelado facetas diferentes e promissoras com relação às formas de se trabalhar o uso do computador na educação. Igualmente, a internet e os recursos telemáticos têm oportunizado a exploração do computador como meio de comunicação pedagógica. Mas mesmo um simples aplicativo de tratamento de texto, uma planilha eletrônica ou um mecanismo de apresentação de dados podem ser explorados didaticamente.

Apesar de todo o avanço teórico revelando as possibilidades de aplicação pedagógica das tecnologias digitais, o paradigma educacional novo, necessário para criar o espaço de trabalho interdisciplinar, construtivista, dinâmico, multimediatizado ainda está em emergência. Enquanto isso, professores estão à deriva e, pressionados pelas representações coletivas de que o uso da tecnologia corresponderia à uma espécie de redenção da educação, utilizam o computador reduzindo-o à um livro didático eletrônico ou à uma máquina de escrever digital.

O grande desafio de integrar o uso do computador ao currículo ainda está por ser vencido e somente após esta etapa, que tem um forte componente cultural, poderemos avaliar concretamente os efeitos do computador como meio de apoio ao ensino e de motivação de aprendizagens.

O currículo é a matriz norteadora do trabalho docente. É a partir dele que o professor se situa para elaborar suas intervenções, para delimitar suas estratégias de ensino e para fixar objetivos de aprendizagem.

Com o advento das tecnologias de comunicação e de informação e com as modificações estruturais que ocorrem na sociedade contemporânea, registra-se um movimento forte que exige uma nova postura da escola e, conseqüentemente, uma nova visão da dinâmica curricular.

A ideia de que os alunos são atores centrais do processo de aprendizagem e de que eles têm uma contrapartida a oferecer ao processo de ensino, construindo conhecimentos através de estratégias colaborativas e interdisciplinares, ganha terreno e demanda novas posturas por parte da escola, dos currículos e dos professores.

A ideia construtivista surge como uma vertente fértil, suscetível de reorientar a visão que temos do ensino e da aprendizagem, rompendo barreiras disciplinares e demandando, por sua vez, um currículo flexível, aberto ao imprevisto, ao imprevisível, ao novo; um currículo centrado no aluno e não nas disciplinas, centrado na cognição e não na repetição, voltado para a criatividade e para a autonomia na construção de conhecimentos novos.

Enfim, é consenso que as possibilidades de trabalho pedagógico oferecidas pelo computador e internet impõem um redimensionamento da ideia de currículo. Isto requer uma escola que funcione de maneira integrada, criativa, dinâmica, sem hora marcada para aprender e para ensinar. Para isso o currículo deve ser um instrumento de libertação e de autonomia, articulados em torno de dinâmicas interdisciplinares, avaliados formativamente.

6.2 – Materiais disponíveis para sua aplicabilidade na EaD

1. Videolição: é a exposição sistematizada de alguns conteúdos. É o equivalente a aula expositiva, em que o professor é substituído pelo programa de vídeo. Exemplos de videolição são as aulas do Telecurso 2000.

2. Videoapoio: conjunto de imagens utilizadas para apoiar uma exposição didática. Nessa modalidade não se usa propriamente um programa de vídeo, mas imagens isoladas, separadas e organizadas pelo professor para trabalhar um conceito específico. Com os

recursos disponibilizados hoje na internet e nos computadores, este tipo de vídeo pode ser editado e apresentado com facilidade.

3.Videoprocesso: é uma modalidade de uso da câmera, onde os alunos são os protagonistas. Nesses casos, o vídeo é elaborado pelos próprios alunos da sala e torna-se necessário que uma câmera esteja disponível. Mobiliza a criatividade dos alunos e serve como motivador para trabalhos em grupo.

4.Programa motivador: audiovisual feito para suscitar um trabalho posterior ao objetivado. Nesse caso, trabalha-se com um programa de vídeo acabado e realiza-se uma atividade pedagógica a partir de sua visão. Segundo Ferres (1996), o programa motivador baseia-se na pedagogia do depois diferentemente do videolição, que se fundamenta na pedagogia do enquanto. Ou seja, o vídeo motivador procura suscitar uma resposta ativa, estimulando a participação dos alunos que já o viram; já no videolição, a aprendizagem se realiza basicamente enquanto o programa é exibido.

5.Programa monoconceitual: programas breves, muitas vezes mudos e que desenvolvem de uma maneira intuitiva um só conceito. Caracterizam-se com vídeo com duração de 2 a 3 minutos e nunca chegam a 10 minutos.

6.Vídeo interativo: programa no qual as sequências de imagens e a seleção das manipulações estão determinadas pelas respostas do usuário ao seu material. Essa modalidade de vídeo envolve a informática e pressupõe a abertura para interação homem-máquina, sendo as informações fornecidas progressivamente, sempre em função do nível de compreensão e da capacidade de aprendizagem de cada aluno.

Ao utilizar programas de vídeo como recurso pedagógico em sala de aula, o professor deve preparar-se, de modo a que seu uso não se esgote na simples apresentação de imagens e sons, mas que seja planejado atividades exploratórias para momentos posteriores à exibição. Filmes comerciais podem também ser utilizados e explorados para fins educacionais. Uma pesquisa nas locadoras permite identificar títulos de vídeos, cujos temas têm estreita associação com assuntos curriculares. Cabe ao professor assistir antecipadamente, realizar anotações e planejar a melhor forma de usá-los na sala de aula.

CAPÍTULO VII

A DEMOGRAFIA SOCIOECONÔMICA DOS EVANGÉLICOS NO BRASIL

7.1. O crescimento dos evangélicos no Brasil, nível, socioeconômico e cultural

Os evangélicos já são 22,2% da população brasileira, ou 42,3 milhões de pessoas. Os dados integram o Censo Demográfico 2010 e foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No mesmo período, a proporção de católicos diminuiu.

De acordo com o estudo, os evangélicos formam o grupo religioso que mais cresce no Brasil. Se hoje eles são 22,2% dos brasileiros, em 2000 eles somavam 15,4% da população e, em 1970, apenas 5,2%.

Um dos maiores picos de crescimento aconteceu entre 1980 e 1991, quando os evangélicos saltaram de 6,6% para 9% do total de brasileiros. O destaque fica por conta dos chamados “pentecostais”, que cresceram de 3,2% para 6,0% nesse período.

Em compensação, a quantidade de católicos não parou de cair. Em 2000, 73% dos brasileiros se diziam fiéis à igreja do Vaticano. Em 2010, esse índice havia caído para 64%. O tamanho dessa redução chama ainda mais atenção quando se faz uma comparação com o primeiro Censo do IBGE, de 1970. Naquele momento, 91,8% da população brasileira era católica.

Outro grupo que apresentou crescimento, embora tímido, é o de espíritas. Em 1991, eles eram 1,1%, depois passaram a 1,3% e, em 2010, bateram em 2%. Quase 70% dos espíritas são brancos e possuem os melhores indicadores de educação e rendimento.

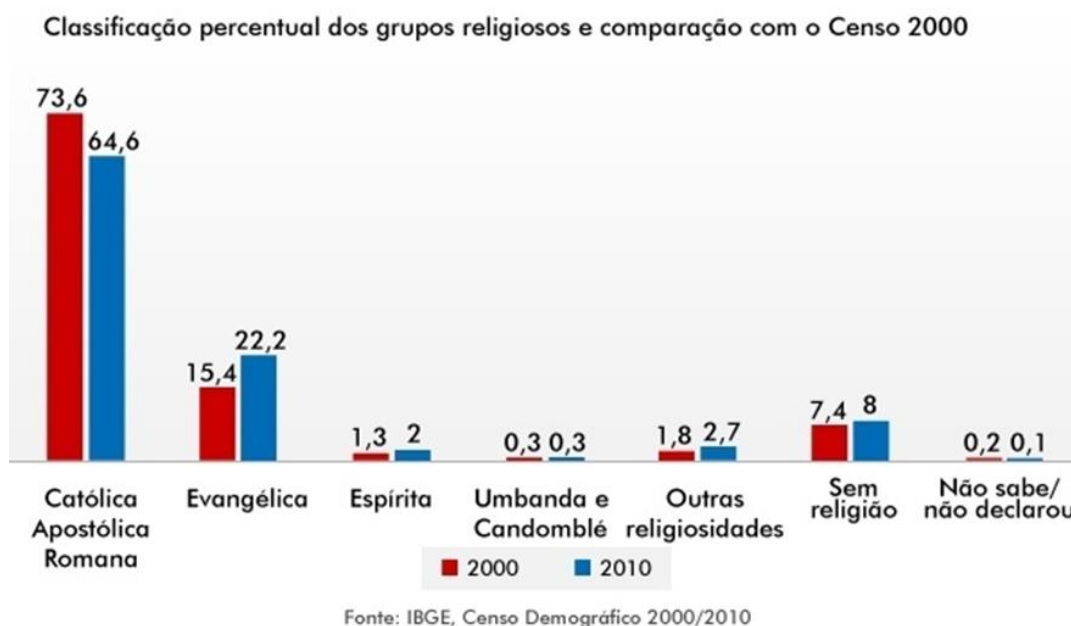
Para acompanharmos o desenvolvimento disso será importante acompanhar a tabela 1:

Tabela 1
Distribuição da população brasileira segundo religiões (1980/2000)

Religião	1980 (%)	2000 (%)	Varição do N absoluto 1980/2000(%)
Católica	88.9	73.8	18.1
Evangélica não-pentecostal	3.4	4.2	78.0
Evangélica pentecostal	3.2	10.4	357.9
Kardecistas	0.7	1.4	171.9
Afro-brasileiras	0.6	0.3	-15.8
Outras	1.2	1.6	79.7
Sem religião	1.6	7.3	531.3
Sem declaração	0.2	0.2	27.6
Total	100	100	---
População total do Brasil (N)	119.011.052	169.411.759	42.3

Fontes: IBGE (2000), IBGE (1982).

Ainda acompanhando o desenvolvimento será importante analisar a tabela abaixo com as variações ocorridas do ano 2000 até o ano 2010.



Será importante continuar tal análise identificando como são as porcentagens das religiões brasileiras.

Tabela 2
Distribuição das religiões brasileiras
(% na população brasileira e % na pesquisa ESEB)

Religiões (%)	IBGE 2000	ESEB
Católica	73.8	69.2
Evangélica (total)	15.4	15.8
<i>não-pentecostal</i>	4.2	3.7
<i>pentecostal</i>	10.4	11.1
<i>outros (sem especificação)</i>	0.8	1.0
Kardecistas	1.4	2.5
Afro-brasileiras	0.3	0.9
Outras	1.6	4.0
Sem religião	7.3	7.4
Sem declaração	0.2	0.3
Total	100	100

Fontes: IBGE (2000); ESEB 2002

Para o que se segue devemos analisar as porcentagens de evangélicos.

Tabela 3
Distribuição das principais denominações evangélicas no ESEB

Religiões	% (Somente evangélicas)	% (Total da amostra)
<i>Evangélicas pentecostais</i>		
Assembléia de Deus	30.8	5.1
Congregação Cristã no Brasil	9.6	1.6
Igreja Universal do Reino de Deus	6.8	1.1
Outras pentecostais	20.2	3.3
<i>Evangélicas não-pentecostais</i>		
Batista	12.9	2.1
Outras não-pentecostais	9.8	1.6
<i>Outras evangélicas</i>		
Não especificou denominação	9.8	1.6
Total (Somente Evangélicas)	100	16.5
Outras Religiões		83.5
Total geral		100

Fonte: ESEB 2002

7.2 - Os jovens evangélicos

O IBGE dividiu os evangélicos em grupos:

- missão: luteranos, presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionais, adventistas),
- pentecostais: Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Maranata, Nova Vida,
- e igrejas evangélicas não determinadas.

O que eles têm em comum é o perfil jovem, a cor parda (45,7%) e branca (44,6%).

Os de origem pentecostal representavam 60% dos que se declararam evangélicos em 2010 e 10,4% da população brasileira, enquanto os evangélicos de missão eram 18,5% dos evangélicos e 4,1% dos brasileiros.

7.3 - O rendimento dos evangélicos

A comparação da distribuição das pessoas de dez anos ou mais de idade por rendimento mensal domiciliar *per capita*, revelou que 55,8% dos católicos ganhavam até um salário mínimo. Com o mesmo rendimento, 63,7% dos brasileiros se disseram evangélicos pentecostais, enquanto 59,2% dos que se declararam sem religião também

tiveram a mesma proporção de proventos. No outro extremo estão os espíritas: 19,7% desse grupo recebem mais de cinco salários mínimos.

7.4 - O perfil socioeconômico dos Evangélicos

O mapeamento do perfil socioeconômico dos diferentes grupos religiosos aqui realizado, baseou-se nas duas variáveis clássicas a esse respeito: renda mensal e nível de escolaridade. A literatura corrente afirma haver, conforme já mencionamos, uma associação entre religião evangélica e precárias condições socioeconômicas.

Deveríamos esperar, portanto, uma concentração de pessoas com baixa renda e baixo nível educacional entre os fiéis evangélicos.

Para isso, basta analisar a Tabela 4, reproduzida abaixo.

Tabela 4
Distribuição das religiões brasileiras por grupos de renda mensal
(em salários mínimos)*

Religião	Até 2 s.m. (%)	Acima de 6 s.m. (%)
Católica	71.7	8.9
Evangélica	67.7	8.9
Kardecista	41.7	36.7
Afro-brasileiras	77.3	9.1
Sem religião	59.7	14.6

* Nível de significância de 0.000 no teste de qui-quadrado (valor de 75.2300)

Fonte: ESEB 2002

Há sete categorias de renda, desde no máximo um salário mínimo até mais de dez salários mínimos. De fato, como assinala a literatura, a maior parte dos membros das igrejas evangélicas advém de estratos sociais de baixa renda. Cerca de 67.7% dos evangélicos recebem mensalmente, no máximo, dois salários mínimos. Entre os dois segmentos sociais de maior renda (mais de seis salários mínimos), somente 8.9% optaram por se filiar ao credo evangélico.

O interessante a observar, é que esse perfil dos evangélicos guarda muitas similaridades em relação aos católicos e aos adeptos das religiões afro-brasileiras. Na verdade, encontram-se nesses dois últimos grupos as maiores concentrações (em termos relativos) de brasileiros com renda mensal de até dois salários mínimos: 77.3% (candomblé e umbanda) e 71.7% (católicos). Portanto, se há uma associação entre

condições econômicas precárias e filiação à religião evangélica, essa associação – ao contrário do que parece sugerir a literatura – não é exclusiva a essa confissão.

Poderíamos pensar que essa similaridade decorre do fato de o pertencimento à uma religião ser, no Brasil, uma opção dos estratos sociais de baixa renda. No entanto, os dados mostram que 59.7% das pessoas sem vínculo religioso pertencem aos dois segmentos mais baixos de renda (Tabela 4).

O perfil dos adeptos da religião kardecista valida esse mesmo ponto de uma maneira diferente. Entre eles, cerca de 36.7% dos praticantes advêm dos dois estratos sociais mais abastados da sociedade brasileira. Entre os sem religião, esse mesmo número corresponde a 14.6%. Isso significa que a probabilidade de um indivíduo com renda elevada não ter religião é ligeiramente maior do que a probabilidade de ele ser católico, evangélico, candombleísta ou umbandista – mas é bem menor do que a probabilidade de ele ser praticante do kardecismo. É incorreto, portanto, afirmar categoricamente que a religiosidade, no Brasil, seja um fenômeno próprio aos segmentos menos privilegiados e que os grupos sociais mais abastados sejam maciçamente sem religião.

Quando focamos apenas no segmento evangélico, vemos que há diferenças sensíveis em relação aos seus perfis socioeconômicos.

Enquanto 70.3% dos membros das denominações pentecostais recebem mensalmente, no máximo, dois salários mínimos, entre os fiéis das religiões não-pentecostais essa proporção é de 58.3%. O contraste maior entre os dois grupos aparece na porcentagem de pessoas mais abastadas. Entre os pentecostais, essa proporção é de 6.8%; já entre os não-pentecostais, chega a 16.7%. Em ambos os grupos, há uma relação linear negativa entre renda e religião: quanto maior a renda mensal, menor a probabilidade de uma pessoa ser evangélica; no entanto, se um indivíduo com uma renda elevada optar pela confissão evangélica, a probabilidade de ele ser membro de uma religião não-pentecostal é maior do que ele ser um fiel das denominações pentecostais.

Enquanto entre os católicos 58.1% não concluíram o ensino fundamental, entre os evangélicos, esse número é 54.0%. As pessoas com nível superior completo que se consideram fiéis da Igreja Católica correspondem a 6.3% do total dos adeptos dessa religião. Entre os evangélicos, essa proporção é de 5.6%. O perfil de católicos e evangélicos contrasta fortemente com o dos kardecistas: entre esses últimos, 23.8%

possuem nível universitário completo e apenas 27.0% não concluíram o ensino fundamental.

Apesar da similaridade com o perfil dos católicos e do contraste com os kardecistas, de fato, os dados revelam, consoante a literatura, uma relação linear negativa entre nível educacional e pertencimento à religião evangélica: quando maior a educação formal, mais baixos são os níveis de filiação a esse grupo religioso. Essa relação ou inexistente entre os outros grupos religiosos, ou é muito tênue. No entanto, que entre as pessoas com mais baixo nível educacional, a primeira preferência é ser católico – e não evangélico. Similarmente, o evangelismo não é a última escolha das pessoas com nível superior completo – e sim as religiões afro-brasileiras. Desse modo, se de fato há uma maior concentração de pessoas de baixo nível educacional entre os evangélicos (em comparação com outros graus de escolaridade), essa associação é bastante semelhante à existente entre os católicos.

Evangélicos pentecostais realmente possuem um menor nível de escolaridade que os evangélicos não-pentecostais (Tabela 5).

Tabela 5
Nível educacional no interior do segmento evangélico

Segmento	Pentecostal	Não-pentecostal
Fundamental incompleto	60.8	33.7
Fundamental	21.6	17.1
Secundário	15.3	44.6
Superior	2.2	15.7
Total	100	100

* Nível de significância de 0.000 no teste de qui-quadrado (valor de 74.2239). V de Cramér: 0.2211.
Fonte: ESEB 2002

Entre os que não concluíram o ensino fundamental, há quase o dobro de chance de uma pessoa ser adepta de uma religião pentecostal do que não-pentecostal. Cerca de 15.7% dos evangélicos não-pentecostais têm nível superior. Entre os membros das denominações não-pentecostais, essa proporção é de apenas 2.2%.

Com exceção da Igreja Universal do Reino de Deus, todas as denominações pentecostais têm perfil educacional bastante semelhante.

Diferentemente dos fiéis da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil, mais da metade dos membros da Universal concluiu pelo menos o ensino fundamental. Além disso, cerca de 33.3% dos fiéis da Universal possuem o segundo grau completo – mais que o dobro das outras denominações. No caso de Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, quanto maior o nível educacional, menor é a probabilidade de pertencimento à denominação.

Do lado das religiões evangélicas não-pentecostais, entre os batistas, apenas 37.2% não completaram o ensino fundamental. Esse número é ainda menor no que se refere às demais denominações não-pentecostais: apenas 28.2%. Há muitas similaridades entre batistas e membros da Igreja Universal do Reino de Deus no que se refere à proporção de indivíduos que concluiu os níveis fundamental e secundário: 13.7% e 33.3%, no caso dos batistas; e 14.8% e 33.3%, no caso da Universal, respectivamente.

O aporte de pessoas com nível universitário consiste num importante diferencial entre as denominações pentecostais e não-pentecostais. Entre os primeiros, a maior porcentagem de indivíduos com título universitário é de 5.3% – entre os membros da Congregação Cristã no Brasil. Entre os batistas e outros fiéis não-pentecostais, esse nível é três vezes maior – supera os 15%.

Se renda e educação não diferenciam claramente os evangélicos de outros grupos religiosos (como os católicos e membros do candomblé e umbanda), embora seja um importante divisor entre as denominações pentecostais e não-pentecostais, o grau de religiosidade é uma variável que distingue o evangelismo de maneira inequívoca. Por nível de religiosidade entendemos não a intensidade das crenças do fiel, mas seu grau de exposição às autoridades religiosas – medido pela frequência com a qual ele participa de missas ou de cultos. Desse modo, um baixo grau de religiosidade indica que o fiel raramente vai a missas e cultos ou só participa deles algumas vezes por ano. Fiéis que possuem um nível médio de religiosidade vão à Igreja uma ou duas vezes por mês. Já o nível alto é composto por pessoas que vão à missa ou ao culto uma ou mais vezes por semana.

Uma pequena observação: a Igreja Universal do Reino de Deus não é uma igreja histórica e sequer uma igreja pentecostalista. As igrejas pentecostais no Brasil surgiram da Assembleia de Deus no Pará. A Igreja Universal do Reino de Deus é uma Igreja Neo-Pentecostalista e tem como principal doutrina a teologia da prosperidade.

CAPÍTULO VIII

O BACHARELADO EM TEOLOGIA NO BRASIL, SEUS VALORES, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E A FALTA DA APLICABILIDADE DOS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PARA O EXERCÍCIO DO OFÍCIO RELIGIOSO

8.1 O Programa de Bacharelado em Teologia adotado pela UNINTER

Nesse artigo utilizaremos como modelo o programa ofertado pela Uninter que possui uma das notas mais altas junto ao Ministério da Educação do Brasil.

Segundo a UNINTER, que é possuidora de umas das notas mais altas junto ao Ministério da Educação, o curso de bacharelado em Teologia possui o objetivo a seguir, que consta em seu *site*

o curso de bacharel em Teologia tem por objetivo formar profissionais capazes de liderar comunidades, igrejas, organizações não governamentais e instituições filantrópicas. Além disso, ele pode atuar como professor e pesquisador na área da religião, filosofia e teologia. A graduação em Teologia busca incentivar a reflexão, o ensino, a aprendizagem e a pesquisa.

Duração: O curso de Teologia tem em média três anos e pode ser realizado nos períodos noturno ou matutino. Assim, o aluno pode conciliar um estágio remunerado com os estudos. Dessa forma, é importante fazer um investimento para concluir o curso de Teologia. Por isso, realizamos uma pesquisa com os valores das necessidades básicas do estudante.

Investimento: Com o objetivo de informar quanto custa estudar Teologia no Brasil, realizamos uma pesquisa com base em uma cidade de porte mediano. Porém, vale lembrar que o orçamento aqui apresentado pode variar dependendo da localidade em que o estudante fizer a graduação. O gasto mensal com o pagamento referente à graduação em Teologia, que possui duração média de três anos, é aproximadamente R\$ 628,00. Até a conclusão desse curso, o aluno terá investido R\$ 22.608,00.

Moradia: Nem todos os estudantes conseguem realizar sua formação na cidade em que residem com seus familiares. Por isso, o gasto com moradia deve ser colocado no orçamento mensal. Em um município de médio porte, o aluguel de uma kitnet é de aproximadamente R\$ 500,00 por mês. O aluno investirá, então, R\$ 18.000,00 em moradia até o final dos estudos.

Alimentação: Uma boa alimentação é primordial na vida dos estudantes, pois influencia na concentração do aluno. Consideramos que o indivíduo irá pagar aproximadamente R\$ 20,00 por dia, ou R\$ 600 em um mês. No fim da graduação, temos o valor de R\$ 21.600,00 em gastos com alimentação.

Transporte: O valor do transporte até a universidade também é importante, pois muitos dos estudantes necessitam do transporte público. Isso pode ocorrer mesmo se o aluno morar próximo da instituição. Com parâmetro em uma cidade de médio porte, o custo com a locomoção pode ser de R\$ 150,00 por mês ou R\$ 5.400,00 ao fim da graduação, tendo como base um gasto de R\$ 5,00 diários (ida e volta numa cidade mediana).

Materiais de estudo e equipamento: Os alunos dessa graduação não precisam se preocupar tanto com os custos dos materiais de estudo e equipamentos. Consideramos um investimento de aproximadamente R\$ 1.000,00 até a conclusão do curso.

Como pagar a faculdade de Teologia: Existem algumas opções para quem não tem condições de arcar com os cursos da faculdade. Conheça as principais:

- ProUni: É um programa do governo que oferece bolsas de estudos parciais e integrais para estudantes de faculdades privadas. O processo seletivo usa a nota do ENEM e, para participar, é obrigatório ter feito o exame no ano imediatamente anterior. As inscrições para o ProUni são gratuitas e acontecem duas vezes por ano.
- FIES: é o financiamento do Governo Federal para universitários de faculdades privadas. Os juros são de 3,4% ao ano e o estudante só começa a pagar a dívida um ano e meio depois de formado.
- Crédito Universitário: para quem passa por dificuldades financeiras temporárias, é possível usar o crédito universitário privado para pagar um semestre da faculdade.

Conclusão: Investir no curso almejado é algo necessário, sendo assim, o valor empregado até o término dessa graduação será de R\$ 68.608,00.

Grade atual do curso de bacharelado em teologia conforme a UNINTER:

GRADE CURRICULAR		
INTRODUTÓRIA		-----
ORIENTAÇÃO PARA EDUCAÇÃO A DISTANCIA		20h
INTRODUÇÃO A TEOLOGIA		20h
INTRODUÇÃO AS SAGRADAS ESCRITURAS		20h
TEOLOGIA E SOCIEDADE		20h
EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE		56h
ESTUDO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA		56h
TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO:NOVAS FORMAS DE ENSINAR E APRENDER		56h
FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO		56h
LIBRAS		56h
TEOLOGIA SISTEMÁTICA		56h
TEOLOGIA SISTEMATICA I		
TEOLOGIA SISTEMATICA II		56h
TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO		56h
TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO		56h
FUNDAMENTOS DA TEOLOGIA		56h
DIREITOS HUMANOS E RELIGIÃO		
PENTATEUCO		56h
TEOLOGIA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ		56h
METODOLOGIA DA PESQUISA TEOLÓGICA		56h
HISTÓRIA DA TEOLOGIA		56h
INTERPRETAÇÃO BÍBLICA		56h
EXEGESE BIBLICA		
HEBRAICO INSTRUMENTAL		56h
GREGO INSTRUMENTAL		56h
ARQUEOLOGIA		56h
QUESTÕES SOBRE HISTÓRIA DA IGREJA		56h
HISTÓRIA DA IGREJA		
HISTÓRIA DA IGREJA NO BRASIL		56h
LIVROS POÉTICOS E PROFÉTICOS	56h	56h
PROFETAS MAIORES E MENORES	56h	56h
LIVROS HISTÓRICOS		56h
PRÁTICAS PASTORAIS		56h
PSICOLOGIA PASTORAL		56h
ADMINISTRAÇÃO ECLESIAÍSTICA		56h
MISSIOLOGIA		56h
ETICA CRISTÃ		56h
BIBLIOLOGIA		56h
FUNDAMENTOS DA COMUNICAÇÃO RELIGIOSA		56h
LINGUA PORTUGUESA		
ORATÓRIA		56h
HOMILÉTICA		56h
EVANGELIZAÇÃO		56h
HERMENEUTICA BIBLICA		56h
RELIGIÕES COMPARADAS		56h
RELIGIÕES COMPARADAS		56h
ESCATOLOGIA E DANIEL		56h

APOCALIPSE	56h
HISTÓRIA DE ISRAEL	56h
FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA	56h
IGREJA NA CIDADE	56h
ECLESIOLOGIA	56h
PASTORAL URBANA	56h
MISSAO INTEGRAL DA IGREJA	56h
LIDERANÇA CRISTÃ	56h
FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA	56h
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	150h
ESTAGIO SUPERVISIONADO EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE	
ESTAGIO SUPERVISIONADO PRÁTICAS PASTORAIS	150h
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	300h
Cursos diversos	
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	40h
TCC PROJETO	
TCC DESENVOLVIMENTO	40h
TCC TEXTO FINAL	40h
TCC APRESENTAÇÃO	40h
DISCIPLINAS ELETIVAS	56h
ELETIVA I	
ELETIVA II	56h

Disciplinas Eletivas:

HISTÓRIA DA ASSEMBLÉIA DE DEUS
TEOLOGIA PENTECOSTAL
IGREJAS EMERGENTES
TEOLOGIA CONTEMPORANEA
LITURGIA
SACRAMENTOS
TEOLOGIA DA REFORMA
ECLESIOLOGIA CONTEMPORANEA
HISTÓRIA DA IGREJA QUADRANGULAR
TEOLOGIA DOS DONS ESPIRITUAIS

Pode ser observado que a grade em questão não suprirá as necessidades e desafios do pastoreio, quando comparada com as atividades corriqueiras de uma igreja ou comunidade como segue abaixo:

ATIVIDADES MINISTERIAIS
Cultos
Escola Bíblica
Administração das finanças da Igreja
Cuidado das Ovelhas
Celebrações de Eventos e festividades
Ministrações
Ensino
Evanjelismo e Missões

Analisando em contraste com as atividades exercidas dentro de uma igreja nota-se a falta de aplicabilidade da maior parte dos conteúdos da grade da UNINTER para o ofício religioso. É salutar observar a linguagem rebuscada de difícil compreensão para os que desejam aplicar os conhecimentos teológicos na comunidade eclesial. Sabemos que as pessoas com um nível financeiro menos agraciado e um grau acadêmico menos elevado poderão se matricular em cursos básicos e médios de teologia ofertados.

Além dos programas de bacharelado serem maiores, os mesmos possuem muitas exigências, produção e leitura, no entanto, sob o ponto de vista prático ministerial são prolixos e quase sem nenhum aproveitamento para o ofício religioso. As disciplinas são extremamente difíceis para pessoas com escolaridade fundamental, pois são conceituadas com um linguajar erudito e rebuscado. Diante disso, se analisarmos as disciplinas teológicas em contraste com as atividades exercidas por um ministro religioso na Eclésia, irá identificar, como consta no quadro acima, que poucas disciplinas irão ser de valia para a aplicação ministerial. Diga-se de passagem, que o MEC no Brasil não entende a realidade eclesial e somente a acadêmica. Apesar do curso de bacharelado da UNINTER objetivar formação para quem deseja atuar na vida ministerial, a grade não favorece quanto à aplicação dos respectivos conhecimentos para a comunidade eclesial.

Segue abaixo a grade do curso básico de teologia da ETAD, que visa a formação ministerial de pastores pentecostais da Assembleia de Deus.

GRADE DO CURSO
1º Ciclo
Disciplinas
BIBLIOLOGIA
ELEMENTOS DA TEOLOGIA BÍBLICA

OS EVANGELHOS
HOMILETICA
O LIVRO DE ATOS
AS EPÍSTOLAS PAULINAS I
AS EPÍSTOLAS GERAIS
O PENTATEUCO
APOLOGÉTICA I
AS EPÍSTOLAS PAULINAS II
AS EPÍSTOLAS PAULINAS III
OS LIVROS HISTÓRICOS
OS PROFETAS MAIORES
OS PROFETAS MENORES
OS LIVROS POÉTICOS
OS LIVROS APOCALÍPTICOS
2º Ciclo
DISCIPLINAS
APOLOGÉTICA II
HISTÓRIA E GEOGRAFIA BÍBLICA
LIDERANÇA CRISTÃ
EVANGELISMO E MISSÕES
CRISTOLOGIA
PNEUMATOLOGIA
HERMENÊUTICA BÍBLICA I
ESCATOLOGIA BÍBLICA
SOTERIOLOGIA I
TEONTOLOGIA
DIDÁTICA GERAL I
ANGELOLOGIA, ANTROP. BÍBLICA E HAMARTIOLOGIA
ÉTICA CRISTÃ
HISTÓRIA DA IGREJA
3º Ciclo
Disciplinas
A EPÍSTOLA AOS HEBREUS
PORTUGUÊS E TEC. DE REDAÇÃO
DIDÁTICA GERAL II
HERMENÊUTICA BÍBLICA II
COSMOGONIA BÍBLICA
GREGO DO NOVO TESTAMENTO I
SOTERIOLOGIA II
HOMILÉTICA II
TEOLOGIA DO AT
TEOLOGIA DO NT
IDENTIDADE TEOLÓGICA
BIBLIOLOGIA II
APOLOGÉTICA III
ADMINISTRAÇÃO ECLESIASTICA
LITURGIAS DA IGREJA CRISTÃS

As disciplinas citadas na grade acima, são mais relevantes com relação ao ofício religioso dos pastores pentecostais. Importante ressaltar que a ETAD é um seminário independente, mantido pela Assembleia de Deus. A instituição não tem nenhum vínculo com o Ministério da Educação do Brasil e abriga pastores e evangelistas, entendendo ofício religioso na prática.

Além disso, esses seminários são dificilmente cursados por pessoas desprovidas financeiramente e s há aqueles que não podem cursar, pois suas agendas estão completamente tomadas ou não possuem nível de instrução adequado para tal.

Após analisarmos as duas grades,concluímos que :

- A grade da UNINTER ofertará quase nenhuma relevância para o trabalho pastoral, apesar da mesma colocar isso como um dos objetivos do curso de bacharelado em teologia.
- A grade da ETAD oferta disciplinas bastante importantes para a prática do ofício religioso, recebendo pessoas de baixa escolaridade. Porém, com as disciplinas com nomes rebuscados, eruditos e de difícil compreensão para as pessoas leigas.
- Muitos que concluírem seus cursos na ETAD não conseguirão obter uma assimilação satisfatória e não saberão aplicar os conhecimentos adquiridos no ofício religioso dentro de uma igreja.

O fato é que possuímos muitos líderes e ministros em atuação em várias comunidades eclesiais que são leigos em todos os sentidos: seja no sentido da escolaridade ou no sentido teológico.

Assim, é importante ressaltar que a teologia é composta por várias disciplinas. Essas disciplinas são de cunho histórico, linguístico, escriturístico e de conceituação. É comprovado que a medida que utilizamos os nossos sentidos potencializamos o aprendizado. A UNICESUMAR no Brasil foi uma das melhores faculdades com a EaD no Brasil, pelo fato de explorar isso ao máximo. Para um curso de Teologia, em que o aprendizado seja potencializado, será necessário que este curso possua material digital como *ebooks*, módulos, artigos, slydes que contenham gravuras, além de informações, videoaulas, tutoriais em vídeos, áudios das aulas em MP3, dicionários digitais, grupos de estudos por meio de WhatsApp, grupos de estudos por meio de redes sociais (Facebook), utilização de mapas mentais para a organização do conhecimento, atividades para estudos

exercitar o conhecimento que consistam na produção escrita (resumos, artigos e resenhas), além de tutores e professores qualificados que possam gerenciar o conhecimento. É importante r destacar que, alguns seminários no Brasil insistem em ofertar educação a distância, não tendo nenhuma estrutura para tal e menos ainda, professores qualificados para tal tarefa. Para executar todo o proposto é imprescindível que se utilize uma plataforma de aprendizagem que contenha todo o material e atividades necessárias. Esta plataforma deve ser prática para os alunos e tutores do curso.

O maior problema da informalidade da educação a distância, quando mau utilizada é a falta de metodologia, de sistemas adequados, da produção de materiais por pessoas competentes e da falta de credibilidade das informações fornecidas.

Todas essas ferramentas estão disponibilizadas no site da EBWU: www.emillbrunner.com.

CAPÍTULO IX

REFERENCIAL TEÓRICO E SUAS RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROGRAMA PROPOSTO

Em especial, o referencial teórico deste programa é composto por dez cinco autores, que foram indispensáveis para sua criação .

9.1. Karl Marx

A educação segundo ele visava colaborar para a transformação da sociedade, política e economicamente. Marx acreditava que a educação era parte da superestrutura de controle usada pelas classes dominantes. Por isso, ao aceitar as idéias passadas pela escola à classe dos trabalhadores, que Marx denominava classe proletária, cria uma falsa consciência, que a impede de perceber os interesses de sua classe. Assim, o autor concebia uma educação socializada e igualitária a todos os cidadãos.

Versar sobre os paradigmas e suas contribuições para o processo educacional, não é um trabalho fácil, exige a localização da relação sujeito-objeto como um eixo central. A história da filosofia tem demonstrado ser esta a preocupação e é um dos principais problemas da filosofia. Assim, compreender a relação sujeito-objeto é compreender como o ser humano se relaciona com o ambiente, com a natureza, em suma, com a vida (GRAMSCI, 1991).

Marx não via com bons olhos uma educação oferecida pelo Estado-Nação burguês, capitalista, basicamente por desacreditar no currículo que ela traria e na forma como seria ensinado. Mesmo que tenha defendido a educação compulsória em 1869, Marx opunha-se a qualquer currículo baseado em distinções de classe. Defendia a educação técnica e industrial, mas não um vocacionalismo estreito. Essas ideias tiveram um impacto posterior na educação, especialmente no que diz respeito à educação tecnológica.

Para Ghiraldelli Junior (2003), as ideias de Marx, conta-se tipicamente, a percepção do mundo social pela categoria de classes, definida pelas relações com os processo econômicos e produtivos, a crença no desenvolvimento da sociedade além da fase capitalista através de uma revolução do proletariado. Na prática, o marxismo é um comprometimento com as classes exploradas e oprimidas e com a revolução que deverá melhorar sua situação.

Um ponto forte do marxismo, como filosofia, é que ela fornece uma visão da transformação social e promove uma visão da ação humana determinada a levar adiante essa transformação. Ela retrata um mundo onde as coisas não são fixas e luta por mudança. Por essas características, o marxismo, muitas vezes, tem um apelo àqueles que se vêem como oprimidos. Além disso, enfatiza um ideal de poder social para as classes menos favorecidas, dessa forma, têm um forte elo para aqueles que vivem sob regimes ou em circunstâncias que demonstram pouca preocupação com a classe mais pobre.

Todavia, todo e qualquer processo relacionado com a educação é lento, o que induz a persistência e luta dos ideais, pois somente então poderá haver a concretização do saber teórico com a prática, o que será motivo de muitas contradições e ao mesmo tempo de aprendizagem, e isto, têm início em cada um de nós.

Com base nas idéias de Marx pode-se inferir que educar é um desafio social. Assim sendo, esta prática pode tornar-se um instrumento mobilizador para com a situação atual em que vive a população. É preciso superar uma sociedade voltada à produção aos bens de consumo, que despreza a natureza humana e histórica. O ser humano precisa ser respeitado em sua totalidade, em suas potencialidades, modo de expressão e de pensar, ter o direito a uma educação igualitária baseada em princípios democráticos e não de escravidão.

Lembrando que, em vez de serem independentes das mazelas da sociedade, as escolas são umas das partes integrais do sistema capitalista e, como tal, seu potencial para a reforma está bastante limitado. Apenas com a reforma do sistema político e econômico o ensino poderá ter algum efeito na emancipação dos menos favorecidos.

A dialética por si abre caminhos para a busca e concretização destes ideais, entretanto, é uma luta constante e necessita muita perseverança, sendo a educação uma alternativa de se elucidar tais problemas. Faz-se conveniente evoluir um pensamento e atos, pois somente assim o homem se sentirá capaz no que realiza.

Neste sentido, Marx contribuiu para a educação do homem moderno, em sua teoria educacional, o marxismo, mistura a teoria e a prática e apresenta aos aprendizes a necessidade crucial da atividade racional e um sentido de responsabilidade social necessário para uma existência mais humana.

9.2. Paulo Freire

Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação.

Ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, Freire condenava o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas (isto é, as "escolas burguesas"), que ele qualificou de educação bancária. Nela, segundo Freire, o professor age como quem deposita conhecimento num aluno apenas receptivo, dócil. Em outras palavras, o saber é visto como uma doação dos que se julgam seus detentores. Trata-se, para Freire, de uma escola alienante, mas não menos ideologizada do que a que ele propunha para despertar a consciência dos oprimidos. "Sua tônica fundamentalmente reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade", escreveu o educador. Ele dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que defendia tinha a intenção de inquietá-los.

Freire criticava a ideia de que ensinar é transmitir saber porque para ele a missão do professor era possibilitar a criação ou a produção de conhecimentos. Mas ele não comungava da concepção de que o aluno precisa apenas de que lhe sejam facilitadas as condições para o auto-aprendizado. Freire previa para o professor um papel diretivo e informativo - portanto, ele não pode renunciar a exercer autoridade. Segundo o pensador pernambucano, o profissional de educação deve levar os alunos a conhecer conteúdos, mas não como verdade absoluta. Freire dizia que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas. "Os homens se educam entre si mediados pelo mundo", escreveu. Isso implica um princípio fundamental para Freire: o de que o aluno, alfabetizado ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor nem pior do que a do professor. Em sala de aula, os dois lados aprenderão juntos, um com o outro - e para isso é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar. "Uma das grandes inovações da pedagogia freireana é considerar que o sujeito da criação cultural não é individual, mas coletivo", diz José Eustáquio Romão, diretor do Instituto Paulo Freire, em São Paulo.

A valorização da cultura do aluno é a chave para o processo de conscientização preconizado por Paulo Freire e está no âmago de seu método de alfabetização, formulado inicialmente para o ensino de adultos. Basicamente, o método propõe a identificação e

catalogação das palavras-chave do vocabulário dos alunos - as chamadas palavras geradoras. Elas devem sugerir situações de vida comuns e significativas para os integrantes da comunidade em que se atua, como por exemplo "tijolo" para os operários da construção civil.

Diante dos alunos, o professor mostrará lado a lado a palavra e a representação visual do objeto que ela designa. Os mecanismos de linguagem serão estudados depois do desdobramento em sílabas das palavras geradoras. O conjunto das palavras geradoras deve conter as diferentes possibilidades silábicas e permitir o estudo de todas as situações que possam ocorrer durante a leitura e a escrita. "Isso faz com que a pessoa incorpore as estruturas linguísticas do idioma materno", diz Romão. Embora a técnica de silabação seja hoje vista como ultrapassada, o uso de palavras geradoras continua sendo adotado com sucesso em programas de alfabetização em diversos países do mundo.

9.2.1 Seres inacabados

O método Paulo Freire não visa apenas tornar mais rápido e acessível o aprendizado, mas pretende habilitar o aluno a "ler o mundo", na expressão famosa do educador. "Trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la)", dizia Freire.

Esse ponto de vista implica a concepção do ser humano como "histórico e inacabado" e consequentemente sempre pronto a aprender. No caso particular dos professores, isso se reflete na necessidade de formação rigorosa e permanente. Freire dizia, numa frase famosa, que "o mundo não é, o mundo está sendo".

9.2.2 - Três etapas rumo à conscientização

Embora o trabalho de alfabetização de adultos desenvolvido por Paulo Freire tenha passado para a história como um "método", a palavra não é a mais adequada para definir o trabalho do educador, cuja obra se caracteriza mais por uma reflexão sobre o significado da educação. "Toda a obra de Paulo Freire é uma concepção de educação embutida numa concepção de mundo", diz José Eustáquio Romão. Mesmo assim, distinguem-se na teoria do educador pernambucano três momentos claros de aprendizagem. O primeiro é aquele em que o educador se inteira daquilo que o aluno conhece, não apenas para poder avançar no ensino de conteúdos mas principalmente para trazer a cultura do educando para dentro da sala de aula. O segundo momento é o de

exploração das questões relativas aos temas em discussão - o que permite que o aluno construa o caminho do senso comum para uma visão crítica da realidade. Finalmente, volta-se do abstrato para o concreto, na chamada etapa de problematização: o conteúdo em questão apresenta-se "dissecado", o que deve sugerir ações para superar impasses. Para Paulo Freire, esse procedimento serve ao objetivo final do ensino, que é a conscientização do aluno.

9.2.3 - Para pensar

Um conceito a que Paulo Freire deu a máxima importância, e que nem sempre é abordado pelos teóricos, é o de coerência. Para ele, não é possível adotar diretrizes pedagógicas de modo consequente sem que elas orientem a prática, até em seus aspectos mais corriqueiros. "As qualidades e virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e fazemos", escreveu o educador. "Como, na verdade, posso eu continuar falando no respeito à dignidade do educando se o ironizo, se o discrimino, se o inibo com minha arrogância?" Você, professor, tem a preocupação de agir na escola de acordo com os princípios em que acredita? E costuma analisar as próprias atitudes sob esse ponto de vista?

9.3. Sigmund Freud

Sigmund Freud como a maioria das pessoas conhecem, foi um grande teórico do desenvolvimento humano ao qual instituiu uma das principais teorias do psiquismo, a Psicanálise.

Fazendo um panorama geral da vida deste teórico vemos em sua história de vida um grande caminho percorrido para perpetuar a psicanálise. Formado em Medicina pela Universidade de Viena, desde os tempos da faculdade já era um grande pesquisador no laboratório de neurofisiologia. Ao se formar na universidade passou a trabalhar no Hospital Geral de Viena, e foi a partir do trabalho com Jean Martin Charcot que ele passou a conhecer a hipnose, a partir daí desenvolveu as mais variadas experiências que se concluiu com a criação da psicanálise.

Segundo Bacha (2003), desde os primórdios de Freud várias tentativas foram feitas no sentido de explorar o que a psicanálise tem a oferecer à educação. O interesse dos psicanalistas por esta prática humana, perpetuado nas tentativas de construir uma

educação psicanalítica, foi atribuída por Freud no Prefácio à Juventude Desorientada, de Aichhorn (1925), à importância que a criança passou a ter para a investigação psicanalítica desde que esta descobriu que aquela continua a viver depois que cresce, no adulto. Isto teria tornado a criança mais importante do que os neuróticos para a pesquisa psicanalítica.

Para que possamos entender melhor esta vertente bastante polêmica entre psicanálise e educação, vamos conhecer a teoria do desenvolvimento psicosexual proposta por Sigmund Freud, além dos estudos sobre a estrutura da personalidade.

Freud, no que diz respeito à estrutura de personalidade, afirma que esta é composta por três grandes sistemas: Id, Ego e Superego. Embora cada uma destas partes da personalidade tenha suas próprias funções, propriedades componentes, dinamismos e princípios de ação, elas agem em estreita relação e trazem muitas contribuições para compreender o comportamento humano (HALL 2000).

De acordo com Hall (2000), o Id é um sistema original de nossa personalidade, é a matriz de onde se origina o ego e o superego. O Id é constituído por tudo aquilo que é psicológico que é herdado que se faz presente em nós desde o nascimento, incluindo nossos instintos. Podemos dizer que ele é o reservatório de toda nossa energia psíquica e distribui energia para os outros dois sistemas. Está em constante contato com os processos corporais, dos quais deriva a energia, o Id é nossa “verdadeira realidade psíquica, pois representa nosso mundo interno, nossa realidade subjetiva e não tem nenhum contato com nossa realidade objetiva.

Diante da explicação do autor, podemos dizer que o **Id** é composto basicamente por nossos impulsos. É o que nos leva a agir. Neste contexto da compreensão psíquica, o ego passa a existir porque nosso organismo tem necessidades que requerem transações apropriadas com a nossa realidade objetiva, com aquilo que é consciente.

O Ego, segunda instância psíquica descrita por Freud, seria nossa noção da realidade, o mecanismo que nos mantém conscientes e em contato com a realidade que nos cerca. Hall (2000) por sua vez afirma que o **ego** é o executivo da personalidade, pois tem a função de controlar o acesso à ação, selecionando características do ambiente às quais irá responder, e resolve então que instintos serão satisfeitos e de que maneira. Ao realizar estas funções executivas muito importantes, o ego precisa ainda tentar integrar as

demandas conflitantes advindas do id, do superego e do mundo externo. O ego não existe separadamente do id. Seu papel principal é de mediar as exigências instintuais do organismo e as condições do ambiente que o cerca, seus objetivos são manter a vida do indivíduo e assegurar que a espécie se reproduza.

O terceiro e último sistema da personalidade humana é o **superego**. Ele é o representante interno dos valores tradicionais impostos pela sociedade conforme interpretado pelos pais para a criança, e impostos por um sistema de recompensas e punições. Podemos dizer que o superego é a força moral de nossa personalidade, ele representa o ideal do que o real e busca a perfeição mais do que o prazer. Seu principal papel é decidir se uma atitude, comportamento ou decisão é certa ou errada e se está de acordo com o que é prezado pela sociedade (HALL 2000).

Esta instância psíquica se desenvolve como árbitro da nossa moral e pelas condutas internalizadas, e desenvolve-se de acordo com as regras, limites e recompensas impostas por nossos pais. Ou seja, para evitar castigos e receber recompensas, a criança aprende a se comportar de acordo com o que é estabelecido por seus pais. Para entendermos melhor, diríamos que tudo aquilo que os pais dizem ser impróprio e por isso castigam a criança, é incorporado por ela e trazido à sua consciência. A criança absorve e introjeta os valores morais dos pais, com a formação do superego o autocontrole passa a agir substituindo o controle dos pais (HALL 2000).

Analisando as questões que envolvem o superego, podemos dizer o quanto ele é importante para a formação de nossa personalidade, e o quanto a família contribui de forma positiva ou negativa nesta formação. Muitas das questões que envolvem as condutas, os comportamentos, as regras e limites tem sua origem na formação do superego, ou seja, se a família não consegue passar estes valores às crianças, isso irá se refletir no momento em que a criança passa a atuar em outro meio social que no caso é a escola. O superego nos ajuda a controlar os impulsos.

Seguindo com os estudos da Psicanálise, veremos agora como o pai desta teoria dividiu as fases do desenvolvimento humano. Hall (2000) enfatiza que segundo a teoria de Freud, a criança passa por vários estágios dinamicamente diferenciados durante seus primeiros cinco anos de vida, após este período a dinâmica do desenvolvimento fica mais estabilizada no chamado período de latência. Com a entrada na adolescência a dinâmica inicia outra vez à medida que o adolescente entra na vida adulta. Cada estágio de

desenvolvimento nestes primeiros cinco anos de idade é definida a partir dos modos de reações de uma zona específica do corpo.

O modelo de desenvolvimento descrito na psicanálise baseia-se na suposição da sexualidade infantil, chamados de estágios de desenvolvimento psicosssexual. Agora veremos brevemente cada um destes estágios conforme descrito por Hall (2000):

9.3.1 - Estágio Oral: a principal fonte de prazer deste estágio vem da boca, e resulta no ato de comer que envolve a tátil dos lábios e da cavidade oral, além do ato de engolir, ou no caso de um alimento que não agrada, o ato de cuspir. Com o nascimento dos dentes, passa-se então a ter prazer na mastigação e no morder. É importante destacar que esta fase ocorre quando bebê, uma fase em que a criança é totalmente dependente da mãe para sobreviver, nasce aí um sentimento de dependência. Estes sentimentos de dependência podem permanecer pela vida toda, mesmo com formação do ego, visto que este sentimento pode aflorar quando nos sentimos ansiosos ou inseguros.

9.3.2 - Estágio Anal: depois que o alimento é ingerido, os resíduos se acumulam no trato intestinal e são eliminados quando sofremos a pressão esfinteriana. A expulsão das fezes produz um sentimento de conforto e alívio. Quando a criança está sendo treinada para deixar as fraldas ela tem sua primeira experiência de gratificação na fase anal através da regulação dos impulsos intestinais. A maneira como a mãe irá conduzir este treinamento será decisivo na formação da personalidade e inúmeros traços de caráter são formados na fase anal.

9.3.3 - Estágio Fálico: durante o desenvolvimento da personalidade, os sentimentos sexuais e agressivos ligados ao funcionamento dos órgãos genitais ficam evidentes. Surgem a partir daí o prazer da masturbação e o autoerotismo apontando para o aparecimento do Complexo de Édipo. É nesta fase que a criança passa a desejar o genitor do sexo oposto nutri um sentimento de rivalidade para com o genitor do mesmo sexo. O medo da castração e o impedimento do incesto por parte do genitor do sexo oposto são fundamentais para a formação dos valores morais da criança no que compreende seu superego.

9.3.4 - Período de Latência: após o Complexo de Édipo em que a criança sofre a interdição do incesto, ela entra no período que não configura uma fase em si, o chamado período de latência, que compreende um intervalo no desenvolvimento psicosssexual, onde iniciam-se as atividades escolares por volta dos seis anos de idade até o início da

adolescência. A criança passa a canalizar todas as suas energias para as atividades acadêmicas, e a sexualidade fica latente, esta fase é de extrema importância para sua socialização e para a formação e estruturação do ego.

9.3.5 - Estágio Genital: este estágio compreende mais precisamente à adolescência, onde ocorrem as descobertas corporais através da masturbação e o auto amor narcisista, que possibilita ao adolescente a procura relações genuinamente permitidas, ou seja, fase onde ocorrem as descobertas amorosas, a formação dos grupos, planejamento do futuro como construir uma carreira e até mesmo uma família.

O desenvolvimento psicosssexual é bastante complexo, porém compreender os aspectos subjetivos do desenvolvimento e do psiquismo humano é um direcionador para os educadores, que com certeza será capaz de identificar conflitos que podem estar influenciando no processo de ensino e aprendizagem da criança. Entender a mente humana, possibilita entender a natureza do ser humano e sua essência.

De acordo com Kupfer (1989) Freud acreditava que a educação era uma missão quase que impossível de se realizar, pois para ele para bem educar é imprescindível que o educador entre em contato com a própria infância, porém aos olhos dos psicanalistas, esta infância não está mais acessível, pois seus conteúdos foram todos recalçados e sublimados. Estes dois mecanismos de defesa por sua vez têm a função de proteger o ego de possíveis ameaças e angústias advindas destas lembranças.

Deste modo Freud nos chama atenção para a necessidade de que os educadores sejam psicanaliticamente orientados, de modo que busque em seu educando, o ideal equilíbrio entre o prazer individual - o prazer inerente à ação das pulsões sexuais - e as necessidades sociais, a repressão e a sublimação destas pulsões.

A educação precisa de educadores com este perfil, que não usassem e não abusassem do seu poder na sala de aula para, de forma inconsciente, punir ou negar toda a carga emocional que o próprio processo de desenvolvimento traz consigo.

9.4 - Jean Jaques Lacan

A partir de 1936, Lacan iniciou-se na filosofia hegeliana, quando assistia ao seminário de Alexandre Kojève (1902-1968). Frequentava sedes de revistas culturais e participava de reuniões no Collège de Sociologie, onde conviveu com diversos intelectuais, entre os quais o escritor Georges Bataille (1897-1962), cuja esposa viria a

ser a segunda mulher de Lacan. Desses anos de grande ebulição intelectual e teórica tirou a certeza de que a obra freudiana devia ser relida “ao pé da letra” e à luz da tradição filosófica alemã.

Em 1938, a pedido de Henri Wallon (1879-1962) e do historiador Lucien Febvre (1878-1956), Lacan fez um balanço sombrio das violências psíquicas próprias da família burguesa em um verbete da *Encyclopédie française*. Constatando que a psicanálise nasceu do declínio do patriarcado, passou a apelar para a revalorização da função simbólica da psicanálise no mundo cada vez mais ameaçado pelo fascismo.

Lacan sempre manteve fortes relações intelectuais fora do meio psicanalítico: com o linguista Roman Jakobson (1896-1982), com o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009), com os filósofos Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Martin Heidegger (1889-1976), com os surrealistas, entre outros. Sob influência desses pensadores, adotou um questionamento profundo sobre o estatuto da verdade, do ser e do que significa considerar-se “sujeito” diante da complexidade do mundo contemporâneo. Da linguística, extraiu sua concepção de significante e de um inconsciente organizado como linguagem; da antropologia, deduziu a noção de simbólico, que utilizou na tópica SIR (simbólico, imaginário, real), assim como sua releitura universalista da interdição do incesto e do complexo de Édipo.

Durante dez anos, duas vezes por mês, Lacan realizou seu seminário público, aberto a quaisquer interessados, comentando sistematicamente todos os grandes textos do corpus freudiano e dando origem a uma nova corrente de pensamento: o lacanismo, cujos preceitos seriam discutidos não apenas por psicanalistas, mas por intelectuais de peso como Michel Foucault (1926-1984) e Gilles Deleuze (1925-1995).

Depois da morte de Lacan, em 1981, o lacanismo fragmentou-se numa multiplicidade de tendências, grupos, correntes e escolas, sendo implantado de maneiras diversas em muitos países, tendo o Brasil e a Argentina alguns de seus representantes mais férteis. Entre as contribuições mais importantes de Lacan para o campo da educação estão as noções de estágio do espelho e de eu ideal.

9.4.1 - O estágio do espelho e o eu ideal

Segundo Lacan, nos primeiros meses de vida de uma criança, não há nada parecido a um eu, com suas funções de individualização e de síntese da experiência. Falta ao bebê

o esquema mental de unidade do corpo próprio que lhe permite constituir esse corpo como totalidade, assim como distinguir interno e externo, individualidade e alteridade.

É só entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida que tal esquema mental será desenvolvido. Para tanto, faz-se necessário o reconhecimento de si na imagem do espelho ou na identificação com a imagem de outro bebê. Ao reconhecer pela primeira vez sua imagem no espelho, a criança tem uma apreensão global e unificada de seu corpo. Assim, essa unidade do corpo será primeiramente visual e é condição fundamental para o desenvolvimento psíquico do bebê.

As imagens determinam a vida do indivíduo, representam um dispositivo fundamental de socialização e individuação, fazem parte da realidade psíquica. A partir delas, nasce a fantasia. Nesse processo, surge um conceito reelaborado por Lacan, a partir de Freud: o eu ideal, que representa a ideia que o indivíduo tem de si mesmo na forma arcaica e que delimitará suas identificações posteriores.

Para Freud, a constituição do eu se dá de dentro para fora; para Lacan, ao contrário, se dá de fora para dentro. Segundo o francês, para orientar-se no pensar, no sentir e no agir, para aprender a desejar, para ter um lugar na estrutura familiar e social, a criança precisa inicialmente raciocinar por analogia (no sentido da mimesis grega): imitar uma imagem na posição de tipo ideal, adotando, assim, a perspectiva de um Outro. Tais operações de imitação são importantes para a orientação das funções cognitivas e afetivas, e têm valor fundamental na constituição e no desenvolvimento subsequentes do eu em outros momentos da vida madura.

Na alienação do sujeito ao Outro, o infans (o “sem palavras”) se identifica e se experimenta. Começa então a circulação do desejo: fazer-se reconhecer, ser desejado e desejar o desejo do Outro. Imagem, palavra, alimento e cuidados são expressões dos rumos da pulsão, em suas diferentes modalidades: oral, anal, visual e vocal. Esse processo vai inscrevendo as representações no inconsciente, o que dará espaço ao processo de estruturação psíquica do sujeito sustentado pelo desejo do Outro.

Depois de reconhecer-se no espelho, as imagens dos irmãos, do pai, da mãe e de seus substitutos sociais farão parte da “imagem ideal”, necessária para a socialização. Esse dispositivo permitirá a entrada da criança numa trama sócio-simbólica, cujo núcleo é a família, mas que se compõe de outras figuras com função de autoridade. Entre esses personagens, o professor tem papel fundamental.

Dessa forma, a criança introjeta uma imagem que vem de fora (do espelho e dos humanos que a cercam). Por meio do olhar, da linguagem, do toque, da entonação da voz do Outro e de outros aspectos da comunicação inconsciente, se estabelece uma intensa troca (ou uma falha também imensa) entre a criança e a cultura.

Assim nasce o sujeito lacaniano, aquela estrutura com a função de ser o lugar em que o eu pode reconhecer-se, mas onde sua autonomia total se quebra diante da dependência do externo.

9.4.2 - Outros conceitos desenvolvidos por Lacan

a) Gozo e perversão

Para Lacan, o conceito de gozo implica a ideia de transgressão da lei: desafio, insubmissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico. Na perversão, o sujeito só encontra prazer quando a lei é transgredida.

b) Simbólico, Imaginário, Real

Essa tríade de conceitos, a partir de 1953, forma uma estrutura que, segundo Lacan, passaria a determinar e equilibrar as relações intrapsíquicas:

- O simbólico designa a ordem civilizatória a que o sujeito está ligado, como um lugar psíquico em que são reconhecidos os discursos produtores de “verdades”.
- O imaginário se define como um lugar no eu onde são acolhidos os fenômenos de representações ilusórias, utilizados para aplacar as vivências angustiantes advindas do real.
- O real designa qualquer fenômeno, aquilo que ainda não tem representações ou simbolizações no eu, que está no plano das vivências corporais ou emocionais e que, em geral, causa angústia ou sofrimento.

c) Significante

Esse termo foi introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913) para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito.

Retomado por Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento do discurso (consciente ou inconsciente) que fará parte de uma série que, por sua vez, determinará os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e de acordo com uma nomeação que vem do simbólico.

9.5 - Vygotsky

Em Vygotsky, o homem possui natureza social, visto que nasce em um ambiente carregado de valores culturais. Nesse sentido, a convivência social é fundamental para transformar o homem de ser biológico em ser humano social (VYGOTSKY, 1991).

A criança nasce apenas com funções psicológicas elementares e, a partir do aprendizado da cultura, estas funções transformam-se em funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 1991). Essa evolução é mediatizada pelas pessoas que interagem com as crianças, e é essa intermediação que dá ao conhecimento um significado social e histórico.

A construção de conhecimentos e o desenvolvimento mental possuem características individuais e particulares, ou seja, os significados culturais historicamente produzidos são internalizados pelo homem de forma individual, possuem um sentido pessoal. Segundo (Lane, 1997, p. 34) "a palavra, a língua, a cultura relaciona-se com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo".

Nesse processo de construção social e histórica do homem, a linguagem possui dupla importância na construção do saber. É ela que intermédia a relação entre os homens. (Oliveira, 1992, p. 27) "a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando os fatos do mundo real em conceitos cujo significado é compartilhado pelos homens que, enquanto coletividade, utilizam a mesma língua".

Como se sabe, para Vygotsky, existem três momentos importantes da aprendizagem da criança: a zona de desenvolvimento potencial, que é tudo que a criança ainda não domina mas que se espera que ela seja capaz de realizar; a zona de desenvolvimento real, que é tudo que a criança já é capaz de realizar sozinha; a zona de desenvolvimento proximal, que é tudo que a criança somente realiza com o apoio de outras pessoas. É na zona de desenvolvimento proximal, segundo Oliveira (1993, p. 61) que a "interferência de outros indivíduos é mais transformadora. Isso porque os conhecimentos já consolidados não necessitam de interferência externa".

Isso significa que o ensino-aprendizagem deve ter como ponto de partida o desenvolvimento real da criança e, como ponto de chegada, os conhecimentos que estão latentes, mas ainda não desabrocharam. "a escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão do mundo a partir de seu desenvolvimento já consolidado e tendo como etapas posteriores, ainda não alcançadas". (OLIVEIRA, 1993, p. 62)

Nesse processo, o professor deve ser o estimulador da zona de desenvolvimento proximal, provocando avanços nos conhecimentos que ainda não aconteceram. A interferência do professor não pressupõe, no entanto, uma pedagogia diretiva, autoritária e, menos ainda, uma relação hierárquica entre professores e alunos (OLIVEIRA, 1993; VYGOTSKY, 1991; GOULAR, 1995).

A teoria de Vygotsky oferece uma nova racionalidade, a partir da qual é possível entender-se o desenvolvimento interno da aprendizagem e do conhecimento. A conclusão de que uma atividade que hoje a criança somente consegue fazer com o auxílio de outra pessoa, mas que pode vir a fazer sozinha amanhã recoloca a relação erro/acerto numa outra perspectiva: a de que o ato de errar não deve ser encarado como incapacidade, mas como indicador de que certos conhecimentos precisam ser estimulados.

A importância da cultura, da linguagem e das relações sociais na teoria de Vygotsky fornece a base para uma educação na qual o homem seja visto na sua totalidade: na multiplicidade de suas relações com outros, na sua especificidade cultural; na sua dimensão histórica, ou seja, em processo de construção e reconstrução permanente.

9.6 - Jean Piaget

A obra de Jean Piaget (1896-1980) foi constituída através de pesquisas realizadas por mais de cinco décadas, tendo dedicado sua vida à análise do processo de aquisição do conhecimento humano. Formado em Ciências Naturais, criou um campo de investigação pautado no desenvolvimento infantil para explicar como o homem é capaz de atingir patamares de conhecimento mais avançados.

Com o objetivo de chegar ao pensamento adulto, Piaget recorreu à gênese do pensamento infantil a fim de acompanhar sua evolução até a fase adulta, quando o pensamento adquire maior elaboração. Segundo ele, até atingir a capacidade plena de raciocínio no início da adolescência, o desenvolvimento infantil passa por quatro estágios:

9.6.1 - Estágio Sensório-Motor (0 a 2 anos) – O bebê começa a construir esquemas de ação a partir de reflexos neurológicos básicos. A inteligência é prática e as noções de tempo e espaço são construídas pela ação direta com o meio como, por exemplo, pegar objetos e levá-los a boca.

9.6.2 - Estágio Pré-Operatório (2 a 7 anos) – Estágio da inteligência simbólica, caracterizado pela interiorização dos esquemas de ação elaborados a partir do estágio sensório-motor e pela aquisição da linguagem como forma de expressão.

9.6.3 - Estágio Operatório Concreto (7 a 11 anos) - Desenvolvimento da noção de tempo e espaço e capacidade de abstração da realidade. A criança já não se limita a uma representação imediata, mas ainda depende muito do mundo concreto para chegar à abstração.

9.6.4 - Estágio Operatório Formal (12 anos em diante) – Nesta fase a criança amplia as capacidades conquistadas na fase anterior e é capaz de pensar em todas as relações possíveis a partir de hipóteses que não dependam necessariamente da observação da realidade. A representação permite, portanto, a abstração total e o organismo atinge assim seu equilíbrio.

O autor descobriu assim características peculiares do nosso do nosso desenvolvimento e concluiu que a inteligência é um caso particular de adaptação biológica aonde o sujeito avança na medida em que desenvolve a capacidade de se adaptar às situações impostas pelo meio, criando instrumentos para superar os obstáculos que encontra durante seu processo de maturação.

Portanto, o desenvolvimento psíquico, assim como o desenvolvimento orgânico, orienta-se para alcançar o equilíbrio e o processo de desenvolvimento representa a passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estágio de equilíbrio superior, sempre em direção a uma forma de equilíbrio final. Nesse caminho, o organismo se vale da interação entre dois importantes mecanismos: a assimilação e a acomodação. Por um lado, a assimilação é responsável pela incorporação da informação aos esquemas que o indivíduo já possui; em contraponto, a acomodação promoverá a modificação dos esquemas individuais em função das resistências que o objeto a ser assimilado impõe ao sujeito. Como consequência dessa dinâmica, a inteligência resulta de uma adaptação e do equilíbrio entre os processos de assimilação e acomodação diante de nossas interações com o meio. Assim, quando um novo desafio é colocado à prova o desequilíbrio por ele

causado volta a colocar a engrenagem psíquica em funcionamento. Logo, nos termos de Piaget, o conhecimento é fruto da interação constante entre a bagagem hereditária e as experiências adquiridas.

9.7 - Rudolf Karl Bultmann

Rudolf Bultmann é colocado como referencial teórico pois sua teologia foi formulada para se opor a teologia liberal de sua época. Ele trabalhou na linguagem bíblica tratando da desmitologização para que o Kerigma ou a proclamação da mensagem não fosse ridicularizada no século XX. Ele estabeleceu uma maneira racional de comunicar as verdades bíblicas para uma época extremamente racionalista que não poderia mais aceitar a linguagem retrógrada e mitológica do novo testamento (OLIVEIRA, 2015).

Analisando a linha de Bultmann parece que o mesmo desejou tornar a mensagem bíblica coerente para o público do seu tempo. Bultmann desejou combater o liberalismo teológico com uma linguagem adequada para sua época. Ele trabalhou a grande obra: Desmitologização do Novo Testamento. Como o mesmo foi missionário ele tinha o hábito de levar ao evangelho em uma linguagem adequada para os evangelizados. Agora o mesmo no século XX estava o fazendo na linguagem dos intelectuais. (OLIVEIRA, 2013).

Um dos teólogos mais influentes do século XX, Rudolf Bultmann (1884-1976) se destacou com seus escritos históricos e interpretativos sobre o Novo Testamento. Ele foi, durante muitos anos, catedrático da Universidade de Marburg, na Alemanha.

Segundo Bultmann, a tarefa da teologia é a de descobrir um “conceptualismo”, cujos termos pudessem aproximar a mensagem do Novo Testamento a cosmovisão moderna. Em correspondência pessoal, ele sempre afirmou sua intenção proclamar uma mensagem contextualizada, ele se referiu certa vez a uma senhora que retornou à Igreja, depois de muito tempo afastada, por causa da leitura de um de seus livros.

Apoiando-se num esquema interpretativo existencialista, bastante influenciado por Martin Heidegger, seu colega na Universidade de Marburg, Bultmann passou sua vida lendo o Novo Testamento, como se fosse um documento heideggeriano, e se valendo de métodos histórico-críticos para eliminar do texto os elementos resistentes ao sistema filosófico existencialista.

Bultmann fez uma palestra em 1941 numa conferência para pastores, que posteriormente foi publicada, “O Novo Testamento e a Mitologia”. A tese de Bultmann: a humanidade contemporânea, que se acostumou com os avanços da ciência, não pode aceitar o conceito mitológico do mundo expresso nos escritos bíblicos.

De acordo com Bultmann, “a concepção do universo do Novo Testamento é mítica. O universo é considerado como dividido em três andares. No meio se encontra a terra, sobre ela o céu, abaixo dela o mundo inferior. O céu é a morada de Deus e das figuras celestes, os anjos; o mundo inferior é o inferno, lugar de tormento. Mas também a terra não é o só o lugar do acontecer natural e cotidiano, da providência e do trabalho, que conta com ordem e lei; é também cenário do atuar de poderes sobrenaturais, de Deus e de seus anjos, de Satã e de seus demônios. Os poderes sobrenaturais interferem nos acontecimentos naturais e no pensar, querer e agir do ser humano; milagres não são nada raros. Satã pode lhe incutir pensamentos malignos. Mas Deus pode dirigir seu pensar e querer, pode fazê-lo ter visões celestiais, fazê-lo ouvir a sua palavra exortadora e consoladora, pode presentear-lhe a força sobrenatural de seu espírito.

A história não percorre seu caminho constante e estabelecido pôr suas próprias leis, mas obtêm seu movimento e direção dos poderes sobrenaturais. Este eón encontra-se sob o poder de Satã, do pecado e da morte (que precisamente são considerados “poderes”).

Rapidamente ela se encaminha para seu fim, mais explicitamente um fim próximo, que ocorrerá numa catástrofe cósmica. São eminentes as “dores de parto” do tempo final, a vinda do juiz celestial, a ressurreição dos mortos, o julgamento para a salvação e perdição.

A estes temas acima mencionados, que apresentam uma formulação ortodoxa e evangélica, Bultmann responde dizendo que “tudo isto é linguagem mitológica... Em se tratando de linguagem mitológica, ela é inverossímil para o ser humano hoje” [2]. Ele se propõe para a teologia a tarefa de desmitologizar a proclamação cristã, descobrindo a verdade que está inserida na concepção mítica do universo do Novo Testamento.

A preocupação de Bultmann não era a eliminação dos mitos, pelo contrário, ele procurou uma reinterpretação da linguagem mitológica da Bíblia. “É bem possível que numa concepção mística passado do universo possam ser descobertas de novo verdades que foram perdidas numa época de iluminismo” [3]. “O sentido do mito não é o de

proporcionar uma concepção objetiva do universo. Ao contrário, nele se expressa como o ser humano se compreende em seu mundo. O mito não pretende ser interpretado cosmologicamente, mas antropologicamente melhor; de um modo existencialista”. [4]

O alvo de Bultmann ao interpretar os mitos bíblicos era ressaltar a natureza da fé. Nesta ênfase à fé, manteve-se firme nas tradições de Paulo e de Lutero.

Bultmann crê que o Novo Testamento contém a Kerigma salvadora de Cristo. A desmitologização consiste em desnudar o mito do Novo Testamento e descobrir a Kerigma original.

Parte importante da interpretação de Bultmann é o seu modo de entender a história. Ao contrário do idioma português, a língua alemã fornecia a Bultmann duas palavras correspondentes a “história”. A primeira, *Historie*, é usada em relação aos fatos da história. A segunda, *Geschichte*, é o termo que subentende o significado ou relevância de um evento na história. Com o uso destas duas palavras, é possível diferenciar entre o significado do evento e um fato real.

Sendo assim, poderia-se dizer que Jesus morreu na *Historie*, mas sua real ressurreição se deu na *Geschichte*. Ou seja, ele não nega a existência do Jesus histórico, como fez a antiga teologia liberal alemã, mas nega a realidade dos eventos sobrenaturais que o envolveram.

9.8 - Carl Gustav Jung

Em seus estudos, Jung cita três tipos de educação: a educação pelo exemplo, a educação coletiva e a educação individual.

9.8.1 - Educação Pelo Exemplo

Deve-se levar em conta que a criança inicia seu aprendizado através da imitação, seja dos pais, irmãos, familiares e também do professor, ou seja, imita-se o andar, o comer, o falar, um determinado gesto, etc, mas esta imitação nem sempre é eficiente, pois, não há imitação apenas das coisas corretas e sim de tudo, sem fazer qualquer distinção entre o certo e o errado.

9.8.2 - Educação Coletiva

A educação coletiva é aquela que possui regras, símbolos e princípios (sempre coletivos) e que, como o próprio nome sugere, deve ser aplicada a um grupo com vários

indivíduos. De forma geral esses indivíduos conseguem segui-los porque foram “treinados” para isso. Deve-se prestar a atenção nas qualidades específicas individuais para que possam ser capazes de realizar tarefas sozinhos.

9.8.3 -Educação Individual

No terceiro tipo de educação, “as regras, princípios e métodos ficarão subordinados ao objetivo único de permitir a manifestação da individualidade específica da criança” (Silveira, 2000, p. 155). Deverá ser encontrado um caminho pelo qual o educador possa entender seu aluno e assim proporcionar meios para que ele entenda o conteúdo. É interessante que se conheça o tipo psicológico da criança em questão, pois, a partir disso pode-se trabalhar de uma forma com que a criança entenda com mais facilidade o que lhe é ensinado e o que ela não consegue aprender.

Para Jung, o educador não deve ser um mero transmissor de conhecimento, e sim uma pessoa que tenha capacidade de influenciar as crianças para desenvolverem sua personalidade. O sucesso na aprendizagem não depende somente do método, mas também de conscientizar a criança de que ela pode se desenvolver individualmente inserida em uma educação coletiva.

Esta parte é a que mais interessa no artigo em questão.

9.8.4 - As funções junguianas e a aprendizagem

Segundo Fagali (2000), pode-se fazer algumas relações entre um determinado tipo psicológico (descrito por Jung) e sua forma de aprender.

Dessa forma, na função sentimento em situação de aprendizagem o objeto do saber tende a ser avaliado de forma dual, bom-mau, feio-bonito, sendo a aprendizagem significativa em função destes valores. Os desenhos são associados a relações vinculares e projeções emocionais. O espaço é visto como um contexto de conflito ou de responsabilidades de relações vinculares, onde se projetam sentimentos. Apresentam-se associados ao vivido no passado. A subjetividade é predominante ao expressar e captar as emoções, ao interpretar ou criar textos. O princípio do gostar e do não gostar rege as relações. Na escrita, na leitura e composição de textos, predomina o juízo de valor, o posicionamento subjetivo da realidade associada a ética, ao prazer e desprazer. A narrativa predomina, e os temas mais envolventes são os conflitos da personagem.

Na função pensamento em situação de aprendizagem o objeto do saber é sempre associado a pergunta: “por quê?”, “para quê?” ou “o que é?”. Os desenhos se apresentam de forma conceitual, esquemática e explicativa. Há presença de uma explicação com causas e efeitos. Utilização demasiada de conceituações e definições. Valorização temporal do antes e depois. Reflexões teóricas. A compreensão dos fatos por meio de desafios e enigmas lógicos são elementos motivadores. Nas demonstrações dedutivas e sistematizações passo a passo dos processos de raciocínio. Pesquisas de causa e efeito em relação aos estudos humanos e sociais.

Na função perceptiva em situação de aprendizagem há ênfase na observação, na procura da objetividade dos fatos. O contato com as propriedades sensoriais do objeto, buscando uma descrição objetiva, como se pudesse captar as suas forças. Tende a descrever as sensações internas, sensoriais, corporais provocadas pelos objetos; ou a descrever as propriedades do mundo externo. O desenho é expresso em formas e cores. Há preocupação pelo estético, pela boa forma. A ênfase temporal está no presente, no imediato. A escrita se manifesta com um estilo descritivo, trazendo atributos sensoriais (sons, formas, espacialidade), ou prendendo-se a ações das personagens ou a descrições do ambiente. As frases se apresentam com poucas articulações e períodos longos. Nos conteúdos a tendência é buscar o empírico, fórmulas concretas, práticas e econômicas, sem muitas elaborações e explicações teóricas. As reflexões são mais pragmáticas e imediatistas.

Na função Intuitiva em situação de aprendizagem as pessoas tendem a entrar em contato com as totalidades e generalidades.. São atraídas pelo que ainda não existe, o oculto, o místico. Elas encontram satisfação no diálogo como jogo do possível e da fantasia, que transcende o aqui e agora. Estão voltadas para o futuro e para as origens misteriosas e hipotéticas. Na escrita, tendem ao jogo de associações, da estimativa, chegando muitas vezes à ficção, ao futurismo. Apresentam associações abundantes de viagens imaginárias e estimativas, mas as construções muitas vezes parecem vagas, soltas, pouco precisas. Suas estruturas linguísticas se apresentam de forma indireta, com muitas metáforas e com uma ordem toda própria que foge à linearidade. Os períodos tendem a ser longos, com poucas articulações. Resistem perante o preestabelecido, planejado e controlado antecipadamente. Não há uma tendência a focar ou a se envolver com as propriedades do fenômeno, no presente, no real, no “aqui e agora”, tendendo a desviar sempre para estimativas, além do presente. Há uma grande motivação para o uso

de diferentes linguagens, principalmente o não verbal. As artes e as metáforas são grandes facilitadoras para as possibilidades de expressão. A história tem um colorido especial, quando enfatiza as origens e as extrapolações futuras. As artes ocupam um espaço de grandes possibilidades para sua expressão.

9.9 - Ferdinand de Saussure

Ferdinand de Saussure (Genebra, 26 de novembro de 1857 — Morges, 22 de fevereiro de 1913) foi um linguista e filósofo suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência autônoma. Seu pensamento exerceu grande influência sobre o campo da teoria da literatura e dos estudos culturais.

Saussure entendia a linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs que fosse chamada de Semiologia. Graças aos seus estudos e ao trabalho de Leonard Bloomfield, a linguística adquiriu autonomia, objeto e método próprios. Seus conceitos serviram de base para o desenvolvimento do estruturalismo no século XX.

Entre 1907 e 1910, Saussure ministrou três cursos sobre linguística na Universidade de Genebra. Em 1916, três anos após sua morte, dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Ridlinger, compilaram as anotações de alunos que compareceram a estes cursos e editaram o Curso de linguística Geral, livro seminal da ciência linguística.

9.9.1 - As dicotomias saussurianas

a) Língua vs. Fala

Saussure efetua, em sua teorização, uma separação entre Língua (Langue) e Fala (Parole). Para ele, a Língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros. Ela está depositada como produto social na mente de cada falante de uma comunidade e possui homogeneidade. Por isso é o objeto da linguística propriamente dita. A Fala, no entanto, é um ato individual e está sujeito a fatores externos, muitos desses não linguísticos e, portanto, não passíveis de análise.

b) Sincronia vs. Diacronia

Ferdinand de Saussure enfatizou uma visão sincrônica, um estudo descritivo da linguística em contraste à visão diacrônica da linguística histórica, a qual estudava a mudança dos signos no eixo das sucessões históricas, estudo este que era a maneira pela qual o estudo de línguas era tradicionalmente realizado no século XIX. Ao propor uma visão sincrônica, Saussure procurou entender a estrutura da linguagem como um sistema em funcionamento em um dado ponto do tempo (recorte sincrônico).

c) Sintagma vs. paradigma

O sintagma, definido por Saussure como “a combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior”, surge a partir da linearidade do signo, ou seja, ele exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, pois um termo só passa a ter valor a partir do momento em que ele se contrasta com outro elemento. Já o paradigma é, como o próprio autor define, um "banco de reservas" da língua, fazendo com que suas unidades se oponham, pois uma exclui a outra.

d) Significante vs. significado

O signo linguístico constitui-se numa combinação de significante e significado, como se fossem dois lados de uma moeda. O significante é uma "imagem acústica" (cadeia de sons) e reside no plano da forma. O significado é o conceito e reside no plano do conteúdo.

e) A teoria do valor

A teoria do valor é um dos conceitos cardeais do pensamento de Saussure. Sumariamente, esta teoria postula que os signos linguísticos estão numa relação diferencial e negativa entre si dentro do sistema de língua, pois um signo só adquire valor na medida em que não é um outro signo qualquer: um signo é aquilo que os outros signos não são.

Como exemplo disso, podemos ter a diferenciação entre cão e homem. A característica positiva "mamífero" não os distingue, mas a característica "quadrúpede", positiva no cão e negativa no homem, os distingue. Existindo outros animais com a característica "quadrúpede", outras características devem ser consideradas para definir o

que o animal é. Todavia, é definitivo que não são homem por não possuírem a característica "bípede"

f) O valor linguístico considerado em seu aspecto conceitual

Quando se fala do valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma ideia, e nisso está, com efeito, um dos aspectos do valor linguístico. O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência.

Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros, dois fatores são necessários para a existência de um valor: eles são sempre constituídos por uma coisa dessemelhante, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar; por coisas semelhantes que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa. Dessarte, para determinar o que vale a moeda de cinco francos, cumpre saber: que se pode trocá-la por uma quantidade determinada de uma coisa diferente, por exemplo, pão; que se pode compará-la com um valor semelhante do mesmo sistema, por exemplo uma moeda de um franco, ou uma moeda de algum outro sistema (um dólar etc.). Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo semelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra. Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser "trocada" por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está não só revestida de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente.

Alguns exemplos mostrarão que é de fato assim. O português carneiro ou o francês mouton podem ter a mesma significação que o inglês sheep, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e servida à mesa, o inglês diz mutton e não sheep. A diferença de valor entre sheep e mouton ou carneiro se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa.

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só tem valor próprio pela oposição; se recear não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes. Inversamente, existem termos que se enriquecem pelo contato com outros. Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa "sol" se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é possível dizer "sentar-se ao sol".

O que se disse das palavras aplica-se a qualquer termo da língua, por exemplo às entidades gramaticais. Assim o valor de um plural português ou francês não corresponde ao de um plural sânscrito, mesmo que a significação seja a mais das vezes idêntica. Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para os sentidos, mas não ocorre assim.

g) O valor linguístico considerado em seu aspecto material

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo da sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação.

Ademais, é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua. Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte. Assim, não é o metal da moeda que lhe fixa o valor; um escudo, que vale nominalmente cinco francos, contém apenas a metade dessa importância em prata; valerá mais ou menos com esta ou aquela efígie, mais ou menos aquém ou além de uma fronteira política. Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras.

Esse princípio é tão essencial que se aplica a todos os elementos materiais da língua, inclusive os fonemas. Cada idioma compõe suas palavras com base num sistema de elementos sonoros cada um dos quais forma uma unidade claramente delimitada e cujo

número está perfeitamente determinado. Mas o que os caracteriza não é, como se poderia crer, sua qualidade própria e positiva, mas simplesmente o fato de não se confundirem entre si. Os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas. Prova-o a margem de ação de que gozam os falantes para a pronúncia, contanto que os sons continuem sendo distintos uns dos outros.

Outro sistema de signos que se comprova existir idêntico estado de coisas é a escrita. De fato:

- os signos da escrita são arbitrários; nenhuma relação existe entre a letra t e o som que ela designa;
- o valor das letras é puramente negativo e diferencial; assim, a mesma pessoa pode escrever t com variantes tais como: T, t, dentre outras formas. A única coisa essencial é que este signo não se confunda em sua escrita, com o do l, do d etc;
- os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto de um número determinado de letras;
- o meio de produção do signo é totalmente indiferente, pois não importa o sistema. Quer se escreva as letras em branco ou preto, em baixo ou alto relevo, com uma pena ou um cinzel, isso não tem importância para a significação.

CAPÍTULO X

AS CONTRIBUIÇÕES DOS TEÓRICOS ADOTADOS E SUA IMPORTANCIA PARA O PROGRAMA EM QUESTÃO

Neste capítulo, será exposto de maneira sistemática a colaboração de cada um dos referenciais teóricos adotados para a criação do programa .

10.1 – Karl Marx

A educação do programa em questão visa colaborar com a transformação da sociedade, exceto com relação ao caráter econômico (drasticamente) por meio da ideologia socialista. O público que deverá ser alcançado será composto por pessoas não agraciadas financeiramente. Sob esse ponto de vista demonstramos o caráter social desse programa. O mesmo será ofertado para pessoas que não possuem condições financeiras para cursar o programa de Bacharelado em Teologia. Claro que as contribuições de Karl Marx serão indispensáveis para a criação do programa em questão. Esse programa visa ofertar os conhecimentos superiores para a massa populacional menos agraciada financeiramente, com o fim de que possam prepararem-se para o ofício sacerdotal.

10.2- Paulo Freire

Nesse programa usa-se Paulo Freire como outro referencial no que se diz a conscientização do aluno, sem que o tal seja discriminado por sua condição social, podendo obter uma educação de qualidade, independente de sua condição financeira. Esse é um programa que propõe ao aluno desenvolver a criticidade . Isso se dá, pois segundo Freire, o mesmo criticava a idéia de que ensinar é transmitir saber. Para ele a missão do professor possibilitar a criação ou a produção de conhecimentos. Freire previa para o professor um papel diretivo e informativo. Portanto, ele não pode renunciar de exercer autoridade. Segundo o pensador pernambucano, o profissional de educação deve levar os alunos a conhecer conteúdos, mas não como verdade absoluta. Freire dizia que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas. Nesse programa desejamos levar os alunos a reflexão. Será proposto tornar rápido e acessível o aprendizado.

10.3 – Sigmund Freud

Utiliza-se como referencial Sigmund Freud, pois o tal acreditava que a educação era uma missão quase que impossível de se realizar. Para ele para bem educar é imprescindível que o educador entre em contato com a própria infância, porém aos olhos dos psicanalistas, esta infância não está mais acessível, pois seus conteúdos foram todos recalçados e sublimados. Estes dois mecanismos de defesa por sua vez têm a função de proteger o ego de possíveis ameaças e angústias advindas destas lembranças.

No programa recomenda-se professores com especialização em Psicanálise para que o mesmo utilize-se de técnicas para facilitar o aprendizado do aluno. Assim, o mesmo possibilita a derrubada de barreiras para o seu aprendizado. Desse modo, Freud nos chama atenção para a necessidade de que os educadores sejam psicanaliticamente orientados, de modo que busque em seu educando, o ideal equilíbrio entre o prazer individual - o prazer inerente à ação das pulsões sexuais - e as necessidades sociais, a repressão e a sublimação destas pulsões. A educação precisa de educadores com este perfil, que não usassem e não abusassem do seu poder na sala de aula para, de forma inconsciente, punir ou negar toda a carga emocional que o próprio processo de desenvolvimento traz consigo.

10.4 - Jean Jaques Lacan

Sob influência desses pensadores, Lacan adotou um questionamento profundo sobre o estatuto da verdade, do ser e do que significa considerar-se “sujeito” diante da complexidade do mundo contemporâneo. Da linguística, extraiu sua concepção de significante e de um inconsciente organizado como linguagem; da antropologia, deduziu a noção de simbólico, que utilizou na tópica SIR (Simbólico, Imaginário, Real), assim como sua releitura universalista da interdição do incesto e do complexo de Édipo.

Entre as contribuições mais importantes de Lacan para o campo da educação estão as noções de estágio do espelho e de eu ideal. As imagens determinam a vida do indivíduo, representam um dispositivo fundamental de socialização e individuação, fazem parte da realidade psíquica. A partir delas, nasce a fantasia. Nesse processo, surge um conceito reelaborado por Lacan, a partir de Freud: o eu ideal, que representa a ideia que o indivíduo tem de si mesmo na forma arcaica e que delimitará suas identificações posteriores.

Para Freud, a constituição do eu se dá de dentro para fora; para Lacan, ao contrário, se dá de fora para dentro. Segundo o francês, para orientar-se no pensar, no sentir e no agir, para aprender a desejar, para ter um lugar na estrutura familiar e social, a criança precisa inicialmente raciocinar por analogia (no sentido da mimesis grega): imitar uma imagem na posição de tipo ideal, adotando, assim, a perspectiva de um Outro. Tais operações de imitação são importantes para a orientação das funções cognitivas e afetivas, e têm valor fundamental na constituição e no desenvolvimento subsequentes do eu em outros momentos da vida madura.

Depois de reconhecer-se no espelho, as imagens dos irmãos, do pai, da mãe e de seus substitutos sociais farão parte da “imagem ideal”, necessária para a socialização. Esse dispositivo permitirá a entrada da criança numa trama sócio-simbólica, cujo núcleo é a família, mas que se compõe de outras figuras com função de autoridade. Entre esses personagens, o professor tem papel fundamental. Dessa forma, a criança introjeta uma imagem que vem de fora (do espelho e dos humanos que a cercam). Por meio do olhar, da linguagem, do toque, da entonação da voz do Outro e de outros aspectos da comunicação inconsciente, se estabelece uma intensa troca (ou uma falha também imensa) entre a criança e a cultura.

O Significante é um termo que foi introduzido por Ferdinand de Saussure (1857-1913) para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, ou significado, que remete ao conceito. Retomado por Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento do discurso (consciente ou inconsciente) que fará parte de uma série que, por sua vez, determinará os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e de acordo com uma nomeação que vem do simbólico.

10.5 – Vygotsky

Nesse programa entende-se que o professor ou tutor será estimulador da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), provocando avanços nos conhecimentos que ainda não aconteceram. A interferência do professor não pressupõe, no entanto, uma pedagogia diretiva, autoritária e, menos ainda, uma relação hierárquica entre professores e alunos (OLIVEIRA, 1993; VYGOTSKY, 1991; GOULAR, 1995).

Aplica-se o desenvolvimento interno da aprendizagem e do conhecimento. A conclusão de que uma atividade que hoje a criança somente consegue fazer com o auxílio de outra pessoa, mas que pode vir a fazer sozinha amanhã, recoloca a relação erro/acerto numa outra perspectiva: a de que o ato de errar não deve ser encarado como incapacidade, mas como indicador de que certos conhecimentos precisam ser estimulados. No programa em questão o aluno será motivado a buscar o conhecimento por si, só levando em consideração esses conceitos.

Nesse programa será ressaltada a importância da cultura, da linguagem e das relações sociais, como a base para uma educação na qual o homem seja visto na sua totalidade:

- na multiplicidade de suas relações com outros, na sua especificidade cultural;
- na sua dimensão histórica, ou seja, em processo de construção e reconstrução permanente.

10.6 - Piaget

No programa adota-se Piaget, pois entende-se que no desenvolvimento infantil o homem é capaz de atingir patamares de conhecimento mais avançados. Portanto, o desenvolvimento psíquico, assim como o desenvolvimento orgânico, orienta-se para alcançar o equilíbrio e o processo de desenvolvimento representa a passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estágio de equilíbrio superior, sempre em direção a uma forma de equilíbrio final. Nesse caminho, o organismo se vale da interação entre dois importantes mecanismos: a assimilação e a acomodação. Por um lado, a assimilação é responsável pela incorporação da informação aos esquemas que o indivíduo já possui; em contraponto, a acomodação promoverá a modificação dos esquemas individuais em função das resistências que o objeto a ser assimilado impõe ao sujeito. Como consequência dessa dinâmica, a inteligência resulta de uma adaptação e do equilíbrio entre os processos de assimilação e acomodação diante de nossas interações com o meio. Assim, quando um novo desafio é colocado à prova, o desequilíbrio por ele causado volta a colocar a engrenagem psíquica em funcionamento. Logo, nos termos de Piaget, o conhecimento é fruto da interação constante entre a bagagem hereditária e as experiências adquiridas.

No programa em questão, o aluno poderá interagir com o conhecimento por meio das interfaces digitais, sem perder o contato com sua bagagem hereditária e suas experiências adquiridas.

10.7 – Rudolf Karl Bultmann

Segundo Bultmann, a tarefa da teologia é a de descobrir um “conceptualismo”, cujos termos pudessem aproximar a mensagem do Novo Testamento à cosmovisão moderna. Em correspondência pessoal, ele sempre afirmou sua intenção ao proclamar uma mensagem contextualizada, ele se referiu certa vez a uma senhora que retornou à Igreja, depois de muito tempo afastada, por causa da leitura de um de seus livros.

Apoiando-se num esquema interpretativo existencialista, bastante influenciado pôr Martin Heidegger, seu colega na Universidade de Marburg, Bultmann passou sua vida lendo o Novo Testamento, como se fosse um documento heideggeriano, e se valendo de métodos histórico-críticos para eliminar do texto os elementos resistentes ao sistema filosófico existencialista.

A preocupação de Bultmann não era a eliminação dos mitos, pelo contrário, ele procurou uma reinterpretação da linguagem mitológica da Bíblia. “É bem possível que numa concepção mística passado do universo possam ser descobertas de novo verdades que foram perdidas numa época de iluminismo”. “O sentido do mito não é o de proporcionar uma concepção objetiva do universo. Ao contrário, nele se expressa como o ser humano se compreende em seu mundo. O mito não pretende ser interpretado cosmologicamente, mas antropologicamente melhor; de um modo existencialista”.

O alvo de Bultmann ao interpretar os mitos bíblicos era ressaltar a natureza da fé. Nesta ênfase à fé, manteve-se firme nas tradições de Paulo e de Lutero. Parte importante da interpretação de Bultmann é o seu modo de entender a história. Ao contrário do idioma português, a língua alemã fornecia a Bultmann duas palavras correspondentes a “história”. A primeira, *historie*, é usada em relação aos fatos da história. A segunda, *geschichte*, é o termo que subentende o significado ou relevância de um evento na história. Com o uso destas duas palavras, é possível diferenciar entre o significado do evento e um fato real.

Analisando a linha de Bultmann parece que o mesmo desejou tornar a mensagem bíblica coerente para o público do seu tempo. Bultmann desejou combater o liberalismo teológico com uma linguagem adequada para sua época. Ele trabalhou a grande obra: “Desmitologização do Novo Testamento”. Como o mesmo foi missionário, ele tinha o hábito de levar ao evangelho em uma linguagem adequada para os evangelizados. Agora o mesmo no século XX estava o fazendo na linguagem dos intelectuais.

Utilizando-se de forma inversa o pensamento de Bultmann, o programa proposto visa a transmissão do conhecimento teológico para pessoas sem um elevado nível acadêmico.

10.8 – Carl Gustav Jung

Para o programa proposto será importante utilizar o conceito da educação coletiva. A educação coletiva é aquela que possui regras, símbolos e princípios, sempre coletivos, e que, como o próprio nome sugere, deve ser aplicada a um grupo com vários indivíduos. De forma geral esses indivíduos conseguem segui-los porque foram “treinados” para isso. Deve-se prestar a atenção nas qualidades específicas individuais para que possam ser capazes de realizar tarefas sozinhos.

Na educação individual será utilizado no que tange: “as regras, princípios e métodos ficarão subordinados ao objetivo único de permitir a manifestação da individualidade específica da criança” (SILVEIRA, 2000, p. 155). Deverá ser encontrado um caminho pelo qual o educador possa entender seu aluno, e assim proporcionar meios para que ele entenda o conteúdo. É interessante que se conheça o tipo psicológico da criança em questão, pois, a partir disso pode-se trabalhar de uma forma com que a criança entenda com mais facilidade o que lhe é ensinado e o que ela não consegue aprender. Será importante que o tutor ou professor do programa proposto possa conhecer os alunos psicologicamente para descobrir a melhor estrada para o aprendizado e compreensão do aluno.

Com isso, corrobora para o entendimento junguiano que o educador não deve ser um mero transmissor de conhecimento, e sim uma pessoa que tenha capacidade de influenciar as crianças (no caso alunos da faixa etária adulta) para desenvolverem sua personalidade.

A compreensão dos fatos por meio de desafios e enigmas lógicos são elementos motivadores. Nas demonstrações dedutivas e sistematizações passo a passo dos processos de raciocínio. Pesquisas de causa e efeito em relação aos estudos humanos e sociais.

Na função intuitiva, em situação de aprendizagem, as pessoas tendem a entrar em contato com as totalidades e generalidades. São atraídas pelo que ainda não existe, o oculto, o místico. Com certeza esta amparado no programa proposto, visto que o mesmo é um programa de Teologia e esta nítido o mítico e o sagrado impronunciável. A história tem um colorido especial, quando enfatiza as origens e as extrapolações futuras. As artes ocupam um espaço de grandes possibilidades para sua expressão.

10.9 - Ferdinand de Saussure

Saussure entendia a linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs que fosse chamada de Semiologia. Graças aos seus estudos e ao trabalho de Leonard Bloomfield, a linguística adquiriu autonomia, objeto e método próprios. Seus conceitos serviram de base para o desenvolvimento do estruturalismo no século XX.

Saussure efetua, em sua teorização, uma separação entre Língua (Langue) e Fala (Parole). Para ele, a Língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros. Ela está depositada como produto social na mente de cada falante de uma comunidade e possui homogeneidade. Por isso é o objeto da linguística propriamente dita. A Fala, no entanto, é um ato individual e está sujeito a fatores externos, muitos desses não linguísticos e, portanto, não passíveis de análise.

Ferdinand de Saussure enfatizou uma visão sincrônica, um estudo descritivo da linguística em contraste à visão diacrônica da linguística histórica, a qual estudava a mudança dos signos no eixo das sucessões históricas, estudo este que era a maneira pela qual o estudo de línguas era tradicionalmente realizado no século XIX. Ao propor uma visão sincrônica, Saussure procurou entender a estrutura da linguagem como um sistema em funcionamento em um dado ponto do tempo (recorte sincrônico).

O sintagma, definido por Saussure como “a combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior”, surge a partir da linearidade do signo, ou seja, ele exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, pois um termo só passa a ter valor a partir do momento em que ele se contrasta com outro elemento. Já o paradigma

é, como o próprio autor define, um "banco de reservas" da língua, fazendo com que suas unidades se oponham, pois uma exclui a outra.

O signo linguístico constitui-se numa combinação de significante e significado, como se fossem dois lados de uma moeda. O significante é uma "imagem acústica" (cadeia de sons) e reside no plano da forma. O significado é o conceito e reside no plano do conteúdo.

A teoria do valor é um dos conceitos cardeais do pensamento de Saussure. Sumariamente, esta teoria postula que os signos linguísticos estão numa relação diferencial e negativa entre si dentro do sistema de língua, pois um signo só adquire valor na medida em que não é um outro signo qualquer: um signo é aquilo que os outros signos não são.

Como exemplo disso, podemos ter a diferenciação entre cão e homem. A característica positiva "mamífero" não os distingue, mas a característica "quadrúpede", positiva no cão e negativa no homem, os distingue. Existindo outros animais com a característica "quadrúpede", outras características devem ser consideradas para definir o que o animal é. Todavia, é definitivo que não são homem por não possuírem a característica "bípede"

Como já constatado anteriormente as disciplinas teológicas estão expressas em conceituações altamente eruditas e não acessíveis para as pessoas desprovidas de um nível intelectual que alcancem os seus respectivos significados.

Vê-se a necessidade de se criar disciplinas não do foco conceitual (significado) mas sim naquilo que a coisa faz (significante). Devemos re-significar o conteúdo teológico para que o mesmo se torne prático e aplicável no ofício pastoral.

CAPÍTULO XI

O MÉTODO, A CRIAÇÃO, ESTRUTURA E A OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA PROPOSTO

Esse programa deverá ser desenvolvido por alguém que tenha dedicado sua vida acadêmica e pessoal para conhecer a teologia e a vida ministerial na prática. Diante disso, vê-se a necessidade de criação de um programa educacional que possa sintetizar as disciplinas teológicas em 10 módulos, que iram abarcar o conteúdo que será necessário para a atuação ministerial.

11.1 - O programa ofertado

Neste trabalho apresentamos o Programa Educacional para o Desenvolvimento Humano (curso) chamado como *Dunamis*. Este termo grego originou os termos que conhecemos como dinamite e dinâmico. Este é um programa único desenvolvido e será ofertado como uma extensão universitária. As extensões universitárias são programas de curta duração que servem para aprimoramento profissional, com determinado foco.

O *Dunamis* é um programa que tem como proposta ensinar a aplicar a teologia ministerial de forma prática, levando em consideração as atividades exercidas dentro de uma igreja pelo ministro religioso. O programa terá como foco sintetizar a Teologia para a atuação ministerial do leigo ou de pessoas graduadas em Teologia que não sabem como aplicar os conhecimentos teológicos, aprendidos na comunidade eclesial.

Não é um curso de bacharelado em Teologia mais rápido. Não é um curso básico ou médio de Teologia. Não é um curso para que o estudante esteja apto para debater com autoridades no campo teológico. Ele servirá para aplicabilidade dos conhecimentos dentro da comunidade eclesial, para atender o público portador de Ensino Fundamental. Poderá ser ofertado no nível de qualificação profissional ou extensão universitária.

Em caso do público portador de Ensino Médio poderá ser ofertado como *Associate Degree*, por meio de uma universidade americana.

11.2 - Público

- Pessoas comprometidas com a vida religiosa, que tenham princípios éticos e morais acima dos lucros financeiros.
- Pessoas que desejam atuar na vida sacerdotal com o fim de enriquecer as custas da fé de outras pessoas, não deverão se candidatar a tal programa. O candidato para esse programa deverão ser selecionados de forma que sejam agentes de uma mudança significativa do sistema eclesial atual.
- Também pode ser cursado por pessoas que possuam a formação teológica, pelo fato de terem recebido o excesso de informações transmitidas durante o programa do bacharelado e acabaram confusas para a aplicabilidade do conhecimento adquirido para a vida ministerial.
- É indicado também para aqueles que não sejam ministros religiosos, porém desejam se preparar para tornarem -se tais ministros .
- É óbvio que para o público comum, o programa é indicado para pessoas que possuam pelo menos a formação básica e saibam ler e escrever.

Nesse programa não será enfoque em entender a questão da conceituação e sim como teoricamente se faz a coisa. Isso com certeza irá facilitar o aprendizado de conceitos no futuro. Irá refrescar o aprendizado daqueles que são formados . Por fatores sócio-culturais observados anteriormente, justifica-se um novo programa que seja prático e que seus conhecimentos possam ser facilmente aplicados ao ofício religioso e com uma linguagem não rebuscada.

Por fatores econômicos torna-se viável a medida de um programa mais barato e acessível para as classes menos favorecidas.

11.3 - O método aplicado

Esse programa é especial por causa da metodologia que denomino EPSETF - E-Learning Panoramic Selective Exhaustive Theology Fast (Ensino á Distância Panorâmico, Seletivo e Exaustivo de Teologia Rápida). Esse método consiste em uma visão panorâmica e global do curso de bacharelado em teologia, de forma que sejam selecionadas as disciplinas em contraste com as atividades promovidas dentro da igreja. Esse método foi registrado por Ítalu Bruno Colares De Oliveira no Brasil e no *CopringRights*.

É um método que utiliza do conhecimento acadêmico teológico e o conhecimento experimental da prática do ofício religioso nas comunidades eclesiais.

11.4 - O método E-Learnig Panoramic Selective Exhaustive Theology Fast

O método surgiu por meio do autor que dedicou sua vida a produção teológica e o exercício religioso no sacerdócio. Além do conhecimento teórico e por anos ter atuado como professor de teologia junto a faculdades teológicas e seminários teológicos, o mesmo também possui a prática ministerial sacerdotal nas comunidades eclesíastica brasileiras, conhecendo assim as necessidades dessas mesmas comunidades.

Nesta parte iremos dedicar a explicar o método desenvolvido.

Para isso será necessário explicarmos cada parte que compõe o nome do método em questão.

E-learning (do inglês electronic learning, "aprendizagem eletrônica") ou ensino eletrônico corresponde a um modelo de ensino não presencial apoiado em Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC). Atualmente, o modelo de ensino/aprendizagem eletrônico assenta no ambiente online, aproveitando as capacidades da Internet para comunicação e distribuição de conteúdos. Outra definição simples para e-learning será "o processo pelo qual o aluno aprende através de conteúdos colocados no computador e/ou Internet e em que o professor, se existir, está à distância, utilizando a Internet como meio de comunicação (síncrono ou assíncrono), podendo existir sessões presenciais intermédias". O sistema que inclui aulas presenciais no sistema de e-learning recebe o nome de blended learning ou b-learning.

Panoramic: Nisso temos uma visão geral e mais completa da teologia com um todo para que possa ser feita a seleção dos conteúdos que sejam pertinentes a prática do ofício religioso junto as comunidades eclesíásticas.

Selective: Nessa parte se faz a seleção do conteúdo que realmente será útil e aplicável para a prática e exposição daquele que deseja atuar no ofício religioso junto as comunidades eclesiais.

Exhaustive: que esgota ou se destina a esgotar; que abrange até os mínimos pormenores. Isso porque aquilo que é principal para a atuação do ofício religioso se proporcioa a estudar grandes quantidades de informações.

Theology: Teologia significa exatamente Teos: Deus, Logia: que significa estudo, discurso. O termo provém da palavra Logos (Palavra) que da origem ao termo dizemos do grego Legosin.

Karl Ranner entende a teologia como uma palavra sobre Deus. Diante de anos dedicados ao ensino teológico pode ser entendido como uma palavra acerca daquilo que entendemos como Deus.

Fast: O termo fast da língua inglesa significa rápido. Em pouco tempo o estudante terá acesso a todas as informações pertinentes e relevantes para a atuação no ofício religioso.

Em suma pode-se dizer que o método criado significa: Educação eletrônica com visão panorâmica, de maneira seletiva e exaustiva de teologia rápida.

Isso condiz com o tema criado no projeto desse pós doutoramento: Postulados para uma educação á Distância: Uma tese para um curso de teologia.

O método foi criado tendo em vista que seu criador passou os anos de sua vida estudando a teologia e atuando como ministro religioso junto as comunidades eclesíásticas brasileiras.

O referido autor possui PhD em teologia, além de várias obras publicadas acerca do tema. O mesmo também atuou como ministro religioso desde o ano de 2001. Assim o mesmo conhece a teologia e também as necessidades para atuação no ofício religioso sacerdotal.

Este método teve apoio da semiótica levando em consideração o significante e não o significado. Leva-se em consideração aquilo que a coisa faz e não aquilo que a coisa é.

Com a aplicabilidade desse método utilizado pelo autor foi desenvolvido um novo curso de teologia que visa preparar os desejosos em atuar como sacerdotes religiosos com os conhecimentos relevantes teológicos de maneira panorâmica, geral, selecionada de maneira exaustiva e rápida sem que o candidato precise gastar valores exorbitantes com uma formação teológica superior que não irá atender as necessidades reais da comunidade eclesíástica.

Adicionalmente, foram produzidos diversos documentos associados com a pesquisa realizada, permitindo apresentar os produtos são listados a seguir:

O projeto de trabalho para o pós doutoramento foi relatado em documento próprio:

Oliveira, Í. (2018). Postulados para uma Educação á Distância: Uma Tese para Um curso de Teologia, Projeto de Pós Doutorado em E-Learning pela Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal, 2017, 19 p.

Do decurso do trabalho, foram realizados três artigos associados com a proposta e tema em estudo:

1. Oliveira, Í e Gouveia, L. (2017). Postulados para uma Educação á Distância: Uma Tese para Um curso de Teologia, 20 p. (a publicar)
2. Oliveira, Ítalu e Gouveia, L. (2018). Uma Critica ao Ensino em Sala de Aula, 21 p. (a publicar)
3. Oliveira Í. e Gouveia, L. (2018). Postulados para uma Educação á Distância: Uma Tese para Um curso de Teologia, 55 p. (a publicar)

O trabalho contou ainda com uma residência na Universidade Fernando Pessoa em regime intensivo, para o aprofundamento das propostas de enquadramento teórico e de valor do projeto a desenvolver.

- Oliveira, Í. (2018). Semana de Debate Acerca da EAD, Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal.

Do trabalho desenvolvido, um dos contributos mais relevantes é a proposta de um método E-Learning Panoramic Selective Exhaustive Theology Fast que foi inclusivamente objeto de registo comercial, conforme apresentado no apendice A.

- Oliveira, Í, (2018). Método E-Learning Panoramic Selective Exhaustive Theology Fast, Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal.

Por último o resultado do projeto, nomeadamente o reporte do trabalho realizado e dos fundamentos para as contribuições realizadas são apresentadas neste relatório.

- Oliveira, Í. (2018) Postulados para uma Educação á Distância: Uma Tese para Um curso de Teologia. Relatório de Pós Doutoramento em e-Leraning. Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal, 2018.

Segue abaixo um quadro com as principais atividades ministeriais exercidas na maior parte das igrejas evangélicas:

ATIVIDADES MINISTERIAIS
Cultos
Escola Bíblica
Administração das finanças da Igreja
Cuidado das Ovelhas
Celebrações de Eventos e festividades
Ministrações
Ensino
Evanjelismo e Missões

Acredita-se que os grandes seminários e faculdades não irão gostar do programa proposto. Talvez possa afetar a arrecadação financeira destes seminários e faculdades.

O programa em questão não se destina a substituição dos programas de bacharelado em Teologia, ofertados pelas faculdades ou universidades. O objetivo é tornar o conhecimento acessível para pessoas portadoras de condições menos favoráveis.

Abaixo seguem os nomes das disciplinas do programa de bacharelado em teologia adotadas pela EBWU – Emil Brunner World University (USA) traduzidas para o português. A grade da EBWU em contraste com as apresentadas é a mais completa para aplicação ministerial religiosa. Isso porque o Departamento de Educação da Flórida, onde esta registrada a EBWU. Permite uma autonomia diferenciada das faculdades brasileiras que estão sujeitas ao MEC do Brasil, que não permitem essa liberdade. A legalidade dos programas da EBWU estão em conformidade como estabelecido pela Comissão Independente para a Educação na regra 6E 2004 (4). A autorização dos seus cursos estão de acordo com a Section 1005.06 (1)(f), FS e de acordo com a Rule 6E-5.001, Fla, Admin. Code. Segue abaixo a grade da mesma:

DISCIPLINAS DO BACHARELADO EM TEOLOGIA
HERMENEUTICA
HOMILÉTICA
GEOGRAFIA BÍBLICA
EXEGESE
TEOLOGIA SISTEMÁTICA I
TEOLOGIA SISTEMÁTICA II
TEOLOGIA SISTEMÁTICA III
HISTÓRIA DA IGREJA
GEOGRAFIA BÍBLICA
INTRODUÇÃO A TEOLOGIA
FILOSOFIA
SOCIOLOGIA

PSICOLOGIA
TEOLOGIA PASTORAL
PERÍODO INTERBÍBLICO
TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO
LIVROS APÓCRIFOS E PSEUDOEPÍGRAFOS
ESTUDO INDUTIVO DE MARCOS
EVANGELHOS
EPISTOLAS PASTORAIS
CANON BÍBLICO
GREGO
HEBRAICO
ARAMAICO
LATIM
MISSIOLOGIA
EVANGELISMO
TEOLOGIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA
HERISIOLOGIA
ADMNISTRAÇÃO ECLESIASTICA
RELIGIÕES COMPARADAS
ARQUEOLOGIA BÍBLICA
PENTATEUCO
LIVROS HISTÓRICOS
LIVROS POÉTICOS
DEUTEROCANONICOS
PROFETAS MENORES
PROFETAS MAIORES
DOGMAICA
LIVRO HISTÓRICO DE ATOS
LITERATURA APOCALÍPTICA
APOLOGÉTICA
CIÊNCIAS SOCIAIS DA RELIGIÃO
ÉTICA CRISTÃ
DIREITO CANÔNICO
ANTROPOLOGIA
ACONSELHAMENTO PASTORAL
JESUS HISTÓRICO

Agora vamos grifar as disciplinas que realmente se tornarão úteis na vida ministerial conforme esse método.

DISCIPLINAS DO BACHARELADO EM TEOLOGIA
HERMENEUTICA
HOMILÉTICA
GEOGRAFIA BÍBLICA
EXEGESE
TEOLOGIA SISTEMÁTICA I

TEOLOGIA SISTEMÁTICA II
TEOLOGIA SISTEMÁTICA III
HISTÓRIA DA IGREJA
INTRODUÇÃO A TEOLOGIA
FILOSOFIA
SOCIOLOGIA
PSICOLOGIA
TEOLOGIA PASTORAL
PERÍODO INTERBÍBLICO
TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO
LIVROS APÓCRIFOS E PSEUDOEPÍGRAFOS
ESTUDO INDUTIVO DE MARCOS
EVANGELHOS
EPISTOLAS PASTORAIS
CANON BÍBLICO
GREGO
HEBRAICO
ARAMAICO
LATIM
MISSIOLOGIA
EVANGELISMO
TEOLOGIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA
HERESIOLOGIA
ADMINISTRAÇÃO ECLESIASTICA
RELIGIÕES COMPARADAS
ARQUEOLOGIA BÍBLICA
PENTATEUCO
LIVROS HISTÓRICOS
LIVROS POÉTICOS
DEUTEROCANONICOS
PROFETAS MENORES
PROFETAS MAIORES
DOGMA TICA
LIVRO HISTÓRICO DE ATOS
LITERATURA APOCALÍPTICA
APOLOGÉTICA
CIÊNCIAS SOCIAIS DA RELIGIÃO
ÉTICA CRISTÃ
DIREITO CANÔNICO
ANTROPOLOGIA
ACONSELHAMENTO PASTORAL
JESUS HISTÓRICO

Apesar de diminuir a grade do curso, a mesma poderá atender às necessidades das pessoas com menos condições financeiras, menos entendimento e vocacionadas para o exercício religioso.

11.4 – Os módulos inovadores propostos

Diante das disciplinas grifadas e após essa análise é mais do que provado que de fato nosso método tem tudo para ter êxito.

O melhor será separar o conteúdo que os vocacionados irão necessitar no dia a dia da vocação religiosa. Será também importante abandonar a linguagem erudita e rebuscada do curso teológico para uma linguagem mais popular. Os módulos propostos para esse programa devem possuir nomes simples e em conformidade com as pessoas não portadoras de educação superior. Devem englobar o conteúdo necessário que de fato será necessário para atuação do leigo no exercício religioso. Isso irá facilitar o aprendizado, de forma que o conteúdo passado seja de fácil apreensão e assim, possa ser aplicado com facilidade pelo estudante.

Sendo assim, os módulos propostos no programa em questão poderão ser os seguintes:

MÓDULOS DO PROGRAMA <i>DUNAMIS</i>
MÓDULO I - Entendendo o programa
Cronograma do programa
Abra sua mente
MÓDULO II - A Bíblia e a Teologia (ESTUDO DE DEUS)
Os livros da Bíblia
O Antigo Testamento - Divisão do Antigo Testamento
O Mundo do Antigo Testamento
Literatura Judaica - Cabala, Midrash, Talmude, Mishinas
Os Deuterocanônicos, Livros Apócrifos, pseudoepígrafos e a Literatura Apocalíptica
A divisão em Versículos e Capítulos
Os Idiomas Bíblicos
O Período InterBíblico
O Novo Testamento - Divisão do Novo Testamento
O Mundo do Novo Testamento
MÓDULO III - Interpretando os Textos Bíblicos
Perguntas Chaves para o Texto
Entendendo os Livros Bíblicos
Contextualização Histórica
Figuras de Linguagem
Hermenêutica Aberta e Hermenêutica Fechada
Doutrinas Bíblicas

Aplicabilidade do Texto
MÓDULO IV – Ministrando
Retorica - técnicas de persuasão - Técnicas de Apresentação em Público – Vestuário, Gesticulação, Adrenalina, Sua Personalidade
Técnicas de Dicção
Ajuda da Psicologia para se Apresentar em Público
Como Preparar um Sermão
Resumo da Mensagem
Tipos de Sermão
Esqueleto do Sermão
Explicando o Esqueleto do Sermão - Começo, Meio e Fim
Ética na Mensagem
Não Force a Barra
Equipamentos Utilizados Durante o Sermão
Exemplos de Minистраção
Incremente seu Sermão
Didática para Escola Bíblica
MÓDULO V - Ferramentas teológicas
Literatura Comentários Bíblicos Bíblias
Lexicos
Concordâncias Bíblicas
Dicionários Bíblicos
Internet
Programas de Computadores Uteis
Muito Cuidado
Pano de fundo histórico
MÓDULO VI – IMPORTANTE ENTENDER
Historia do Cristianismo
Historia do Judaísmo
Historia do Paganismo
MÓDULO VII – PASTOREANDO
Entendendo as ovelhas
Visitas para Cristão
Capelania
Evangelismo e Missões
Dízimos e Ofertas
Delegando Responsabilidades
Festas e cerimônias
Cronograma do culto
Administrando as Finanças da Igreja
MÓDULO VIII – FUNDAMENTOS PARA A TEOLOGIA (ESTUDO DE DEUS) CRISTÃ
Teologia Paulina
História de Paulo
Viagens de Paulo
Morte de Paulo
Aspectos importantes de Paulo
Epistolas de Paulo
Paulo nos Apócrifos

Teologia Petrina
História de Pedro
Viagens de Pedro
Aspectos Importantes de Pedro
Epístolas de Pedro
Pedro nos Apócrifos
MÓDULO IX – A TEOLOGIA (ESTUDO DE DEUS) NO MINISTÉRIO
Entendendo o Funcionamento da Igreja
Ordenações e suas Exigências
Diversos Cargos na Igreja
Entendendo a Sucessão Apostólica
Módulo X – SOLUÇÃO PARA QUEM TEM PORTAS FECHADAS
Produção de Conteúdo e Utilização da Internet e Redes Sociais
Sites
Igrejas Virtuais
Ordenação para Não Ordenados

O perfil da grade proposta está sob a visão semiótica, que não foca no significado e sim na sua significância, que seja relevante aos conteúdos.

11.5 - Modalidade de ensino do programa

Apesar de não existir nenhum impedimento para operacionalização desse programa sob a modalidade de presencial de ensino, como tese o mesmo será ofertado em EaD.

11.6 – Metodologia adotada

A metodologia adotada será a PBL (*Problem Based Learning*). O Aprendizado Baseado em Problemas (*Problem-Based Learning - PBL*) destaca o uso de um contexto clínico para o aprendizado, promove o desenvolvimento da habilidade de trabalhar em grupo, e também estimula o estudo individual, de acordo com os interesses e o ritmo de cada estudante. O aprendizado passa a ser centrado no aluno, que sai do papel de receptor passivo, para o de agente e principal, responsável pelo seu aprendizado. Os professores que atuam como tutores ou facilitadores nos grupos têm a oportunidade de conhecer bem os estudantes e de manter contato com eles durante todo o curso.

A metodologia do PBL enfatiza o aprendizado auto-dirigido, centrado no estudante. Grupos de até 12 estudantes se reúnem com um docente, tutor ou facilitador, duas ou três vezes por semana. O professor não "ensina" da maneira tradicional, mas facilita a discussão dos alunos, conduzindo-os quando necessário e indicando os recursos didáticos úteis para cada situação.

Uma sessão tutorial inicial trabalha os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o assunto apresentado; os problemas são primeiramente identificados e listados, e em seguida são formulados os objetivos de aprendizado, com base em tópicos considerados úteis para o esclarecimento e a resolução do problema (sete passos). Na etapa seguinte, os estudantes vão trabalhar independentemente, na busca de informações e na sua elaboração (estudo auto-dirigido) antes da próxima sessão tutorial, quando as informações trazidas por todos serão discutidas e integradas no contexto do caso-problema.

A metodologia do PBL é considerada ideal para os estudantes que:

- a) Têm iniciativa para estudar por conta própria;
- b) Sentem-se à vontade formulando objetivos de aprendizado flexíveis mesmo que apresentem, por vezes, alguma ambiguidade;
- c) Aprendem melhor com leitura e discussão;
- d) Consideram desejável que seu aprendizado seja sempre em um contexto clínico.

Com as funções disponíveis nas plataformas digitais encontradas no mercado, a PBL poderá ser aplicada no EAD. A mesma poderá ser exercida em grupos de WhatsApp, Foruns de Discussão e por meio de Webinários por meio de plataforma Streaming.

11.7 – Operacionalização do programa

A operacionalização será feita por meio de plataforma digital de aprendizagem com a disponibilidade de todo o material didático incluso. Além da plataforma, o aluno terá acesso a uma plataforma Streaming para aulas ao vivo, com professores em tempo real.

Serão disponibilizadas também vídeoaulas gravadas, documentários, artigos e módulos em PDF, produzidos em uma linguagem acessível, além de receber como nomenclatura a simplicidade de compreensão do público em questão.

Serão disponibilizados *e-books* confiáveis acerca dos assuntos em questão, além de aulas em MP3.

Será necessário a criação de grupos de discussão na plataforma digital de aprendizagem, no Whatsapp e nas redes sociais.

Será imprescindível que o programa desperte o máximo dos sentidos dos estudantes, com o fim da potencialização do aprendizado do mesmo. Acerca disso, foi apresentado nos capítulos anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise feita, é possível observar que a condição financeira e cultural da grande parcela do público evangélico, principalmente os pentecostais, não possui condições financeiras e nível de instrução para se submeterem ao curso de Bacharelado em Teologia no Brasil.

Isso se deve ao preconceito instalado contra a Teologia, tornando-a demonizada em grande parte dos círculos pentecostais do Brasil. Apesar dos inúmeros seminários teológicos que visam a preparação ministerial de seus obreiros, os mesmos não tem uma visão semiótica, impossibilitando o acesso ao conhecimento para pessoas de baixa escolaridade.

Em contrapartida, temos as faculdades teológicas reconhecidas pelo Ministério da Educação no Brasil, que aparentemente não entendem ou pelo menos demonstram isso em suas grades de disciplinas, a realidade do trabalho do pastoreio nas comunidades eclesiais. Isso se dá porque o MEC cuida da parte acadêmica das faculdades, somente no que tange a autorização dos seus cursos. Assim, as faculdades criam grades que sejam condizentes com suas determinações. Os cursos são bastante honerosos para boa parte do público evangélico, mesmo que essa parte já tenha um nível considerável de instrução.

Diante disso, os desejosos de se formar e os pastores com baixa escolaridade, não recebem conhecimento adequado para atuarem no ofício religioso. Esses mesmos cursos livres não são ministrados em uma linguagem semiótica para facilitar o aprendizado e sua prática ministerial. Não existe, em muitas das instituições, plataformas e interfaces digitais para ofertarem uma educação a distância para aqueles que não tem tempo para o ensino em sala de aula.

De outro lado, temos o público mais esclarecido que, em muitos casos, cursam o bacharelado em Teologia em faculdades credenciadas pelo MEC, com o fim de pastorear igrejas, porém, não recebem um conteúdo que seja facilmente aplicado para a realidade eclesial.

Diante dos fatos apresentados, identifica-se a possibilidade da criação de uma nova metodologia e de um novo programa, que se preocupe com o conteúdo não conceitual mas sim semiótico em conformidade com as atividades corriqueiras de uma igreja. Isso irá potencializar o aprendizado do desejoso pelo ofício religioso e fornecerá

conteúdos práticos para a aplicabilidade na comunidade eclesial. Isso irá favorecer as classes menos instruídas e favorecidas financeiramente.

O interessante é que, nesse contexto, as pessoas mais instruídas também deverão fazer o programa proposto, pois poderá oferecer os conhecimentos práticos para a aplicabilidade na vida ministerial, tendo em vista que os programas de bacharelado em Teologia não cumprem essa função, pelo menos em sua integralidade.

O programa apresentado deverá ser ofertado online, com plataformas e interfaces adequadas, não impedindo sua oferta na modalidade presencial.

Apesar do favorecimento a classe mais baixa e menos instruída, a metodologia utilizada condiz perfeitamente com o sistema alemão de ensino, que visa a pesquisa livre e desinteressada e o agregar de conhecimentos inseparáveis, sobretudo com uma independência estatal considerável.

A proposta exposta nesse artigo não é uma substituição do programa de bacharelado em Teologia. É uma formação para os menos instruídos e favorecidos financeiramente, como também para as pessoas que nutrem o desejo de atuar no ofício religioso. Indicamos para os mais instruídos que desejam atuar no ofício religioso, que façam o programa proposto e que também façam o bacharelado em Teologia.

O trabalho descrito neste documento resultou de um processo de revisão da literatura e da análise das grades teológicas existentes e adotadas por faculdades teológicas e seminários teológicos no Brasil, levando em consideração o Censo Demográfico dos Evangélicos no Brasil, principalmente os pentecostais. Diante disso, foi formulado um curso de Teologia EaD, com foco não no uso conceitual de disciplinas rebuscado, mas com foco na semiótica, originando assim um novo método.

APÊNDICE 1: TÍTULO COMERCIAL DO MÉTODO

OLIVEIRA, Ítalu Bruno Colares de. **Postulados para uma Educação á Distância**: Uma Tese para Um curso de Teologia, Projeto de Pós Doutorado em E-Learning pela Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal, 2017, 19 p.

OLIVEIRA, Ítalu Bruno Colares de . **Postulados para uma Educação a Distância**: Uma Tese para Um curso de Teologia, Artigo produzido para o Pós Doutorado em E-Learning pela Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal, 2017, 20 p.

OLIVEIRA, Ítalu Bruno Colares de. **Uma Crítica ao Ensino em Sala de Aula**, Artigo produzido para o Pós Doutorado em E-Learning pela Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal, 2018, 21 p.

OLIVEIRA, Ítalu Bruno Colares de. **Postulados para uma Educação á Distância**: Uma Tese para Um curso de Teologia, Artigo produzido para o Pós Doutorado em E-Learning pela Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal, 2018, 55 p.

OLIVEIRA, Í ; GOUVEIA, L. Postulados para uma Educação á Distância: Uma Tese para Um curso de Teologia, 2017. 20 p. (a publicar)

OLIVEIRA, Í ; GOUVEIA, L. (2018). Uma Critica ao Ensino em Sala de Aula, 21 p. (a publicar)

OLIVEIRA, Í ; GOUVEIA, L. (2018). Postulados para uma Educação á Distância: Uma Tese para Um curso de Teologia, 55 p. (a publicar).

OLIVEIRA, Í. (2018). Semana de Debate Acerca da EAD, Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal.

- O trabalho contou ainda com uma residência na Universidade Fernando Pessoa em regime intensivo, para o aprofundamento das propostas de enquadramento teórico e de valor do projeto a desenvolver.
- Do trabalho desenvolvido, um dos contributos mais relevantes é a proposta de um método E-Learning Panoramic Selective Exhaustive Theology Fast que foi inclusivamente objeto de registo comercial, conforme apresentado no apêndice A.

- Por último o resultado do projeto, nomeadamente o reporte do trabalho realizado e dos fundamentos para as contribuições realizadas são apresentadas neste relatório.

OLIVEIRA, Í. (2018) Postulados para uma Educação á Distância: Uma Tese para Um curso de Teologia. Relatório de Pós Doutoramento em e-Leraning. Universidade Fernando Pessoa sob a orientação de Luis Borges Gouveia, Porto-Portugal, 2018, 85 p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância (Org.). **Campus computing Report.Br**: a computação e tecnologia da informação nas instituições de ensino superior no Brasil. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância (Org.). **Censo ead.br**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010. Informações estatísticas sobre o mercado de EaD no Brasil.

ABRIL EDITORA. **Tudo dicionário enciclopédico ilustrado**; vol.1 e 2; São Paulo - SP; Abril Editora; 1977; 1322, p.

ALVES, da Silva, Karen; P. de Castro, Maria Fausta. **Os anagramas de Saussure: Saussure sob Saussure?>** (PDF). Universidade Estadual de Campinas. Consultado em 7 de dezembro de 2012.

ANDERSON, Terry; FATHI, Elloum. **Theory and Practice of Online Learning**. Athabasca: Athabasca University, 2004.

AQUINO, Tomás. **Os pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000, 288 p.

AVE MARIA. **O Sudário**, VHS – NTSC; 3. Ed.; 2000; edição em português; Ave Maria O mnmidia; Produção e direção Aberto Di Giglio; 73 min.

BARTH, Karl. **Dádiva e Louvor**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996, 432 p.

BEHAR, Patrícia Alejandra (Org.). **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BELL, Albert A. Jr. **Explorando o Mundo do Novo Testamento**. Belo Horizonte – MG: Editora Atos, 2001, 261 p.

BÍBLIA. **Bíblia Apologética**; Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto original; ICP Editora; São Paulo-SP: ICP, 2000; 1520 p.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo de Genebra**; São Paulo - SP e Barueri; Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil; 1999; 1728 p.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Indutivo**; Almeida Corrigida, Fiel. São Paulo-SP: Vida, 1997, 2032 p.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Vida**; Almeida Revista e Atualizada. São Paulo-SP: Vida, 1999, 2134 p.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**; Nova Edição Revista e ampliada. São Paulo-SP: Paullus, 2003, 2206 p.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**; Edição Pastoral. São Paulo-SP: Paullus, 1990; 1363 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BULTMAN, Rudolf. **Milagres: Princípios de Interpretação do Novo Testamento**. São Paulo – SP: Novo Século, 2003, 48 p.

BULTMAN, Rudolf. **Jesus Cristo e Mitologia**. 3ª Edição, São Paulo – SP;

BULTMANN, Rudolf. Novo Testamento e a Mitologia. In: **Crer e Compreender**. artigos Selecionados. Editor: Walter Altmann. Editora Sinodal. São Leopoldo, RS.

BURGESS, Stanley M; van der Maas, Eduard M, eds. "Neocharismatics". **New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. Grand Rapids: Zondervan, 2002.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. São Paulo – SP: Edições Vida Nova, 1995; 508 p.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis e São Paulo: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997.

CARVALHO, J. B. **A bomba**. Brasília-DF: Doxa, 2001, 135 p.

CESARÉIA, Eusébio. **História Eclesiástica**. São Paulo – SP: Novo Século, 1999, 1999347 p.

CHAVES FILHO, Hélio et al. **Educação a distância em organizações públicas**, Mesa redonda de pesquisa-ação. Brasília: ENAP, 2006.

CLARK, Ruth Colvin; MAYER, Richard E. **E-Learning and the Science of Instruction: Proven Guidelines for Consumers and Designers of Multimedia Learning**.

COMBLIN, José. **Quais os Desafios dos Temas Teológicos Atuais?**. São Paulo – SP: Paulus, 2005; 95 p.

CRABTREE, A. R. **Teologia do Antigo Testamento**; 5. ed. Rio de Janeiro – RJ: Juerp, 1991, 300 p.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 9. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC, UNESCO, 2004.

DIDAQUÉ: **o Catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. 12. ed. São Paulo –SP: Paulus, 2003; 32 p.

DURAND, Gilbert. **A Fé do Sapateiro**. Trad. Sérgio Bath. Editora Universidade de Brasília. Brasília, DF. 1995. 233pp.

EDITORA CRISTÃ NOVO. **Livros Apócrifos da Bíblia**, Editora Cristã Novo Século, 2004, São Paulo – SP; 871, p.

ELWELL, Walter A. **Sociedade Religiosa**. Enciclopédia Teológico- Histórica da Igreja Cristã, São Paulo – SP: Vida Nova, 1990, 674 p.

ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

FAGALI, Eloísa Q. **Múltiplas Faces do Aprender**. São Paulo, Frôntis, 2000.

- FAGALI, Eloísa Q. Por que e como Psicopedagogia Institucional. In **Revista, Psicopedagogia** 17(46) – 1998.
- FILATRO, Andrea, **Design instrucional contextualizado- educação e tecnologia**. Ed. SENAC SP, 2004.
- FRANZ, Marie Louise von. **A Tipologia de Jung**. São Paulo, Cultrix, 1990.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Esperança** - Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido, 254 págs., Ed. Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Paulo Freire, 218 págs., Ed. Paz e Terra.
- GADOTTI, Moacir **Convite à Leitura de Paulo Freire**. 176 págs., Ed. Scipione
- GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo – SP: Vida, 1999, 674 p.
- GEORGE M. Piskurich: **Rapid instructional learning: ID Fast and Right**. Ed. Pfeiffer. 2000.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Filosofia e história da educação brasileira**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- GONZALEZ Mathias: **Fundamentos da tutoria em educação a distância**. 1ª edição. Ed. AVERCAMP. 2007
- GRAMSCI, Antonio. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GRENS, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de Teologia Edição de Bolso**. São Paulo-SP: Vida, 2001, 142 p.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo-SP: Vida Nova, 1999, 1046 p.
- HARRIS, Roy (1989). **Landmarks in Linguistic Thought 1: The Western Tradition from Socrates to Saussure** (em inglês). [S.l.]: Psychology Press. ISBN 9780415153621
- HENRY, Carl F. H. **Fronteiras na Moderna Teologia**. JUERP. Rio de Janeiro, RJ. 1975. 140pp.
- IMBERNÓN, Francisco (org.). **A educação no século XXI**. Os desafios do futuro imediato. Editora Grão, 1999.
- JOHNSON, L.; LEVINE, A.; SMITH, R.; STONE, S. **The 2010 Horizon Report**. Austin, Texas: The New Media Consortium, 2010. Relatório anual que prevê um horizonte de 5 anos para o uso de tecnologias no ensino superior. Ferdinand de Saussure. UOL - Educação. Consultado em 7 de dezembro de 2012
- JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Rio de Janeiro, Vozes, 10ª ed, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

KEMMER, Suzanne. **Biographical sketch of Ferdinand de Saussure**. Ling 403: Foundations of Linguistics (em inglês). Rice University. Consultado em 23 de dezembro de 2011.

KENSKI, M. VANI. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Editora: PAPIRUS. 2003. páginas 157.

KENSKI, M. VANI. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Editora: PAPIRUS. 2003. páginas 157.

KERSTEN, Holger. **Jesus Viveu na Índia: A Desconhecida História de Cristo Antes e Depois da Crucificação**. 23. ed., Rio de Janeiro – RJ: Editora Best Seller, 2006, 263 p.

LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto. 2a. edição. JUERP. Rio de Janeiro, RJ. 1993. 584pp.

LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. JUERP. Rio de Janeiro, RJ. Pág. 22.

LEMME, Paschoal. **Memórias**. São Paulo, Cortez / Brasília, INEP, v.2, 1988.

LEVI, Eliphaz. **Dogma e Ritual da Alta Magia**. São Paulo – SP: Pensamento; 468 pags.

LÉVY, P. **A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3a ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2ª ed., 2000.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNIO, J. B. **Qual o Futuro do Cristianismo**. São Paulo – SP: Paulus, 2006, 158 p.

LINDA Harasim; TELLES, Lucio; TORROFF, Murray. **Redes de Aprendizagem: um Guia para Ensino e Aprendizagem On-line**. Ed. SENAC. 2005. páginas 416.

LITTO, Fredric Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

É o nosso Handbook, com 461 páginas e 61 capítulos escritos por alguns dos principais especialistas brasileiros em EAD. Ganhou o Prêmio Jabuti no ano passado.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: ANPOCS, 1996.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson, 2007. Cf. [página](#) no livro neste blog.

MARIANO, Ricardo. **Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MATHER, George A. NICHOLS, Larry A. **Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo**. São Paulo – SP: Vida; 2000; 578 p.

MATTAR, João. **Games em educação: como os nativos digitais aprendem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. Cf. [página](#) do livro neste blog.

MCDOWELL, Josh. **As Evidências da Ressurreição de Cristo**, Os Fatos Históricos Comprovam a Ressurreição de Cristo. 3. ed. São Paulo – SP: Candeia, 1994.; 235 p.

MONTAGNINI, Magda Ivonete. **Aproximações à Didática de Inspiração Piagetiana**. Disponível em:
http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/IIedipe/pdfs/aproximacoes_a_didatica.pdf

MOORE, Michael Grahame (Ed.). **Handbook of distance education**. 2nd. ed. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007.
Dezenas de capítulos muito interessantes. Já existe uma nova edição.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **A educação a distância: uma visão integrada**. Trad. Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
O livro e a tradução tem vários problemas (cf. minha [resenha](#)), mas tem sido usado como referência no Brasil.

MORPURGO, Davies, Anna (2004). Sanders, Carol, ed. **Saussure and Indo European linguistics**. The Cambridge Companion to Saussure (em inglês). Cambridge: Cambridge University Press. p. 14

NOLAN, Albert. **Jesus Antes do Cristianismo**. São Paulo – SP: Paulus, 1987, 207 p.

OLIVEIRA, Ítalu Bruno Colares de. **A New Vison Cristologic Modalist**. EUA - Mississipi: American World University , 2007; Tese; 87 p.

OLIVEIRA, Ítalu Bruno Colares de. **Antioch Theological Seminary**. Dissertação de Mestrado em Missiologia. Taguatinga –DF: A Ação Missiológica de Deus Através da História da Humanidade, 2006, 55 p.

OLIVEIRA, Ítalu Bruno Colares de; **O Pensamento Teológico e Filosófico de Rudolf Bultmann**; EmillBrunner Editorial, Brasília-DF, Brazil, 2015, 90p.

OLIVEIRA, Ítalu de. **Noções Básicas de Cristologia**. Taguatinga –DF: Studio 9 Produções, 2007; Áudio Aula; 45 min. Aprox.

ORRÚ, Geruásio F. **Sociedade Religiosa**. Os Manuscritos de Qumram e o Novo Testamento, São Paulo – SP: Vida Nova, 1993; 87 p.

OZMON, Howard A.; CRAVER, Samuel M. **Fundamentos filosóficos da educação**. 6. ed. Porto Alegre: Artimed, 2004.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula on-line**. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artimed, 2002

PEARLMAN, Mayer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. São Paulo – SP: Vida, 2001, 260 p.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição**: tendências e desafios. Trad. Leila Ferreira de Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**: experiências e estágio da discussão numa visão internacional. Trad. Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2001.

PETERS, Otto. **A educação a distância em transição**: tendências e desafios. Trad. Leila Ferreira de Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.
Cf. minha resenha.

PIERATT, Alan B. **O Evangelho da Prosperidade**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PIETROFORTE, Antonio Vicente (2004). Fiorin, José Luiz, ed. **A língua como objeto da Lingüística**. Introdução à Lingüística. I. Objetos teóricos 3ª ed. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-192-1

PINHEIRO, Jorge; PRINTIPO; Damaia. **O Messianismo**. Lisboa, 114 p.

PRICE, Donald E. **Que será Daqueles que Nunca Ouviram?**. São Paulo – SP: Edições Vida Nova, 2000, 103 p.

RAMM, Bernard. **Diccionario de Teologia Contemporanea**. Trad. Roger Velásquez Valle. Casa Bautista de Publicaciones. El Paso, TX. 1990. 143pp.

RICHARD, Don. **O Fator Melquisedeque** – O Testemunho de Deus nas Culturas Através do Mundo. São Paulo – SP: Vida Nova, 1995, 181 p.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave Lingüística do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995, 639 p.

RUBY, Paulo. **As Faces do humano**. Estudos da Tipologia Junguiana e Psicossomática. Oficina de Textos. 1998.

SANTIAGO, William Soto. **A restauração de Israel/ La Restauracion de Israel**. Brasília-DF: Primogênitos/Bilíngüe, 210 p.

SANTOS, Roberto. **Teologia Sistemática**. Goiânia – GO: Karis; 2005, 128 p.

SANTOS, Roberto. **Uma Igreja na Contra Mão**. Goiânia – GO, 2006, 95 p.

SARAVALI, Eliane Giachetto. Contribuições da teoria de Piaget para a formação de professores. In: ETD – **Educação Temática Digital** 5 (2004), 2, pp. 23-41. Disponível em: <http://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10393>

SAUSSURE, Ferdinand de (2002). **Curso de Lingüística Geral**. 30ª ed. São Paulo: Cultrix. ISBN 85-316-0102-9.

SENN, Arnaldo. **Alerta Geral** - Sobre Seitas e Heresias, 2005, 240 p.

SÉRIE EM VÍDEO: 3 volumes; Jesus e Sua Época; Reader`s Digest, Volume 1 Jesus – **A História Começa**; Volume 2 Jesus no Meio do Povo; 3 Jesus- Os Últimos Dias; VHS, hi –fi, Stereo.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**. Rio Grande do Sul.

SILVA, Marco (Org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003.

SILVA, Marco Antonio da; SANTOS, Edmea. **Avaliação da aprendizagem em educação online**. Loyola, 2006.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (Org.). **Educação online**: cenário, formação e questões didático-metodológicas. Rio de Janeiro: Wak, 2010. Novo, lançado no Endipe 2010, em Belo Horizonte.

SILVA, Marco; SANTOS, Edméa. (Org.). **Avaliação da aprendizagem em educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: Vida e Obra. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

STEGEMANN, Ekkehard W. **História Social do Protocristianismo**. São Paulo – SP e São Leopoldo – RS: Wolfgang; Synodal e Paulus, 2004, 596 p.

SUFFERT, Georges. **Tu És Pedro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, 519 p.

SUPER INTERESSANTE, **Jesus o Filho de Deus**; DVD; Super Interessante/ BBC Religiões; Abril.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget**. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>

THISSEN, Henry Clarence. **Palestras em Teologia Sistemática**. São Paulo – SP: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1994, 375 p.

TILICH, Paul; Synodal. **Teologia Sistemática**. 5. ed. São Leopoldo – RS; 2005, 868 p.

TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas. São Paulo: Senac SP, 2010.

TREVISIO, Vanessa Cristina e ALMEIDA, José Luís Vieira de. O Conhecimento em Jean Piaget e a Educação Escolar. In: **Cadernos de Educação**: Ensino e Sociedade, Bebedouro (SP), 2014. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074544.pdf>

VALENTE, Carlos; MATTAR, João. **Second Life e Web 2.0 na educação**: o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec, 2007. Cf. [página](#) do livro neste blog.

VALENTE, José; ELISABETTE, Maria. **Educação a distância via internet**. Editora Avercamp.

VALENTINI, Carla; MARIA, Eliana. **Aprendizagem em ambientes virtuais**, 1ª edição, Ed: EDUCS 2005

VIDA NOVA. **O Novo dicionário da Bíblia** único Volume, São Paulo – SP: Vida Nova; 1995, 1680 p.

VIDA NOVA. **O Novo Testamento Trilingui**. São Paulo – SP: Vida Nova, 1998; 729 p.

WIPPLER, Migene González.São Paulo – SP: Editora Pensamento, 2006; 191 p.

➤ SITES CONSULTADOS

www.ebwus.com

www.emillbrunner.com

<http://ebwus.com/BR/marca.html>

<http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc031.pdf>

<http://www.ead.com.br/ead/como-surgiu-ensino-a-distancia.html>

<http://seer.upf.br/index.php/rbca/article/viewFile/961/781>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762004000200006

https://www.uninter.com/graduacao-ead/curso-teologia/?gclid=CjwKCAjws6jVBRBZEiwAkIfZ2pL0o7VycA0JyS44b1qKivMy_qTb6VBePXPZuya67gwtTFSanx8OYRoCUEYQAvD_BwE

<https://www.mundovestibular.com.br/articles/17305/1/Quanto-custa-estudar-Teologia/Paacutegina1.html>

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/iniciacao-profissional/freud-e-a-psicanalise-psicologia-da-educacao/37939>

<http://www.revistaeducacao.com.br/as-principais-contribuicoes-de-jacques-lacan-para-educacao/>

<https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-influencia-marx-na-educacao.htm>

<http://www2.unifesp.br/centros/cedess/pbl/>

<http://www.eetad.com.br/v4/curriculo/>

<https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-de-educacao-piagetiano/>

<https://googleweblight.com/i?u=https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/as-contribuicoes-teoricas-de-lev-vygotsky-para-a-aprendizagem/32650&hl=pt-BR>

<http://psicopedagoga-claudia.blogspot.com.br/2009/09/jung-e-educacao.html?m=1>

http://www.monergismo.com/textos/teologia/teologia_rudolf.htm

<http://psicopedagoga-claudia.blogspot.com.br/2009/09/jung-e-educacao.html?m=1>

<http://seer.upf.br/index.php/rbca/article/viewFile/961/781>

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762004000200006

https://www.uninter.com/graduacao-ead/curso-teologia/?gclid=CjwKCAjws6jVBRBZEiwAkIfZ2pL0o7VycA0JyS44b1qKivMy_qTb6VBePXPZuya67gwtTFSanx8OYRoCUEYQAvD_BwE

<https://www.mundovestibular.com.br/articles/17305/1/Quanto-custa-estudar-Teologia/Paacutegina1.html>

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/iniciacao-profissional/freud-e-a-psicanalise-psicologia-da-educacao/37939>

<http://www.revistaeducacao.com.br/as-principais-contribuicoes-de-jacques-lacan-para-educacao/>

<https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>

<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-influencia-marx-na-educacao.htm>

<http://www2.unifesp.br/centros/cedess/pbl/>

<http://www.eetad.com.br/v4/curriculo/>

<https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-de-educacao-piagetiano/>

<https://googleweblight.com/i?u=https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/as-contribuicoes-teoricas-de-lev-vygotsky-para-a-aprendizagem/32650&hl=pt-BR>

<http://psicopedagoga-claudia.blogspot.com.br/2009/09/jung-e-educacao.html?m=1>

http://www.monergismo.com/textos/teologia/teologia_rudolf.htm

<http://psicopedagoga-claudia.blogspot.com.br/2009/09/jung-e-educacao.html?m=1>



Dr. Ítalu Bruno Colares de Oliveira - PhD, PD

Pesquisador internacionalmente reconhecido, com QI de 143, possui ampla formação acadêmica, incluindo Pós Doutorado em E-Learning, PhD em Teologia e doutorado em Ciências da Religião. Com extensa lista de pós-graduações e certificações, é empreendedor certificado pelo MIT e certificado pela NASA no projeto cientista por um dia. Além de sua carreira acadêmica é escritor de diversas obras, produz artigos científicos para revistas Qualis além de produzir conteúdo para Tv, rádio e jornais. O mesmo foi apresentador do programa diálogo teológico na Rede TV

Dr. Luis Borges Gouveia - PhD, PD



Possui graduação em Licenciatura em Matemáticas Aplicadas/Informática pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique (1989), mestrado em Engenharia Electrotécnica e de Computadores pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (1994) e doutorado em Ciência da Computação pela Universidade de Lancaster (2002). Atualmente é professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Ciência da Computação, atuando principalmente nos seguintes temas: tecnologias de informação e da comunicação, sociedade da informação, distance learning, information technologies e cidades e regiões digitais.

CODIGO ILUSTRATIVO**



ITALU COLARES
EDITORIAL